

**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

CAROLINA QUEIROZ ANDRADE

“A FALA BRASILIENSE: origem e expansão do uso do pronome *tu*”

Brasília-DF

2015

CAROLINA QUEIROZ ANDRADE

“A FALA BRASILIENSE: origem e expansão do uso do pronome *tu*”

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística à **Banca de Exame de Doutorado** do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre.

Brasília-DF

2015

CAROLINA QUEIROZ ANDRADE

“A FALA BRASILIENSE: origem e expansão do uso do pronome *tu*”

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística à **Banca de Exame de Doutorado** do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre (UnB/UFES)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Carvalho (AZ)

Prof. Dr.^o Gregory R. Guy (NYU)

Prof.^a Dr.^a Ulisdete R. de S. Rodrigues (UnB)

Prof.^a Dr.^a Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho (UnB)

Prof.^a Dr.^a Heloísa Moreira Salles (UnB)

Brasília, 15 de dezembro de 2015

À Marta Scherre, em singela
homenagem ao seu exemplo.

AGRADECIMENTOS

Às diversas figuras de Deus ou desse sentimento de unidade.

À minha querida e generosíssima orientadora, Marta Scherre, cuja sabedoria e atuação vão muito além das esferas das acadêmicas.

Às minhas queridas professoras da UnB, Janaína de Aquino Ferraz, Orlene Lúcia Saboia, Heloísa Salles, Rachel Dettoni, Denise Helena, pelo incentivo à pesquisa e à vida acadêmica.

À banca, cujos ensinamentos foram excepcionais.

Ao Greg e à Universidade de Nova York (NYU), pela maravilhosa experiência do Doutorado Sanduíche.

À minha família, principalmente ao Alexandre e à Duda, pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos, que são diversos e maravilhosos.

Sem cada uma dessas pessoas já citadas eu acho que teria *pirado*.

Gostaria de agradecer especialmente à Fernanda Gláucia, por tantas sugestões e conexões, à Cíntia Pacheco, parceira na estrada acadêmica. À Lara Litvin, pelas sugestões e revisões tão valiosas, à Renata Prata, pela tradução do abstract. Às professoras Sila Melo e Andrea Longo, e às escolas que receberam e apoiaram esta pesquisa de forma tão generosa. Oxalá os trabalhos de doutoramentos sempre possam contar com variadas colaborações tão generosas, como ocorreu no meu caso.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL).

A todos que participaram da pesquisa fornecendo dados, depoimentos e *feedbacks*.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Alexandre, pelos incentivos financeiros.

Brasília: Esplendor

*(fragmentos de crônicas sobre a cidade,
de Clarice Lispector)*

*“(...) Brasília ainda não tem o homem de
Brasília (...) – É urgente: se não for
povoada, ou melhor, superpovoada, será
tarde demais: não haverá lugar para as
pessoas (...) Só peço um favor, Brasília,
de você: não entre numa de falar
Esperanto(...) E sou familiar, eu sou
você, não faça cerimônia. Vai ser assim:
eu o trato de senhor doutor e você me
trata de tu (...)”.*

RESUMO

O presente trabalho analisa a focalização do dialeto brasiliense, voltando-se para o estudo da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *você/ cê/ tu* na fala de crianças e adolescentes nativos de Brasília. Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov & Herzog (1968), esse estudo pauta-se por investigar o uso real da língua, realizando análise a partir de um quantitativo expressivo de dados, tratados estatisticamente pelos programas *Varbrul* (1988/1989) e *GoldvarbX* (2005). Assim, investigam-se quais fatores linguísticos e sociais favorecem a ocorrência do pronome *tu*, variante inovadora nessa comunidade de fala, e associam-se esses resultados às evidências sobre o fenômeno da focalização dialetal. Ao que tudo indica, por influência da alta migração nordestina para Brasília, desde sua fundação, o *tu* surge no dialeto brasiliense a partir da década de 2000, e se espalha, posteriormente, por influência da própria comunidade. Durante as primeiras décadas da cidade, ocorria o processo conhecido por neutralização, em que a variante inovadora não ocorria em Brasília justamente porque as formas marcadas tendem a não ocorrer, e o *tu* é, em termos gerais, marcado no português brasileiro. Já no período posterior à neutralização, conhecido por focalização, as marcas já são possíveis de ocorrer, e ocorrem no novo dialeto. A incidência de *tu* na fala brasiliense pode, então, ser interpretada como uma forte evidência de que esta cidade está vivendo o momento de focalização de seu dialeto. As contribuições dessa tese permitem que se discutam critérios para nortear teorizações de como ocorre a focalização dos dialetos nascituros, tópico ainda pouco discutido na literatura linguística. Além disso, a presente tese também discute um espectro de influências que regem a variação pronominal no dialeto brasiliense, como sexo, faixa etária, localidade, tipo de escola, interação, função sintática, paralelismo, entre outros.

Palavras-chave: dialeto brasiliense; variação de pronomes; focalização dialetal.

ABSTRACT

The present work analyzes the focusing on Brasilia dialect, turning to the study of variation of second person pronouns singular *você / cê / tu* speech of native children and adolescents of Brasilia. Based on the Theory of Variation and Change, delineated by Weinreich, Labov & Herzog (1968), this study pursues to investigate the current use of the language, performing analysis from a significant quantity of data processed statistically by VARBRUL (1988/1989) and GoldvarbX (2001) programs. Thus, it investigates which linguistic and social factors enable the occurrence of the pronoun *tu*, innovating variant in that linguistic community, and those results are associated with the evidence about the focusing. Apparently, *tu* appears in Brasilia dialect from 2000s through the influence of a lot of migration of Northeast people to Brasilia, and spreads later, under the influence of the community. During the first decades of the city, occurred the period known as neutralization, in which the innovative variant did not occur in Brasilia precisely because the marked forms tend not to occur, and *tu* is, in general terms, marked in Brazilian Portuguese. As for the period after the neutralization, known as focalization, the marks are already likely to occur in the new dialect. The incidence of *tu* in the Brasilia speech can then be interpreted as a strong evidence that this city is living the moment to focused on their dialect. The contributions of this thesis allow one to discuss criteria to guide theories as how occurs the focalization of the unborn dialects (topic still not common in the linguistic literature). In addition, this thesis also discusses other influences concerning the pronoun variation in Brasilia dialect, such as sex, age, locality, type of school, interaction, syntax function, parallelism, among others.

Keys-words: brasiliense dialect; pronoun variation; dialectal focusing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Região Norte	59
Figura 2 – Mapa da Região Nordeste.....	60
Figura 3 – Mapa da Região Sul.....	61
Figura 4 – Mapa da Região Sudeste.....	63
Figura 5 – Mapa da Região Centro-Oeste.....	64
Figura 6 – Mapa do Brasil em função da variação pronominal	65
Figura 7 – Mapa dialetológico	69
Figura 8 – Mapa do Brasil representando a origem da população em Brasília.....	80
Figura 9 – Mapa de Brasília com as RAs marcadas.....	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pesquisa populacional em Brasília em 1960.....	77
Gráfico 2 – Origens da população brasileira em 2009.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Proposta de quadro pronominal para o PB.....	55
Quadro 2 – A variação <i>tu/você/cê</i> em Brasília, Distrito Federal, Região Centro-Oeste.....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População de Brasília em 1960.....	78
Tabela 2 – Origem da população de Brasília em função das principais influências migratórias	84
Tabela 3 – Origem da população da Vila Planalto em função das principais origens migratórias	85
Tabela 4 – Origem da população de Sobradinho em função das principais origens migratórias	86
Tabela 5 – Origem da população de Brazlândia em função das principais origens migratórias.	87
Tabela 6 – Origens da população brasiliense em função das regiões administrativas estudadas	88
Tabela 7 – Resultados gerais	97
Tabela 8 – Seleção <i>tu versus cê</i>	98
Tabela 9 – Seleção <i>tu versus você</i>	98
Tabela 10 – Seleção <i>cê versus você</i>	98
Tabela 11 – Efeito do Paralelismo em percentuais ternários	99
Tabela 12 – Efeito do Paralelismo em pesos relativos (rodada ternária, referência .33).....	99
Tabela 13A – Efeito do Paralelismo em percentuais binários.....	100
Tabela 13B – Efeito do Paralelismo em pesos relativos (rodadas binárias, referência .50).	100
Tabela 14 – Resultados gerais em percentuais com nulos	101
Tabela 15 – Efeito da Função sintática em dados de <i>tu versus você</i>	103
Tabela 16 – Efeito da Função sintática em percentuais.....	104
Tabela 17 – Efeito da Função sintática em pesos (ternárias, referência .33)	104
Tabela 18A – Efeito da Função sintática em percentuais (rodadas binárias)	104
Tabela 18B – Efeito da Função sintática em pesos (binárias, referência .50).....	104
Tabela 19 – Efeito do Tipo de interação em percentuais (rodada ternária).....	106
Tabela 20 – Efeito do Tipo de interação em pesos (rodada ternária, referência 0.33)	106
Tabela 21A – Efeito do Tipo de interação em percentagens (rodadas binárias).	107
Tabela 21B – Efeito do Tipo de interação em pesos (rodadas binárias, referência .50).....	107
Tabela 22A – Efeito do tipo de escola em pesos (ternária, referência .33).....	109

Tabela 22B – Efeito da localidade em pesos (ternário, .33).....	109
Tabela 23 – Efeito da localidade + tipo de escola: índices de classe social (percentuais, ternário)	110
Tabela 24 – Efeito da localidade + tipo de escola: índices de classe social (em pesos ternários, referência .33)	110
Tabela 25 – Efeito da localidade + tipo de escola: índices de classe social (percentuais, binários).....	112
Tabela 26 – Efeito da localidade + tipo de escola: índices de classe social (em pesos binários, referência .50)	112
Tabela 27 – Efeito das origens das mães em percentuais	114
Tabela 28 – Efeito das origens das mães em pesos relativos (ternários, referência .33)	115
Tabela 29A – Efeito das origens das mães percentagens binárias.....	115
Tabela 29B – Efeito das origens das mães em pesos relativos (binários, referência .50)	115
Tabela 30 – Efeito do tipo de referência em percentuais	116
Tabela 31 – Efeito do tipo de referência em pesos relativos (ternária, referência .33)	116
Tabela 32A – Efeito do tipo de referência em percentuais binários.....	117
Tabela 32B – Efeito do tipo de referência em pesos relativos (binárias, .50).....	117
Tabela 33 – Tipo de entonação em percentuais (declarativas, exclamativas versus interrogativas)	118
Tabela 34 – Tipo de entonação em pesos relativos (ternárias, referência .33).....	118
Tabela 35A – Entonação percentagens binários	118
Tabela 35B – Tipo de entonação em pesos relativos (binárias, referência .50)	118
Tabela 36 – Faixa etária em 2007 (percentuais e pesos)	119
Tabela 37 – Faixa etária em 2010 (percentuais)	120
Tabela 38 – Efeito de Três faixas etárias em percentuais	120
Tabela 39 – Efeito de Três faixas etárias em pesos relativos (ternária, referência .33)	120
Tabela 40A – Efeito de Duas faixas etárias em percentuais ternários	121
Tabela 40B– Efeito de Duas faixas etárias em pesos relativos ternários (referência .33)	121
Tabela 40C – Efeito de Duas faixas etárias em percentuais binários.....	121

Tabela 40D – Efeito de Duas faixas etárias em pesos relativos (binárias, referência .50).....	122
Tabela 41 – Resultados gerais quanto ao sexo, com referência .50 (estudo de 2005).....	123
Tabela 42 – Resultados gerais, com as três faixas etárias em função do sexo, com referência .50 (estudo de 2007)	123
Tabela 43 – Resultados quanto ao sexo, com referência .50 (estudo de 2007)	123
Tabela 44 – Efeito do fator sexo em rodadas binárias dos dados da Vila Planalto, referência .50, sem seleção (estudo de 2010)	124
Tabela 45 – Efeito do Sexo em percentuais	124
Tabela 46 – Efeito do Sexo em pesos relativos (ternária, referência .33)	124
Tabela 47A – Efeito do Sexo em percentuais binários.....	125
Tabela 47B – Efeito do Sexo em pesos relativos (binárias, referência .50)	125

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. TEORIA E METODOLOGIA	18
2.1 Teoria	18
2.2 Ferramentas de análise e métodos	32
2.3 Breves considerações sobre a coleta de dados	35
2.3.1 Composição da amostra	36
2.3.2 Amostra gravada entre 2008 e 2009, dados de fala na Vila Planalto e no Plano Piloto	37
2.3.3 Descrição das gravações do período 2008/2009: facilidades e dificuldades	39
2.3.4 Amostra gravada em 2012, coleta de fala em escolas em Sobradinho	42
2.3.5 Amostra gravada em 2014, coleta de fala em Brazlândia	43
2.3.6 Amostra gravada em 2015, coleta de fala em Brazlândia e Plano Piloto	44
2.4 Considerações sobre as amostras	45
3. SUPORTE BIBLIOGRÁFICO: OS PRONOMES, A VARIAÇÃO DOS PRONOMES NO BRASIL E EM BRASÍLIA	47
3.1 Dos pronomes	47
3.2 Pronomes no português	51
3.3 A Variação dos pronomes no português brasileiro sob uma perspectiva diatópica	56
3.3.1 Região Norte	57
3.3.2 Região Nordeste	59
3.3.3 Região Sul	60
3.3.4 Região Sudeste	62
3.3.5 Região Centro-Oeste	63
3.4 Breve história dos estudos sobre a variação <i>tu/ você (cê)</i> em Brasília	65
3.5 Os falares no português brasileiro e os <i>status</i> dos pronomes	68
3.5.1 Algumas considerações sobre a fala no português brasileiro	68
3.5.2 Status das variantes	69
3.6 Considerações sobre o suporte bibliográfico dos pronomes analisados	72
4. A HISTÓRIA DE BRASÍLIA	74
4.1 Sobre a decisão de coletar dados nas localidades: Plano Piloto, Vila Planalto, Sobradinho e Brazlândia	81
4.2 Plano Piloto	84
4.3 Vila Planalto	84
4.4 Sobradinho	85
4.5 Brazlândia	86

4.6 Considerações gerais sobre as origens da população em Brasília em função das regiões administrativas estudadas	87
5. ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO	90
5.1 Estado da arte do dialeto brasiliense – quais as tendências observáveis?	90
5.2 Nossa análise	93
5.2.1 Paralelismo	98
5.2.2 Função sintática	101
5.2.3 Tipo de interação entre os interlocutores	105
5.2.4 Localidade e tipo de escola: indícios de classe social	108
5.2.5 Origem	114
5.2.6 Tipo de referência	116
5.2.7 Entonação	117
5.2.8 Faixa etária	119
5.2.9 Sexo	123
5.3 Considerações gerais sobre a análise de resultados	126
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	138

1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da Linguística no Brasil, há uma poderosa gama de pesquisadores voltados aos estudos científicos sobre os fenômenos da linguagem, dentre os quais destacamos os estudos desenvolvidos pela Sociolinguística, trazida para o Brasil, inicialmente, pelo professor Anthony Julius Naro na década de 1970.

Entre as análises de uso real da língua feitas, até então, pela Sociolinguística, destacamos um fenômeno que ocorre em todos os países do mundo e também no Brasil: a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular. Há inúmeras pesquisas que investigam esta variação em todas as regiões brasileiras. Essa variação é bastante rica, mas, como precisamos delimitar as análises a fim de compilar um recorte para uma tese, estudaremos a variação entre as formas *tu/ você/ cê* que ocorre na cidade de Brasília, entendida aqui como o Distrito Federal (DF). Eis alguns dados exemplificadores:

L: tia, *tu* é flamenguista?

L: {init} a *senhora*¹ é alta, *cê* dá conta?

L: não? Ela não é melhor que *você*?²

Por meio da análise dessa variação, pretendemos responder às seguintes questões: 1) Brasília tem seu próprio modo de falar, um dialeto brasiliense? 2) Como e por que se fala o pronome *tu* em Brasília? 3) Ocorre um espraiamento desse pronome ou ele está localizado em uma determinada faixa etária (nos termos de LUCCA, 2005, e DIAS, 2007)? Caso ocorra o espraiamento, como ele se dá/dará? Decorrem de nossas respostas as seguintes contribuições: a) ampliação e sedimentação das pesquisas brasileiras sobre a variação de pronomes; b) acompanhamento do fenômeno de variação em Brasília, dando continuidade às seguintes pesquisas desenvolvidas anteriormente: Andrade (2004), que estudou a variação entre as formas *você/ ocê/ cê*; Lucca (2005), que estudou a variação entre *tu/ você* (incluindo *cê* junto com *você*); Dias (2007), que estudou a mesma variação entre *tu/ você* (incluindo *cê* junto com *você*); e Andrade (2010), que estudou a variação entre *tu/ você/ cê*; c) acompanhamento do estágio de

¹ A forma *senhor(a)* entra para nossas análises em alguns momentos, como teremos oportunidade de demonstrar, mas a maioria das análises considerará apenas as três formas: *você/ cê/ tu*.

² Dados de um menino de 12 anos, brasiliense, em interação realizada em uma escola da Vila Planalto, no ano de 2009. Os três turnos de fala exemplificados tiveram como interlocutora a pesquisadora.

focalização dialetal que ocorre em Brasília nos termos de Hanna (1986), Corrêa (1998), Bortoni-Ricardo et al. (2010) e Andrade (2010). Sendo assim, vamos contribuir para o desenvolvimento de estudos sociolinguísticos no Brasil e, em especial, em Brasília.

O registro da entrada do pronome *tu* no repertório linguístico do brasileiro ocorreu no início da década de 2000. Àquela época, o pronome *tu* em Brasília era, até então, uma novidade, e, antes desse período, o *tu* era sentido como um pronome totalmente “estranho à comunidade”.

Como uma cidade nova, cuja fundação se deu em 1960, Brasília passou por um intenso período de nivelamento dialetal em suas primeiras décadas, em que o pronome de segunda pessoa utilizado era predominantemente o *você*, seguido por sua variante mais gramaticalizada, o *cê* (cf. ANDRADE, 2004). Isso certamente ocorreu por ser o pronome *você* de *status* menos marcado no território nacional. Além disso, Brasília seria geograficamente um *locus* propício ao uso da variante *você*, se considerarmos as sínteses de Scherre et al. (2009 e 2015) sobre a distribuição geográfica da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular por todo o Brasil, a partir de diversos trabalhos de inúmeros pesquisadores brasileiros.

Com base em estudos que levam em consideração a questão da formação dialetal e grande movimentação geográfica (cf. HAZEN, 2005; KERSWILL e TRUDGILL, 2005; MEYERHOFF, 2006), consideramos que a entrada do *tu* no escopo linguístico dessa cidade em formação não seria esperada neste momento, pois, como a variedade brasileira estaria em pleno período de formação, a expectativa seria de estabelecimento de formas linguísticas não marcadas. Ocorre, porém, que o brasileiro também tem lançado mão de uma variante marcada para se referir à segunda pessoa do singular, e o *tu* surge na fala brasileira em função de diversos fatores sociais, tais como: idade (na fala dos jovens entre 13 a 19 anos), sexo (na fala de pessoas do sexo masculino), origem dos pais (na fala de pessoas cujas pais, ou melhor, mães, são oriundas do Nordeste), local de residência e tipo de escola frequentada como reflexos do fator classe social (ainda por ser estudado).

Assim, por si só, a entrada do *tu* na variedade de fala brasileira já se configura como mudança linguística que ocorreu em Brasília, ainda que a fala brasileira continue passando por período de focalização, ou, em outras palavras, por um processo de formação de uma identidade linguística própria. O espriamento desse fenômeno, ou

seja, a expansão do pronome *tu* em Brasília, deve ser verificado e explicado através de uma agenda de análises que leve em conta as origens dos migrantes, mas que inclua e/ou desenvolva um modelo de formação dialetal. Uma investigação acurada se faz necessária para percebermos em que direção a inclusão do *tu* no dialeto brasiliense nos levará quanto a esse modelo. Ao compararmos o uso do *tu* em diversos estados brasileiros, por exemplo, é possível pressupor que seu comportamento em Brasília se alinhe hoje ao comportamento verificado no Rio de Janeiro, pois em ambos não há a possibilidade de o *tu* ocorrer com concordância verbal e, além disso, o *tu* está mais presente em falas masculinas, dos mais jovens, em situações comunicativas bastante informais e solidárias (cf. PAREDES, 2003; ANDRADE, 2010).

Além de investigar o espraiamento do *tu* na fala brasiliense, nossos estudos se voltarão para aprofundar a compreensão sobre as influências que ocorrem nesse fenômeno, ou seja, como essa influência se deu no passado, como se dá hoje e quais as projeções desse fenômeno para o futuro. A partir daí, poderemos esboçar uma teoria para o entendimento do tipo de focalização que ocorre em Brasília.

Consideramos importante destacar que o brasiliense tem extremo interesse na cultura que se desenvolve em sua cidade natal. Com base em experiências pessoais e observações da comunidade, percebe-se que, por ser esta uma nova comunidade, seus nativos, inúmeras vezes, se frustraram ao não serem identificados ou ao serem identificados como natos de um local sem cultura própria. Aceitou-se por décadas a noção de que não havia cultura local em Brasília e que, nesta cidade, só havia uma miscelânea de diversas outras culturas brasileiras, mas já há algum tempo que os brasilienses desejam ser reconhecidos como brasilienses. Desde a infância os nativos do cerrado desejam reconhecer a sua cultura como própria, brasileira, distinta das demais culturas, assim como as culturas carioca, mineira, goiana ou baiana. Já há algum tempo que buscamos saber se temos traços culturais, ainda que sutis, mas que sejam *nossos*. A tarefa de desenvolver o (re)conhecimento pela cultura brasiliense se coloca para muitos pesquisadores interessados na cultura e no dialeto que se desenvolve em Brasília, essa, porém, não é uma tarefa simples.

A título de curiosidade, todo brasiliense usa duas expressões muito conhecidas no Brasil inteiro: “*oxe*” e “*uai*”. A primeira expressão, *oxe*, é uma interjeição popular nordestina que exprime (segundo os dicionários *online* Caldas Aulete e Houaiss)

estranheza, surpresa, espanto, indignação etc. E há duas propostas de origem para *oxe*, que é, na verdade, o diminutivo da expressão “oxente”³, são elas: 1) mudança da expressão arcaica portuguesa *ó gentes* pelos processos de aglomeração e ensurdecimento (cf. Dicionário *online* Caldas Aulete⁴); 2) origem galega decorrente de um movimento migratório desses povos para o nordeste brasileiro no século XIX. Fato inegável é de que essa interjeição é, pois, associada à identidade nordestina. O *uai*, por sua vez, é uma interjeição popular mineira que igualmente exprime estranheza, espanto, surpresa, mas também pode exprimir contrariedade ou, ainda, reforço do próprio discurso (cf. Dicionário *online* Caldas Aulete). Ambas as expressões foram usadas com frequência por nossos informantes.

Infere-se dessas observações que o brasiliense recebe, aceita, abraça e absorve muito das demais culturas brasileiras, sendo esta característica um fator da própria cultura local, que aqui se desenvolve. Por outro lado, o brasiliense faz questão de se distanciar veementemente da cultura goiana, por exemplo, quando rejeita a absorção da realização do *r* retroflexo e de outras características de fala goiana (talvez por sua localização ser fundamentalmente goiana). Mesmo parecendo contraditório, de fato, o povo brasiliense não parece nutrir outros preconceitos contra nenhuma cultura, recepcionando migrantes de todo o Brasil de forma igualitária, mesmo os goianos, e, mais que isso, criando uma simbiose com os candangos para se definir e definir a cultura de sua cidade. Há uma diferença entre candangos e brasilienses. O candango é o pioneiro migrante, que desenvolveu identidade com Brasília; enquanto o brasiliense nasceu na cidade, sendo, portanto, natural de Brasília. Vale reconhecer, depois desse discurso, que, como os demais brasileiros, como os demais humanos, o brasiliense também tem seus preconceitos sociais, mas isto não parece decorrer (até onde pudemos perceber da cultura em desenvolvimento nesta cidade) de nenhuma origem geográfica específica, além das percepções acerca da cultura goiana já explicitada.

Assim, uma curiosidade natural do brasiliense diz respeito a sua própria fala. Esse assunto já permeou o imaginário de todo brasiliense e permeia, por vezes, o imaginário também do candango. Desejamos legitimar esse desejo por uma fala própria e, quiçá, desvendá-la como uma realidade.

³ Popularmente também há a hipótese de que essa expressão seja de origem inglesa, resultado de um abasileiramento da expressão inglesa “Oh shit!”.

⁴ Disponível em <http://www.aulete.com.br>, acessado em 20/12/2015.

Nossas análises serão feitas sob os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística variacionista laboviana, em que realizamos gravações da fala e posterior coleta de dados de uso real da língua, tratamento dos dados por programas estatísticos (GoldvarbX, 2005, e Varbrul, 1988/1989), análise acurada dos resultados numéricos e uma profunda análise subjetiva de todo o processo de pesquisa, aprofundamento qualitativo fundamental em qualquer trabalho quantitativo (este assunto será mais aprofundado em pressupostos teóricos e metodológicos).

Nosso trabalho será composto de mais cinco partes: 2) Teoria e metodologia; 3) Suporte bibliográfico dos pronomes; 4) A história de Brasília; 5) Análise dos resultados; e 6) Considerações finais.

2. TEORIA E METODOLOGIA⁵

2.1 Teoria

Apresentamos um recorte da teoria que embasa o presente trabalho, que é a Teoria da Variação e da Mudança Linguística delineada por Weinreich, Labov e Herzog em 1968. Antes, porém, de entrarmos nas entranhas da teoria, é importante entendermos o porquê do surgimento dela. Os autores anteriormente citados (2006, p. 33) fazem uma descrição do percurso histórico desenvolvido pela Linguística, desde Saussure até o desenvolvimento da Teoria da Variação e Mudança, que muito acrescenta em torno desse porquê.

Saussure, fundador da Linguística enquanto ciência, quando dividiu o foco dos estudos linguísticos voltados para a dicotomia *langue e parole*, apesar de não desprezar a importância de estudos focados na fala, postulou que os estudos linguísticos elencassem a língua (em sua estrutura interna) como instrumento de investigação. Esse período de foco (principalmente) na língua, conhecido por estruturalismo, se estendeu pelo meio século seguinte de desenvolvimento da Linguística, inspirando, inclusive, outras agendas de subáreas da Linguística (a Teoria Gerativa, por exemplo) a focar na língua. Só em meados da década de 1960, surgiu e tomou corpo a teoria desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (1968) que, entre outras contribuições da Sociolinguística, realocou as questões relacionadas à *parole* (fala) no escopo dos estudos linguísticos.

Assim, a Teoria da Variação e Mudança se baseia nos princípios do estruturalismo, princípios da Linguística Histórica e análises desenvolvidas pelos autores Weinreich, Labov e Herzog quanto à necessidade de observação do uso da língua em seu estado real (em uso) e dos fatores externos às línguas (ou extralinguísticos) e/ou sociais que as influenciam.

A Teoria da Variação e Mudança discorre sobre a heterogeneidade ordenada das línguas, postulando que estas variam e mudam de forma estruturada, o que possibilita

⁵ Parte desse texto foi retirada e adaptada da dissertação de mestrado “Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense” (ANDRADE, 2010).

análises e descrições acuradas da variação, e significa dizer que as variações e mudanças linguísticas ocorrem de acordo com motivações linguísticas e sociais ou, dizendo de outro modo, de acordo com motivações internas e externas. E por que as variações e mudanças linguísticas ocorrem? Labov (2001, p. 510) preconiza que o conceito básico da mudança linguística é um não conformismo com as normas dominantes nos padrões da sociedade⁶. Isto quer dizer que as variações e mudanças, com ou sem consciência social, significam um afastamento das normas vigentes na sociedade em que os fenômenos atuam, atualizando essa sociedade, através da língua, com “novidades” em diversos segmentos: geracionais, culturais, filosóficos, estilísticos (mudanças em bases psíquicas/ políticas/ estéticas). O não conformismo que gera uma variação ou mudança não é contra diretamente o que preconizam formalmente as regras gramaticais (apesar de poder coincidir com elas), mas tende a ir de encontro a algum tipo de regra vigente (interna e/ou externa) na fala em uso em uma determinada comunidade, em um determinado momento. Esse não conformismo pode ser, inclusive, com o tipo de prestígio de que determinada regra goza.

Temos, assim, que uma vocação natural da área seja, justamente, estudar como, quando, onde e por que as línguas variam e mudam. Nesse sentido, Tagliamonte (2007, p. 3) teoriza:

A Sociolinguística tende a colocar ênfase na linguagem no contexto social. A análise da variação está incorporada à Sociolinguística, a área da Linguística que tem como ponto de partida as regras gramaticais e, em seguida, estuda os pontos em que essas regras fazem contato com a sociedade.

No mesmo sentido, Labov (2008, p. 21) teoriza:

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

⁶ Do original “the basic concept is that linguistic change is a deviation from accepted norms: it is a type of nonconformity to the dominant patterns of society”.

Assim, a língua deve ser estudada a partir de um *corpus* de fala que seja representativo da língua real em uso (em oposição ao tipo de estudo anteriormente vigente de analisar a língua a partir das intuições linguísticas dos pesquisadores), e deve-se observar o surgimento de fenômenos linguísticos, analisar como esses operam dentro das comunidades de fala, quais efeitos eles desencadeiam linguística e socialmente.

Tendo como força norteadora do presente estudo a Teoria da Variação e Mudança Linguística, abraçaremos, na presente pesquisa, alguns direcionamentos teóricos que se inserem ou se alinham à teoria aqui apresentada.

Os estudos sociolinguísticos, de forma geral e além dos fatores internos ou estruturais, têm apontado para a importância de vários fatores sociais nos processos de variação e mudança linguística, entre os quais se destacam em nossa pesquisa: sexo (para o presente trabalho, falaremos de gênero num sentido restrito, apenas sobre a diferença biológica entre os sexos); idade (faixas etárias distintas, diferenças entre gerações); localidade e tipo de escola; estilos contextuais, entre outros. A seguir, abordaremos as teorias que norteiam os fatores em análise.

Destacamos a importância do papel do sexo na variação e mudança linguística, pois as pesquisas realizadas em todo o mundo têm revelado que este fator influencia sobremaneira a expressão dos falantes. É interessante perceber que homens e mulheres que vivem na mesma comunidade, nas “mesmas” condições sociais, expressam-se de forma diversa. Esse fato linguístico também serve como base para estudos de cunho sociológico ou antropológico, no sentido de como nossa cultura (pelo menos a ocidental) opera diferenciando seus cidadãos pelo sexo ou, ponderando de outro modo, como os diferentes sexos tendem a se agrupar diferenciando-se pela forma de se expressar. Ao encontro disso, podemos inferir que os falantes, sensíveis aos contextos sociais, refletem essas diferenças na própria fala.

Sobre tais diferenças, Labov (2001p. 261) nos apresenta o que ele chama de **paradoxo do gênero**, em que as pesquisas analisadas revelaram que as mulheres tendem a liderar as mudanças linguísticas quando as formas inovadoras não são explicitamente “barradas” pelas normas vigentes (dentro daquela sociedade), ou seja, quando as formas inovadoras não vão de encontro às normas vigentes. E, contrariando a premissa de uma liderança neste tipo de mudança, as mulheres tendem a ser mais

conservadoras quando as formas em variação se “chocam” com as normas vigentes. Dizendo de outra forma, as mulheres tendem a expressar-se mais de acordo com as normas sociais que os homens, mas tendem a liderar mudanças quando estas não ferem o padrão estabelecido. Esse comportamento tem sido interpretado como sendo uma busca das mulheres por prestígio social através do uso da língua.

Scherre e Yaconenco (2012), no entanto, discutem essas questões acrescentando que a questão do gênero pode ser associada ao Princípio da Marcação Linguística e Social de Givón (1995). Givón afirma que as formas marcadas: i) tendem a ser menos frequentes que as formas menos marcadas, ii) tendem a ser mais complexas que as formas menos marcadas, iii) tendem a ser maiores que as formas menos marcadas; além disso, são sujeitas aos contextos em que ocorrem. Scherre e Yacovenco apresentam o seguinte modelo: em inovações mais marcadas, os homens tendem a ser líderes; em inovações menos marcadas, as mulheres tendem a ser líderes. Nas palavras das pesquisadoras “a questão do prestígio é apenas um dos aspectos da noção de marcação”. Com base nesses autores, temos que a questão da marca em si já tende a definir o que é ou não prestigiado, pois as próprias marcas flutuam nos diferentes contextos, por exemplo: algo que é marcado em determinada comunidade pode não ser em outra, e o que é marcado parece já trazer em si algum tipo de valor intrínseco, de prestígio ou de não prestígio.

Observa-se que, dependendo da variação em estudo, poderá haver a tendência de um dos sexos liderar a variação ou mudança, e a análise acurada da variação em estudo nos auxiliará no entendimento do fenômeno, mas também nos dará ainda mais insumos para refletir sobre a questão do sexo. É válido, porém, fazermos uma pequena reflexão sobre as análises apresentadas em torno do fator sexo e suas possibilidades de comportamentos linguísticos. É sabido que as mulheres, desde o período pré-histórico até mais ou menos dois séculos atrás, viviam e se expressavam com limites impostos pelos homens (estes prestigiados por *default* na história da humanidade), sendo, portanto, “o gênero/sexo marcado”. Houve exceções, sim, mas esta era a **regra**: os homens apresentavam os limites implícitos e explícitos em praticamente todos os âmbitos das sociedades (pelo menos as ocidentais). Assim, as interpretações acerca das lideranças quanto aos tipos de mudanças são coerentes com todo o histórico de dominação sob o qual as mulheres viveram e vivem. Conforme os parâmetros mundiais mudem no sentido de incluir e valorizar o sexo feminino, e conforme o histórico de

dominação não seja explicitamente ou sutilmente sentido em gerações vindouras, maiores serão as chances de mudanças lideradas por mulheres confrontarem regras vigentes, ou não se diferenciarem das mudanças lideradas por homens. Vale acrescentar que somos conscientes de que nem sequer sabemos acuradamente o quanto a dominação masculina ainda rege nossas culturas, tanto no âmbito do que está explícito quanto no que está implícito em nossas vidas em sociedade. Mas sabemos que esse jogo traz inúmeras consequências; de algumas delas, tem-se consciência, de outras, não.

A questão etária é amplamente observada em nossa base teórica (cf. LABOV, 2001, p. 303; 2008, p. 197). Ao observarmos a história dos estudos a respeito das línguas, a própria necessidade de criação das gramáticas descritivas são evidências históricas das mudanças linguísticas que ocorrem com o transcorrer do tempo. Sabe-se, assim, que sempre há inovações linguísticas no eixo temporal (ou de geração em geração) nas línguas sob análise, podendo ser a inovação considerada como um “universal linguístico”. Há, dessa forma, estudos diacrônicos na Linguística Histórica, que registram mudanças. Além desses, há estudos na Sociolinguística que analisam o uso da língua em diversas faixas etárias para observar mudanças linguísticas em tempo aparente. Acerca disso, pondera-se sobre a percepção dos usuários das línguas em relação às mudanças, as características dessas mudanças e o que estas representam linguística e socialmente.

Além das questões dos sexos e das diferenças entre faixas etárias e/ou gerações, uma outra perspectiva que se aplica em nossa maneira de perceber o fenômeno de variação em estudo é conhecida por **estilos contextuais de fala**, na concepção da Sociolinguística Laboviana, e que a Sociolinguística Interacional concebe por **enquadres** (GOFFMAN, 1998, p. 70-97). Infere-se de Labov (2008, p. 101-138) que os estilos estão imbricados em uma complexa rede de características, tais como: contexto de fala, assunto, gênero discursivo, entre outros. Segundo o autor, para analisarmos os dados de uso real, é importante “controlar o contexto e definir os estilos de fala que ocorrem dentro de cada contexto [...]”. Labov (2008, p. 313) define a diferença do que vem a ser fatores sociais e estilísticos e, sobre isso, o autor teoriza:

Por social entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e, por “estilística”, as alternâncias pelas quais **um falante adapta sua linguagem ao**

contexto imediato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se **opõem em sua significação social/ estilística.** [grifos nossos]

Assim, fica claro que os falantes têm um vasto conhecimento estilístico sobre sua variedade de fala, pois interagem justamente escolhendo alguns estilos em detrimento de outros, e essa escolha ocorre segundo funções como: o próprio falante, o contexto, o interlocutor. Goffman (1998, p. 71) dá um exemplo bastante esclarecedor sobre os estilos (ou enquadres, segundo nomenclatura pertencente à Sociolinguística Interacional) quando narra uma história em que um famoso presidente americano, durante uma entrevista coletiva, assume a postura linguística de um chefe de estado respondendo às questões sobre governabilidade, mas, ao final da entrevista, por já conhecer uma jornalista ali presente, o presidente tece comentários jocosos a respeito das roupas que sua conhecida usava, abandonando a postura linguística anterior. No exemplo dado por Goffman, o falante modificou seu enquadre (ou estilo de fala), pois o enquadre sempre dependerá do contexto em que essa fala é produzida. Temos, dessa forma, que, **em todo ato comunicativo está presente um estilo**, e esse influencia os diversos usos que podemos fazer da língua, inclusive a seleção entre os fenômenos que estão em variação.

Outro fator que será estudado nesta tese diz respeito às origens geográficas dos falantes e à influência que este fator tem sobre a fala. Trudgill (2004, apud KERSWILL; TRUDGILL, 2005) postula que a emergência de um novo dialeto que se forma em um território “virgem” tende a seguir as tendências linguísticas das falas das populações migrantes e tem como característica frequente ter **rápida convergência**. A formação dialetal tem, portanto, intrínseca a questão de ocorrer somente se há a formação de uma nova cidade ou de uma nova comunidade linguística, sendo um processo que se desdobra em três fenômenos linguísticos: *mixing*, *levelling* e *focusing* (cf. HICKEY, 2003), e, como resultado desses estágios, temos a criação de um novo dialeto. Assim, quando somamos as condições, temos que uma grande movimentação populacional transplantada para um novo local gerará um novo dialeto (ou, pelo menos, gerará mudança linguística localizada nesse novo local), e, no processo de surgimento do novo

dialeto, os estágios serão: o i) *mixing* caracterizado por uma extrema variabilidade linguística, proveniente da fala das populações migrantes; ii) *levelling* caracterizado por uma neutralização linguística na fala, que ocorre nos primeiros períodos da formação de uma comunidade linguística; iii) *focusing* caracterizado por um reconhecimento sobre uma nova variedade linguística, que se opõe às demais existentes da língua.

Kerswill e Trudgill (2005, p. 196-203) analisam alguns casos de formação dialetal em que as novas comunidades linguísticas sedimentaram, no novo dialeto, algumas características dialetais baseadas nos padrões linguísticos associados às origens de seus migrantes. Entre as comunidades estudadas pelos autores, apresentamos a cidade de Milton Keynes, na Inglaterra, e a implementação do inglês da Nova Zelândia. Em ambos os casos, houve uma grande movimentação geográfica de comunidades que se estabeleceram nesses novos locais. Nas análises feitas, observou-se que a segunda e a terceira gerações apresentavam uma forma local de fala diferenciada da fala da primeira geração, mas apresentavam traços da primeira geração, traços esses originários dos locais de onde as populações migrantes vieram. Sobre esse processo de formação dialetal, os autores ainda afirmam que “o tipo de *input*, especialmente em termos de diferenças linguísticas entre falantes, pode ter um efeito na rapidez com que o dialeto embrionário se focaliza, ou adquire norma e estabilidade⁷” (KERSWILL; TRUDGILL, 2005, p. 197).

Procuramos bases teóricas dentro da Sociolinguística e da Dialetologia que nos guiassem na seara do que seria ou caracterizaria formação dialetal, critérios claros, portanto, que a identificassem. Não encontramos uma teoria desenvolvida que descrevesse um modelo do que seja formação dialetal, mas encontramos, nos autores anteriormente relacionados, resultados de pesquisas que norteiam o que deve ser um modelo de formação embrionário. Voltaremos aos autores mais adiante, antes, porém, gostaríamos de discutir o que encontramos ser o conceito de geração. Como mencionado, a formação dialetal tende a ocorrer: i) em territórios que recebem um grande contingente migratório (uma mudança radical da população local); ii) nas segundas ou terceiras gerações de população nata dessa nova comunidade linguística.

⁷ Do original: “The type of linguistic input involved, especially in terms of the linguistic differences between speakers, may have an effect on the speed with which an embryonic new dialect ‘focuses’, or acquires norms and stability”.

Para entender melhor o tempo necessário para construir um novo dialeto, temos de entender o significado do termo “geração”. Os sociólogos Feixa e Leccardi (2010) analisaram diversos estudiosos de sua área que versam sobre o tema, entre os quais se destacam Bauman, Mannhein, Comte, e perceberam uma extensão de sentido para este termo. Havia uma noção de que uma geração era uma “medição do tempo médio necessário para que uma geração seja substituída – na vida pública – por uma nova (30 anos, de acordo com Comte)”. Porém, depreende-se da teoria desses autores que esse termo, na verdade, tem muitas nuances, e não pode mais ser definido apenas em função de tempo decorrido, devendo-se considerar as relações sociais que os indivíduos estabelecem ao longo da vida em termos interpessoais e históricos, de forma que um indivíduo pode coparticipar de duas ou mais gerações em função de algum acontecimento histórico, mas pode pertencer a uma geração anterior ou posterior em função de um outro evento histórico ou social. Assim, a autora desse texto pode fazer parte da mesma geração de sua mãe se considerado um evento como a ditadura militar, por exemplo. Mas é de uma geração posterior à de sua mãe em termos de envolvimento com a internet. Não há, portanto, um modelo fechado do que seja uma geração dentro das ciências sociais para nortear quantas gerações (e tempo) são necessárias para formar um novo dialeto.

A fim de traçar um norte quanto a essa questão, consideraremos como formadora de uma geração a questão da ascendência. De acordo com esse valor, e levando em consideração a formação dialetal, temos que o nascimento de uma pessoa na nova região a definiria como pertencente à primeira geração (se sua mãe/pai migrou para esta região). Tendo esta pessoa um filho, tem-se a segunda geração; tendo um neto, tem-se a terceira geração, e, assim, sucessivamente.

Ainda sobre a natureza dos fatores que influenciam a formação dialetal, os autores Paul Kerswill e Peter Trudgill postulam (2005, p. 197):

Fatores não-linguísticos (ou sociais) serão cruciais, e podem se sobrepor aos linguísticos: uma nova localidade onde as pessoas ficam isoladas umas das outras demorará muito mais tempo para formar uma

comunidade de fala do que aquelas localidades onde há um contato intensivo⁸.

Extremamente vinculada às questões de origens, outra base teórica que norteia nosso estudo diz respeito ao papel da família na variação linguística. Labov (1994, p.49 a 87), quando estende o período de aquisição da linguagem até 17 anos, com a reorganização do vernáculo, postula que as crianças mais novas seguem inicialmente o padrão linguístico de seus pais (com foco na linguagem materna) e, mais tarde, após cerca de 5 anos de idade, tendem a seguir o padrão linguístico de seus pares. Então, aqui, temos em análise dois aspectos fundamentais: 1) a questão da origem geográfica dos pais vinculada à questão familiar, de aquisição; 2) a questão etária, em que, depois de certa idade, os novos falantes passam a ter como “líderes da fala” ou exemplos de *input* os seus pares, que serão, geralmente, de sua mesma faixa etária. Sobre isso, há que se ponderar se essa liderança (de *input*) pelos pares não ocorre somente em alguns estilos contextuais e se, em outros estilos, os mais formais, por exemplo, os *inputs* mais significativos não venham ainda de relações assimétricas ou díspares.

Ao encontro das observações sobre a aquisição pelos pares e pelos pais apresentadas aqui anteriormente, Hazen (2005, p. 516) analisa o papel dos pais em várias pesquisas feitas a partir de fenômenos de variação, em função dos falantes e seus familiares, e chega à conclusão de que as crianças que mais seguem os padrões linguísticos de seus pais são as que pertencem às famílias que imigraram recentemente⁹. Ocorre, portanto, que a transmissão e o estabelecimento ou não de padrões linguísticos de uma geração anterior vão depender de características específicas que cercam a nova geração, como questões de origens geográficas e identidade (que podem ser associadas às origens, aos pais, aos pares, ao novo local).

Ainda sobre os processos característicos de formação dialetal, Auer, Hinskens e Kerswill (2005, p. 3) postulam:

⁸ Do original: “Non-linguistic factors will be crucial, and may override linguistic ones: a new settlement where people are isolated from each other will take much longer to form a ‘speech community’ than one where there is intensive contact”.

⁹ Do original “In most communities, the children who most closely follow the language variation patterns of their parents are those in families more recently immigrated”.

Enquanto a sociolinguística laboviana associa o uso da linguagem principalmente com as estruturas sociais e com o comportamento social, a investigação sobre acomodação linguística é fundamentada em teorias da ação social (como o significado social é produzido a partir da interação), mais especificamente a ação racional (TURNER, 1996). Acomodação linguística é analisada como o resultado de escolhas mais ou menos conscientes por parte dos atores sociais racionais [...] Se as fronteiras dos grupos linguisticamente distintos são permeáveis (MUMMENDEY, 1999), o falante pode se beneficiar adaptando sua fala para se aproximar do outro grupo com a convergência linguística, ou pode evitar as características marcantes do próprio dialeto, ou pode adotar características do dialeto do interlocutor¹⁰.

Assim é que a fala de cidades com grande recepção migratória, como o caso de Brasília, pelo menos nas primeiras e segundas gerações, costuma ser fortemente caracterizada por uma fala menos marcada (cujas marcas de origens são apagadas), e, nesse sentido, se alinha ao comportamento das falas de telejornais (que universalmente trabalham conscientemente em prol de uma linguagem menos marcada), ou seja, expressam nitidamente esse processo de nivelamento. Somado a isso, também temos que a adoção de estruturas marcadas pode ser, de certa maneira, socialmente motivada.

Considerando essas questões, que estão intimamente ligadas, como origem, transmissão de língua nas gerações, processos de transposição de dialetos (nivelamento), a questão da identidade também embasa e direciona a este trabalho. Os estudos de Labov (2008) sobre a fala em Martha's Vineyard, USA, de Pagotto (2004) sobre a fala em Florianópolis, Brasil, e o de Cardoso (2009) sobre a fala de fortalezenses em Brasília, Brasil, são exemplos esclarecedores sobre como as questões de identidade incidem sobre os fenômenos de variação linguística, em que os falantes tendem a usar a língua de acordo com os padrões que os aproximam culturalmente dos aspectos com os quais se identificam, que podem ser aspectos geográficos e grupais, por exemplo. Assim, ao encontro do que Labov preconiza, temos que a própria variação, a natureza da variação linguística, é uma questão identitária, em que os falantes, a partir

¹⁰ Do original: "While Labovian sociolinguistics associates language use primarily with social structures and social behavior, research on linguistic accommodation is grounded in theories of social action (how social meaning is produced from interaction), more specifically rational action (Turner, 1996). Linguistic accommodation is analysed as the outcome of more or less conscious choices on the part of rational social actors, the choices being tailored to expectations about their extralinguistic consequences. If the boundaries between linguistically distinct groups are permeable (Mummendey, 1999), the speaker may benefit by moving closer to the other group by converging linguistically, either by the avoidance of salient features of the speaker's own dialect or by adoption of features of the interlocutor's dialect".

da língua, atuam linguisticamente de forma a preservar ou refutar determinado padrão linguístico-cultural. Como e em que direções isso ocorre são verdadeiros retratos, não só de como a sociedade molda sua língua, mas também sua cultura. Identidade é, portanto, uma questão de extrema relevância para o entendimento acerca do funcionamento da variação linguística e do estabelecimento de um novo dialeto.

Ao encontro dessas questões, outro modelo que pode auxiliar a análise quanto à expansão de variantes (em variações) em um novo dialeto é o modelo gravitacional. Esse modelo foi desenvolvido nas ciências sociais e foi adaptado para a Sociolinguística inicialmente por Trudgill (1974, p. 235, apud MEYERHOFF, 2006, p. 259). Ele figura como uma alternativa ou soma ao modelo de espriamento por ondas (este último sugere que a localização geográfica interfere diretamente na intensidade e direção do espriamento). O modelo gravitacional analisa o desenvolvimento de algumas mudanças sociais seguindo uma determinada lógica: uma mudança x começa a ocorrer primeiro em algum relevante polo social (que goza de algum tipo de prestígio: político, econômico, cultural, estilístico etc.) e se espria de forma sutil, abrangendo demais polos que, com o primeiro, formam algum tipo de unidade. É uma questão muito semelhante à moda ou tendência.

O modelo gravitacional pode ser entendido como uma **atração** que uma “novidade” exerce sobre os demais interessados/usuários. Meyerhoff (2006, p. 259) traz um exemplo de determinado tipo de máquina que primeiro começa a ser utilizado nas duas maiores cidades de um certo estado nos Estados Unidos (cidades que são geograficamente distanciadas). Essa máquina sutilmente vai ganhando espaço nos demais mercados: depois de aparecer nas duas cidades de maior vulto econômico dentro do território, passa a ser utilizada também na capital e, no momento seguinte, ganha força necessária para se espriar para as demais cidades em todo o estado, e logo se torna a nova máquina a ser utilizada/comprada.

Considerando o modelo gravitacional, um dado fenômeno linguístico poderia aparecer primeiro em alguns contextos de fala, numa determinada comunidade linguística, e, em seguida, seria (re)interpretado ou ganharia algum tipo de *status*. Dependendo do que signifique esse *status*, o fenômeno vai exercer ou não a atração dos demais falantes, sendo, no seio da comunidade, ou barrado ou difundido. Sobre esse processo de aceitação ou não das formas variantes, Pagotto (2004, p. 89) teoriza:

o significado social das formas variantes é uma consequência direta do processo de identidade do sujeito na sua relação com a língua. É ao se colocar como igual a um outro ou diferente dele que o sujeito imprime significado social às formas linguísticas.

Outra teoria que instiga nossa interpretação sobre a rapidez com que se pode observar as tendências de focalização dialetal diz respeito à teoria da modernidade líquida, delineada por Bauman (2001). Quando ele cita a célebre frase “tudo o que é sólido desmancha no ar”, de Marx e Engels, ele sustenta ideias sobre a substituição da permanência pela impermanência, sobre as identidades fragmentadas como características dessa era pós-moderna, entre outras questões sociais de classe, de forma de produção e consumo. São muitos os fatores intrincados nessa complexa teoria. Interpretando algumas das consequências possíveis dessa era liquefeita, poderíamos afirmar que nosso relacionamento com as noções de tempo e espaço se modificou radicalmente. Sobre essa teoria, Saraiva & Veiga-Neto (2009, p. 188) afirmam:

Essa metáfora de **Bauman** “*Os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é que importa*” tem um forte valor heurístico para compreendermos boa parte das mudanças sociais que estamos vivendo nas últimas décadas. Trata-se de mudanças que se dão rápida e profundamente num amplo conjunto de práticas sociais — e correlatas percepções e saberes. Tais práticas, tais percepções e tais saberes são da ordem da cultura, da economia, da política, da ética, da estética, da educação etc. [com adaptações e grifos nossos]

Atualmente, tudo parece ter ficado mais rápido (inclusive as mudanças, uma constante dentro da modernidade líquida) e também mais próximo e/ou acessível (em decorrência das novas tecnologias de comunicação e do barateamento/consumo dos meios de transportes, inclusive aéreos). Não estamos afirmando que, antes do momento atual, as mudanças não ocorressem de forma acelerada, mas empiricamente podemos dizer que aceleramos tudo com que nos relacionamos socialmente¹¹.

¹¹ A teoria da modernidade líquida e, principalmente, seu alcance são extremamente amplos. Aqui essa teoria ganha um recorte e uma explicação sucinta visando a uma finalidade “quase” didática.

Refletindo, então, sobre esses conceitos e relacionando-os com outros (mudança e velocidade), é como se sempre houvesse, em termos culturais/sociais e, portanto, linguísticos, uma função entre velocidade e mudança. E, no momento sincrônico, estamos na maior velocidade já encontrada para mudanças em função de termos recentemente acelerado. Assim, nossos relacionamentos pessoais, em geral, estão mais acelerados, bem como nossas leituras, nossas escritas, nosso processamento: de informação, de emoções. A maneira com que resolvemos e criamos problemas também ganha celeridade; nossa produção e nosso consumo também. Igualmente é a maneira com que nos movimentamos e como nos (re)inventamos, de forma que essa celeridade é causa e também consequência, uma vez que tudo isso nos leva a ter uma mobilidade social e geográfica maior e mais célere (se comparadas a momentos históricos anteriores). Podemos afirmar com isso que as questões que permeiam as transformações linguísticas ganham também celeridade.

Assim, a formação de dialetos, por exemplo, além de ter ganhado mais possibilidade de ocorrer (por conta das nossas atuais facilidades em nos movimentar geograficamente), ganha também maior celeridade nessa era de modernidade líquida. Certamente, nessa modernidade em que as relações sociais tendem a se tornar fluidas, a formação dialetal ganha mais necessidade de ocorrer, para que as novas e diferentes comunidades possam (re/con)afirmar suas identidades em face das demais comunidades globais.

Além dos fatores sociais elencados em nosso recorte teórico, fundamentais para as questões relacionadas à formação dialetal, estudaremos nesta tese alguns fatores linguísticos que também contribuem para o entendimento da variação dos pronomes em foco. Um desses fatores é o paralelismo linguístico, que preconiza que uma dada ocorrência tenderá a se repetir nas falas¹² (por exemplo, marcas tendem a levar a marcas enquanto falta de marcas tenderá a levar a falta de marcas) nos termos de Scherre (1998), baseando-se em estudos de Poplack (1980). Assim, no caso da presente pesquisa, o surgimento de um determinado pronome atuaria exercendo influência para que o pronome vindouro seja igual ao anterior. Além do paralelismo, também analisaremos nossa variação sob as influências das funções sintáticas e tipo de referência.

¹² Em comunicação pessoal, Scherre atribui essa tendência a um tipo de inércia linguística. Essa teoria deverá ser desenvolvida por Scherre em trabalhos futuros.

Na atualidade, com 55 anos e cerca de 3 milhões de habitantes, Brasília passa por um período relativamente curto, mas avançado de sua formação cultural. O registro do escopo linguístico típico da cidade já dá alguns sinais significativos, como tendências fonéticas típicas (cf. HANNA, 1986; CORRÊA, 1998), um vocabulário diferenciado (cf. Pires, 2009) e também elementos morfosintáticos marcados, como é o caso do uso do pronome *tu* da segunda pessoa do singular (cf. LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010).

Esse período de formação cultural, em termos linguísticos, é denominado (como já mencionamos anteriormente) por um período de **focalização dialetal**, em que, dentro do grupo, a diversidade começa a ser possível e nele já há um reconhecimento de uma norma local.

Vale ponderar sobre os termos difusão e focalização dialetal, pois esses parecem relativamente fluidos, dependendo do olhar do pesquisador. Le page (1980, p. 9 a 14) considera relativamente difusos os dialetos cujas características são mistas e não podem ser identificadas e, em contrapartida, os focalizados seriam os dialetos cujas características seriam facilmente identificáveis. Portanto, para ele, a identidade que emana do dialeto é fundamental para classificar os dialetos como mais ou menos difusos e/ou focalizados. Para Bortoni-Ricardo (2011, p.121), ao estudar a cidade de Brazlândia, em Brasília, o dialeto seria focalizado ao apresentar uma alta incidência de variantes não padrão; enquanto seria difuso ao apresentar um decréscimo de ocorrência dessas variantes. Antes, porém, Bortoni- Ricardo (2010, p.3) postula:

um dialeto focalizado é percebido como uma entidade distinta. A difusão dialetal, por outro lado, é o resultado do contato entre variedades, fenômeno associado com a mobilidade demográfica, de natureza regional ou socioeconômica.

Assim, entendemos que os processos anteriormente discutidos de *mixing*, *levelling* e *focusing* são, relativamente, análogos aos processos de difusão e focalização dialetal, no que diz respeito aos processos por que passam os dialetos em formação. Vale considerar, contudo, que as características dos dialetos serem difusos e/ou focalizados não necessariamente dizem respeito à formação dialetal, mas podem ser

características gerais de um dado dialeto, no sentido desse ter mais ou menos características que o distingam dos demais. Apresentaremos, mais adiante, as características que formam a base do dialeto brasiliense.

Considerando toda a teoria exposta e as observações feitas, gostaríamos de eleger outra questão a ser analisada, que diz respeito à tradição gramatical. Apesar de configurar como principal pronome da segunda pessoa do singular na tradição do português brasileiro, o pronome *tu* não é o único utilizado no Brasil, sendo o *você* um pronome suprarregional e generalizado no português brasileiro, por ser, inclusive, de forma geral, menos marcado (cf. SCHERRE e YACOVENCO, 2012). Voltaremos a essa questão mais adiante.

Como observado, a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular em Brasília, com a inclusão da variante *tu*, não seria esperada para este momento de focalização dialetal se levássemos em conta: a) o posicionamento geográfico da cidade, em que os lugares de intenso uso do *tu* estão distantes fisicamente de Brasília, sendo esta cidade considerada como uma “ilha” em termos geográfico do uso do *tu*; b) a história extremamente recente de nivelamento dialetal nesta cidade, em que uma variante marcada teria uma chance alta de ser barrada, nesse momento, pela comunidade de fala.

2.2 Ferramentas de análise e métodos

Guy e Zilles (2007, p. 19) afirmam que “toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa”. As pesquisas quantitativas que objetivam analisar um grande número de dados necessitam de ferramentas estatísticas. Sobre o uso de ferramentas estatísticas para analisar fenômenos da heterogeneidade ordenada, Guy e Zilles (2007, p. 48-49) afirmam:

A análise de regra variável foi desenvolvida na lingüística como uma forma de dar conta da variação estruturada [...] Assim, a análise vai envolver a contagem das ocorrências da variável, a descrição de tendências e da extensão da variabilidade, bem como das restrições ou fatores que a influenciam, mediante métodos estatísticos.

Para o tratamento dos nossos dados, usaremos os pacotes de programas estatísticos *GoldvarbX* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e *Varbrul* (PINTZUK, 1988), que foram desenvolvidos por linguistas, programadores e matemáticos especialmente para a análise de dados linguísticos. Sobre a escolha das ferramentas estatísticas *Varbrul*, Guy e Zilles (2007, p. 107) afirmam:

O *Varbrul* contribui para a construção de um modelo matemático dos dados – de fato, é desenhado para isso. A modelagem matemática desse tipo é uma das abordagens mais poderosas e sofisticadas na estatística; vai muito além do mero objetivo de dizer sim ou não sobre se uma variável influencia outra, para tentar articular vários resultados numa visão geral – e testável – de como funciona um sistema inteiro. Esse é o tipo de trabalho teórico que se faz na física, construindo equações para explicar os movimentos dos planetas, um tipo de trabalho que é essencial para avanços profundos no entendimento científico do mundo.

Assim, não restaram dúvidas de que esses programas seriam a escolha mais acertada para medir as influências por que passa a presente variação. Vale ponderar o porquê de se usar duas versões de um programa estatístico, um antigo e outro mais moderno. A rigor, ambos são **versões diferentes do mesmo programa**, e, como demonstrado, baseiam-se nos mesmos modelos matemáticos para medir criteriosamente as influências por quais as variações linguísticas passam.

O *Goldvarb* (ferramenta desenvolvida em 2001 e, depois, em 2005) é uma versão com mais facilidades de manuseio, pois é compatível com o ambiente *Windows* e com os dispositivos da *Apple*, enquanto o *Varbrul* é uma versão que se operacionaliza apenas no antigo *DOS (Disk Operating System)*. Utilizamos o *Goldvarb* para realizar testes binários, que apresentam seleção e eliminação de variáveis independentes (nas etapas *step up* e *step down*), em cada estágio de cruzamentos das análises estatísticas, em múltiplos níveis, possibilitando uma minuciosa observação das influências de cada variável em cada teste (cf. GUY e ZILLES, 2007, p. 164-169). A maior limitação do *Goldvarb*, em oposição ao anterior *Varbrul*, é não realizar análises eneárias, mas apenas binárias. Dessa forma, como a análise que fazemos nesta tese é ternária (com três variantes na variável dependente), lançamos mão do programa antigo, *Varbrul*, para ter referências mais precisas, em termos de pesos relativos dos fatores, para cada uma das

três variantes em oposição às outras duas, ou seja, pesos ternários, sem a necessidade de omitir uma das variantes e, ainda, sem a necessidade de realizar junções entre elas, pois consideramos necessário mantê-las separadas. A limitação do programa de análise ternária é não apresentar a seleção das variáveis estatisticamente significativas.

Apresentadas as ferramentas, procederemos à metodologia de análise de forma gradativa. Inicialmente, é feita a coleta de amostras de uso real da língua. Para isto, gravamos conversas maximamente espontâneas, para, então, transcrevê-las e, posteriormente, coletarmos os dados. Feita a coleta de dados, estes são codificados segundo um arquivo de especificação, em que cada dado é então codificado em função de cada fator de cada variável linguística, social e estilística a ser analisada. Por exemplo, um dado qualquer será codificado em função do sexo (se foi homem ou mulher a falar aquele dado); em relação à faixa etária (quantos anos o falante tinha no momento da gravação); em relação à origem (onde o pai e a mãe do falante nasceram) entre outros fatores.

Codificados os dados, trataremos os dados estatisticamente. Esse tratamento permite que saibamos os números brutos de ocorrência de cada variante em variação (em números absolutos e em percentuais) e sua frequência corrigida (pesos relativos): a projeção é realizada no interior do programa, a partir de cálculos complexos que permitem uma projeção dos resultados como representativos para toda a comunidade estudada, ou seja, para todo o universo de dados reais, em sua complexidade. Assim, como explanado, pode-se medir, precisamente, as influências (num *continuum* de relevância) de cada fator nas variantes estudadas (cf. SANKOFF, 1988; GUY e ZILLES, 2007).

Os dois programas calculam percentagens de usos de cada fator das variáveis independentes para cada uma das variantes da variável dependente, bem como as devidas médias. Como já dissemos, calculam também os pesos relativos, que medem o efeito conjunto de todos os fatores de todas as variáveis independentes em relação a variantes da variável independente, mas, no caso da análise binária, o ponto de referência dos pesos relativos é 0.50 e, no caso do da ternária, é 0.33, que são considerados favorecedores e desfavorecedores de uma dada variante em função de aumentos ou diminuição em relação aos pontos de referência (cf. Naro, 2003).

Depois dos primeiros resultados numéricos obtidos, o pesquisador interpreta os resultados realizando uma análise acurada, considerando-se os resultados numéricos, mas também seu conhecimento sobre a comunidade e sobre as teorias. Essas análises levam os pesquisadores a realizar diversos testes com os dados. A partir desses testes, é possível comprovar ou refutar hipóteses inicialmente levantadas. É possível, também, dentro dessas análises, fazer inferências inéditas acerca do fenômeno em análise, que seriam impossíveis a olho nu (sem a observação desses números tratados estatisticamente). Podemos dizer que toda essa análise, em conjunto, seria análoga ao uso de um microscópio, no que tange à análise de micro-organismos, ou ao telescópio, no que tange à análise de macro-organismos, mas que une essas possibilidades de observação ao *expertise* do pesquisador, sem o que não haveria avanço científico.

2.3 Breves considerações sobre a coleta de dados

Como a pesquisa será desenvolvida em Brasília, que hoje conta com quase 3 milhões de habitantes, destacamos algumas localidades, cidades satélites ou regiões administrativas (RAs) para realizar a pesquisa de campo, são elas: Vila Planalto, Plano Piloto, Sobradinho e Brazlândia. Prosseguiremos às descrições dessas RAs mais adiante, antes, porém, é necessário discutir os termos que se referem a essas questões espaciais em Brasília. Primeiramente, o termo Brasília pode ser interpretado tanto como uma RA, a primeira, ou como todo o Distrito Federal, o que Lucca (2005) definiu por grande Brasília. Nesta tese, Brasília se referirá à grande Brasília ou à totalidade do Distrito Federal. Em Brasília pode-se referir às RAs com o termo cidade satélite. Mas há uma especialização: as RAs mais clássicas, Plano Piloto, Lagos Sul e Norte, que também são áreas mais nobres, não são nominadas por cidade satélite. Satélite é um termo que significa algo à margem, que gira em torno de algo principal. Assim, o Plano Piloto e os Lagos seriam esse principal, enquanto as demais RAs são as satélites. A Vila Planalto, porém, é uma localidade que se insere na RA Plano Piloto, mas sua localização é algo bastante híbrido em termos sociais, pois guarda características tanto de nobreza quanto de humildade. Assim é que o termo mais neutro que podemos utilizar para falar desses quatro lugares em Brasília seria *localidade*.

O importante nesse momento de nosso estudo é indicar que, a partir de um número limitado de localidades, projetaremos o que será a fala de Brasília. No Capítulo 4 desta tese, discorreremos mais criteriosamente sobre a cidade foco de nossa análise, abordando sua história e demografia, bem como as regiões administrativas escolhidas como *locus* para nossas coleta e, inclusive, justificaremos ali essas escolhas. Nas próximas seções deste capítulo, citaremos essas localidades, bem como os anos de realização das gravações/coletas de dados, no intuito de localizar a coleta das amostras no tempo e no espaço.

2.3.1 Composição da amostra

Considerando que o fenômeno de variação pronominal que ocorre em Brasília não demonstraria sua complexidade de realização em uma entrevista laboviana típica, realizamos um levantamento de amostras de forma diferenciada, mesmo havendo diretrizes tradicionais para constituição de amostras do uso real da língua. Afinal, a variação entre as formas *você/ cê/ tu (/senhor(a))* é regida, principalmente, por fatores sociais, interacionais e estilísticos que envolvem as diversas características de interações e interações entre os interlocutores. Outro problema para utilização de entrevistas labovianas típicas diz respeito às classificações etárias: seria difícil fazer emergir os dados que buscávamos em amostras cujos informantes eram compostos de crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos, se estes estivessem em contato apenas com a pesquisadora. Sobre isso, Tagliamonte (2007) pondera:

Dependendo da natureza dos dados e da natureza da pesquisa sob investigação, diversos fatores serão importantes. Quem será estudado e por quê? Quais são os limites do grupo ou comunidade? Se a localização no espaço é importante, onde será? Se a localização no tempo é importante, quando isso será realizado?¹³

¹³ Do original: “depending on nature of the data and nature of the research question under investigation, different factors will be important. Who are you going to study, and why? What are the boundaries of the group or community? If location in space is important, where is it? If location in time is important, how will this be accomplished?”.

Continuando nessa linha de raciocínio: se a forma de gravar os dados é importante, como realizar essas gravações? Para a composição dos *corpora*, houve, conforme o caso, as necessárias adaptações. De forma geral, podemos dizer que a amostra é relativamente vasta, bastante complexa, e é problemática em vários sentidos. Buscaremos, apesar disso, fazer o melhor uso possível das amostras que obtivemos.

2.3.2 Amostra¹⁴ gravada entre 2008 e 2009, dados de fala na Vila Planalto e no Plano Piloto¹⁵

Como este estudo tem por base a coleta e a análise de dados de fala casual de crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos, foi natural optar por buscar parceria em uma escola, onde teríamos acesso a crianças e adolescentes nas idades necessárias. Entramos, assim, em contato com a escola pública da Vila Planalto para conseguir ter acesso às crianças que comporiam o nosso corpo de colaboradores (ou informantes).

Seria ideal que os informantes fossem escolhidos de forma aleatória, sorteados, de preferência, em uma lista telefônica, por exemplo, mas buscamos uma forma alternativa, pois seria difícil contatar idades tão específicas de um modo aleatório. É oportuno dizer que, para contatar os alunos, houve a necessidade de autorização por parte do Conselho Regional de Educação e da escola. Uma vez vencidas as etapas burocráticas, pudemos contatar a escola. Os informantes selecionados dentro da escola também ficaram condicionados a fatores não aleatórios: uma professora selecionou os alunos em função do nível de responsabilidade que ela considerava que eles tinham. Assim, o acesso aos informantes sempre foi condicionado aos interesses e considerações da escola como um todo.

Selecionados os colaboradores, estes deveriam gravar suas falas da seguinte forma: os colaboradores da pesquisa ficariam com o gravador (um aparelho de MP4) para realizar gravações de conversas casuais com amigos. Para que fosse possível a gravação de conversas casuais (sem atenção para a forma com que se fala), a gravação seria feita sem o conhecimento prévio dos demais interlocutores, apenas o portador do

¹⁴ O termo “amostra” escolhido com base em Guy (2007, p. 105).

¹⁵ Por se tratar de uma amostra já analisada em Andrade (2010), o texto que descreve essa amostra é baseado no trabalho científico anterior, com algumas alterações.

gravador saberia da gravação. No entanto, ao encontro da ética em pesquisas, ao término da gravação, o informante (ou colaborador) de posse do gravador revelaria aos demais interlocutores sobre a gravação da conversa e pediria autorização para utilizá-la em pesquisa científica, respeitando o anonimato de todos os envolvidos.

Assim, os colaboradores de 12 a 15 anos foram escolhidos pela professora da escola Centro de Ensino Fundamental 01 do Planalto, da Vila Planalto. A professora, de posse do gravador, emprestava-o a um aluno, que, por sua vez, ficava com o aparelho (em média de três a quatro dias) até fazer uma gravação de conversa casual (sem – ou com o mínimo de – preocupação com a linguagem utilizada) com os amigos. Em seguida, o aluno devolvia o gravador para a professora e ela o entregava à pesquisadora. Somente então a pesquisadora conferia a gravação e julgava se entraria ou não para a amostra. E assim foi feito inicialmente com as crianças de 12 a 15 anos.

Ao tentar realizar gravações com crianças de 7 a 11 anos, nos moldes das gravações de crianças de 12 a 15 anos, tivemos problemas. Constatamos que as idades dos informantes e os graus de maturidade que estes apresentavam não eram compatíveis com a empreitada proposta. Por isso, buscamos outras formas de gravação para esta faixa etária. Para conseguir realizar essas gravações, muitas ideias surgiram. A primeira foi tentar que os professores gravassem esses alunos em sala, na hora da aula das crianças, para evitar ao máximo as consequências do paradoxo do observador¹⁶ e para evitar que fosse imposto aos informantes algo diferente do que eles já conheciam. Depois de inúmeras tentativas frustradas, em que havia somente a fala da professora ou falas muito formais entre alunos e professora, decidimos que a pesquisadora faria as gravações, embora não fosse o ideal para esta pesquisa.

Assim, foi permitido que a pesquisadora se reunisse com um grupo de alunos, por cerca de uma hora, em uma sala de aula dentro da escola e em alguns dias e horários definidos. Para diminuir a provável alteração dos dados causada pela presença da pesquisadora, decidimos levar uma criança com então 10 anos de idade, filha da pesquisadora, numa tentativa de que os alunos pudessem se sentir mais à vontade, e se identificarem com a proposta mais rapidamente. Os critérios dos professores para a seleção dos alunos que se reuniriam com a pesquisadora foram sempre critérios de

¹⁶ O paradoxo do observador decorre da presença do pesquisador ou observador, em consequência dessa observação, o informante tende a alterar sua fala (cf., principalmente, LABOV, 2008; e TARALLO, 1986).

acomodação à aula (exemplo: crianças que já haviam terminado a atividade proposta em sala). Assim, geralmente, o horário em que a pesquisadora tinha acesso às crianças era próximo ao final da aula. Normalmente, quatro crianças eram escolhidas pelas suas professoras, sendo, na maioria das vezes, duas meninas e dois meninos, e, então, a pesquisadora e as crianças seguiam para uma sala onde a gravação seria feita. As gravações ocorreram da seguinte maneira: uma vez reunidos na sala designada para nosso encontro, lia-se um livro com os alunos e, na sequência, tal livro era discutido. Depois disso, podia-se conversar livremente sobre assuntos diversos. Apesar de sobrar pouco tempo para conversas informais, esse método se mostrou parcialmente satisfatório, como teremos oportunidade de verificar no tópico mais adiante neste presente capítulo.

Houve, nesta amostra, gravações realizadas com crianças oriundas de outras localidades considerados nesta tese como Plano Piloto, a saber: Asa Norte, Jardim Botânico e Sudoeste (amalgamamos os três bairros em apenas Plano Piloto por considerar que formam, de modo geral, uma unidade enquanto classe social diferenciada da classe social gravada na Vila Planalto). Essas crianças são do ciclo de convívio da pesquisadora e, apesar de ser um grupo socialmente diferente do grupo da Vila Planalto, consideramos adequado ter registrado falas de outras localidades para servir como parâmetro de comparações, mesmo que essas gravações não tenham apresentado equilíbrio nos fatores sociais em análise.

2.3.3 Descrição das gravações do período 2008/2009: facilidades e dificuldades

Labov (2008, p. 63) argumenta que “os meios empregados para coletar dados interferem nos dados a serem coletados”. Como as crianças de 12 a 15 anos ficaram com o aparelho gravador para realizar as gravações, estas se mostraram adequadamente casuais e espontâneas.

A instrução da pesquisadora para os informantes foi de fazer gravações ocultas. Como dito anteriormente, o informante faria a gravação de uma conversa com os amigos e depois revelaria a eles que a conversa havia sido gravada. Em seguida, pediria a autorização de seus interlocutores para a utilização dos dados ali coletados. Caso

algum amigo não autorizasse, a instrução era de apagar a gravação. Nenhum colaborador, porém, seguiu essas instruções. Ao longo da escuta das gravações, ficou patente que todos os colaboradores, em todas as gravações, estavam cientes de estarem sendo gravados desde o início das gravações. Não houve, também, indícios de que algum colaborador tenha solicitado a destruição da gravação por motivos de manutenção de privacidade. Vejamos, a seguir, um trecho de transcrição em que o informante demonstra que a gravação não era oculta:

B: {init.} Pô, valeu, de... Dezesesse minutos estragado agora por causa que vocês falaram “é um mp4”

P: Não, não vou fazer tudo de novo não, véi

B: dezesseis minutos enrolando, sem assunto, e eu fazendo um assunto, dezesseis minutos de trabalho

*: deleta!

B: eu não sei deletar

*: {init.}

B: vou tentar disfarçar aqui

Fica patente na passagem anterior que o pedido de “deletar” era tão somente uma solicitação de edição da revelação de que todos sabiam da gravação.

Outra instrução era de que os amigos procurassem brincar, jogar ou ensinar algo uns para os outros durante as gravações. O intuito dessa instrução era o de que houvesse maior descontração e, portanto, mais probabilidade de a gravação registrar falas mais espontâneas, em estilo casual, o que aumentaria a probabilidade de os dados relevantes para a análise surgirem. Essa instrução foi parcialmente seguida. É perceptível que, na maioria das gravações utilizadas, houve a tentativa de seguir tais instruções. Constatamos, paradoxalmente, que as gravações ficavam menos casuais quando os informantes claramente tentavam seguir as instruções para que ficasse casual e, ao contrário, as gravações ficavam mais casuais à medida que os interlocutores esqueciam as instruções.

É oportuno dizer que nem sempre as gravações ficaram espontâneas. De fato, a maioria das gravações realizadas foi descartada. Os problemas mais comuns que levaram a esse descarte foram: 1) inibição intensa – muitas crianças ficavam mudas ou

monossilábicas durante longos períodos: houve uma gravação, por exemplo, em que só se escutava “vai”, “é sua vez” e o barulho do arrastar das peças de um jogo de xadrez; 2) crianças brincando de entrevistar e/ou representando personagens; 3) nível alto de ruídos, inclusive de televisão. Só foram utilizadas, portanto, as gravações que passavam por um rigoroso controle de qualidade em que faziam parte os critérios: boa ou razoável possibilidade de audição; razoável nível de espontaneidade e, claro, diálogos.

As gravações realizadas com a presença da pesquisadora (com crianças entre 7 e 11 anos) presumivelmente não são tão casuais quanto as gravadas somente entre os informantes (entre 12 e 15 anos), e tampouco aquelas eram gravações ocultas. Nessas gravações também foram enfrentados problemas, tais como: difícil acesso às crianças; alto nível de ruídos (já que as gravações foram realizadas dentro da escola) e, algumas vezes, não chegava a haver conversas próximas às casuais. Quando ocorria algum desses problemas em um nível elevado, a gravação também era descartada.

No terceiro tipo de gravação, com as crianças não pertencentes à comunidade da Vila Planalto, ou pertencentes ao Plano Piloto, não houve a pretensão de que as gravações fossem ocultas. Era colocado um gravador perto das crianças ou elas mesmas ligavam o gravador enquanto conversavam. Foram quatro gravações dessa natureza e todas elas foram realizadas nas casas dos informantes: em duas gravações, os interlocutores eram irmãos e, nas outras duas, os interlocutores eram amigos (nesses casos, a casa era de apenas um dos informantes, naturalmente).

Por fim, é importante lembrar que, embora julguemos que nossa amostra seja representativa das comunidades de fala, ela apresenta complexidades: 1) não foi aleatória num sentido amplo; 2) as gravações não foram realizadas todas do mesmo jeito e nem na mesma comunidade de fala. Ao total, foram 11 horas e 24 minutos de gravação, sendo 43 informantes. Destes, 25 são do sexo feminino e 18 do masculino, sendo 9 informantes pertencentes ao Plano Piloto. Houve, nas gravações, os informantes que, apesar de não terem o perfil descrito, fazem parte da amostra. São eles: duas mães, um rapaz de vinte anos e uma menina de cinco anos. As gravações desses informantes foram, grosso modo, incidentais. No entanto, a única fala incidental que interessa à presente investigação é a fala da menina de 5 anos, que entrou para algumas análises, sendo as demais falas desconsideradas nas análises.

2.3.4 Amostra gravada em 2012, coleta de fala em escolas em Sobradinho

As gravações realizadas no ano de 2012 também tiveram de se adequar às condições burocráticas e de execução observadas anteriormente pela pesquisadora, que optou novamente por contatar escolas a fim de selecionar informantes com idades entre 6 e 15 anos. Vencida a difícil e demorada etapa de submeter os instrumentos metodológicos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – UnB, etapa cujo sucesso dependia de já haver permissão prévia das instituições de ensino contatadas, o próximo passo foi ir a campo.

Essas gravações tiveram como base as gravações realizadas em 2008/2009. Desta vez, porém, cientes de que o empréstimo de gravador não seria bem-sucedido em todas as faixas etárias, optamos por realizar gravações apenas dentro da escola, mesmo cientes de todos os problemas que isso acarretaria. Desta vez, utilizamos um gravador profissional, adquirido exclusivamente para a realização dessas gravações, um equipamento *RCA digital voice recorder*.

Assim como anteriormente, nossos informantes também eram escolhidos pelas suas professoras, mas, desta vez, a escolha foi feita pelo professor de cada turma em que os alunos foram destacados, de forma que não houve novamente nenhum controle, de nossa parte, sobre quais alunos seriam selecionados para participar das gravações. Eram escolhidos, assim, quatro alunos de cada série, sendo, deste grupo, escolhidos dois meninos e duas meninas, mas nem todas as gravações ficaram equilibradas neste sentido também (falaremos disto mais adiante).

Uma vez dentro da escola, e com os alunos, íamos para uma sala à parte, que podia ser biblioteca, sala dos professores ou sala de informática. Lá, realizamos gravações sem um roteiro ou questionário prévio a ser seguido, objetivando uma conversa natural, que possibilitasse maximamente o surgimento do vernáculo.

Houve um direcionamento inicial para que surgisse, desde o princípio da gravação, um tópico a ser desenvolvido, qual seja: a apresentação das figuras de um livro para que os alunos pudessem imaginar como seria a história dentro do livro, como uma atividade de letramento.

Sob o impacto dos problemas detectados em pesquisas anteriores, a pesquisadora decidiu tentar realizar coleta de fala de uma forma mais homogênea. Assim, desde o início, participou das gravações feitas na escola, a exemplo das gravações com crianças de 7 a 11 anos na Vila Planalto. O sucesso dessa homogeneidade, porém, também foi comprometido, pois alcançamos algumas gravações de fala bastante espontâneas e outras que não chegavam a ser muito espontâneas, mas decidimos manter na amostra todas as gravações realizadas desta vez, já que não haveria tempo nem oportunidades disponíveis para inúmeras tentativas como ocorreu entre 2008/2009. A permissão do acesso às crianças e aos adolescentes estava mais restrita. Ainda sobre os resultados, tivemos algumas gravações com problemas de outra ordem, quais sejam: a) não gravamos a quarta série (alunos de 11 anos); b) uma gravação ficou menor que as demais, pois a bateria do gravador acabou sem que a pesquisadora tivesse notado; c) na gravação da sétima série, só conseguimos informantes femininas.

Mesmo com todos os problemas relatados, acreditamos que as gravações são representativas para uma análise acurada, embora limitada, da fala de crianças e adolescentes residentes em Sobradinho.

2.3.5 Amostra gravada em 2014, coleta de fala em Brazlândia

De inúmeras formas, a pesquisadora tentou expandir os dados. Houve, porém, muitas dificuldades que culminaram em insucesso, as quais não serão relatadas aqui. De toda forma, houve também muita colaboração de colegas para a expansão dos dados, e em alguns casos, houve o sucesso dessa expansão. Os dados que temos do Plano Piloto são casos dessa colaboração. Os dados de Brazlândia são, também, exemplo dessa colaboração. Uma pessoa do convívio social da pesquisadora, à época professora de uma escola em Brazlândia, aceitou emprestar o gravador para algumas de suas alunas. Nessa ocasião, foram feitas três gravações, as três na escola. Essas gravações, no entanto, não atingiram a fala espontânea desejada, mesmo assim, elas foram transcritas e utilizadas para análise, por total impossibilidade de tempo para obter outras amostras e, também, por nos permitirem mais bases de apontar os rumos da expansão dos usos do pronome *tu*. Nossa colaboradora também emprestou o gravador para seu filho de 15

anos. Este realizou quatro gravações com seus pares, e os registros apontam que essas falas, sim, atingiram a espontaneidade desejada.

Assim, temos que as sete gravações realizadas em Brazlândia em 2014 aumentam ainda mais a diversidade não só de localidades, diversidade desejada, mas também de contextos situacionais ou estilos de fala, como o leitor poderá notar. Ao todo, nesta etapa, foram cerca de quatro horas de gravação, entre 10 informantes (quatro na escola, do sexo feminino, todas de 13 anos; e seis em casa, do sexo masculino, entre 15 e 18 anos).

2.3.6 Amostra gravada em 2015, coleta de fala em Brazlândia e Plano Piloto

Como as amostras ainda apresentavam desequilíbrios em termos de quantidade de dados nos fatores localidade e idade, voltamos a campo onde nossa amostra apresentava maior desequilíbrio, ou seja, em Brazlândia e no Plano Piloto, mais especificamente neste segundo caso, na Asa Norte.

Assim, gravamos quatro conversas maximamente casuais em duas escolas em Brazlândia: que duraram em torno de 20 minutos cada uma, e mais duas conversas maximamente casuais em uma escola no Plano Piloto, com cerca de 40 minutos cada uma; obtivemos, ainda, acesso a uma gravação que durou em torno de 15 minutos de uma das informantes gravadas, oriunda da escola do Plano Piloto. Ao total, coletamos cerca de 3 horas de gravação. De novo, nos adaptamos ao que era possível no momento da coleta da amostra. Por isso, as gravações (em sua maioria) foram feitas da seguinte forma: eram escolhidos de dois a quatro alunos por seus professores e estes iam isolados para uma sala de estudos dentro da escola, onde era ligado o gravador e eles poderiam conversar à vontade sobre qualquer assunto. A única instrução era de que, se não houvesse assunto, poderiam jogar o jogo *verdade ou consequência* (um jogo que envolve perguntas e respostas).

Novamente, fica evidenciado que, apesar de atendermos a uma demanda da pesquisa sobre o aumento de dados necessários para diminuir o desequilíbrio observado, a cada novo grupo de dados gravados também aumentava a possibilidade de diversificação dos estilos utilizados, tornando mais complexas a análise e os resultados.

Além disso, o contato com a escola do Plano Piloto não possibilitou um levantamento de dados de crianças oriundas desta região administrativa, pois, em sua maioria, as escolas públicas do Plano Piloto ensinam alunos de outras RAs diversificadas, prova disso foi o fato de que obtivemos nessa amostra, de 10 participantes da escola do Plano Piloto, apenas uma era moradora desta RA (sendo os demais informantes oriundos da Granja do Torto, Ceilândia, Santo Antônio do Descoberto).

Por fim, cabe ressaltar que, segundo as observações qualitativas do complexo quadro social que encontramos em Brasília, caracterizado por um hibridismo entre os fatores que tendem a medir classe social (renda, ocupação, escolaridade, local de moradia e etc.), assim, consideramos que os fatores que nós controlamos, tipo de escola e a localidade de moradia, são pistas que nos darão **indícios** de classe social. Os resultados na composição das amostras nos levam a afirmar que as crianças e os adolescentes moradores do Plano Piloto, em sua considerável maioria, estudam em escolas particulares e que, se moradores do Plano Piloto e estudantes de escolas particulares, os informantes aglutinam condições necessárias para pertencerem a níveis sociais mais privilegiados na escala econômica. Apesar de consideráveis esforços para registrar a fala desse tipo de informante, não conseguimos realizar essas gravações em quantidade necessária, restando essa tarefa para futuras pesquisas.

2.4 Considerações sobre as amostras

Como relatado anteriormente, as amostras de fala são extremamente heterogêneas. Mesmo buscando maximamente a espontaneidade e o equilíbrio entre as amostras, nem sempre esses critérios puderam ser seguidos, como relatamos. Nem por isso as amostras são ruins, pelo contrário. Percebemos que, mesmo sem ter alcançado um levantamento de amostra ideal, as amostras alcançadas são paradoxalmente bastante representativas da fala, posto que, na fala, em geral, há um vasto espectro de espontaneidade e de estilos contextuais, que se encaixam num *continuum* que vai do mais casual ao mais formal. Os pontos dessa seta, que partem do mais e vão para o menos espontâneo, passam por uma infinidade de estilos contextuais, que não são pontos apartados ou estanques que podem ser retirados da seta e analisados separadamente, mas fazem parte da seta, desse *continuum*.

Consideramos, portanto, que temos excelentes insumos para fazer uma análise relevante. Certamente, as limitações do pesquisador serão mais limitadoras para esta tese do que os problemas pertinentes às coletas de dados. De toda forma, faremos os melhores usos que pudermos dessas amostras tão diversas. As análises, a exemplo das amostras, serão também bastante complexas. Por fim, quanto às teorias que embasam nossa análise, consideramos igualmente que elas dão conta de todas as complexidades encontradas no fenômeno em análise e que, na verdade, vão muito além.

No próximo capítulo, falaremos mais especificamente sobre o fenômeno em foco: os pronomes e a variação deles no Brasil e em Brasília.

3. SUPORTE BIBLIOGRÁFICO: OS PRONOMES, A VARIAÇÃO DOS PRONOMES NO BRASIL E EM BRASÍLIA

Neste capítulo, analisaremos o que tem sido registrado academicamente a respeito dos pronomes de segunda pessoa do singular sobre a variação *tu/ você (cê) – e senhor(a)* – no Brasil¹⁷ e, finalmente, em Brasília, Distrito Federal.

Inicialmente, vale dizer que o Brasil passa hoje por um momento histórico de mais prestígio quanto ao português utilizado em suas terras. O acordo ortográfico de 1990, cujas bases foram propostas essencialmente por acadêmicos brasileiros, pode ser considerado um marco de liderança brasileira quanto a forma, registro e ensino do português, mesmo com toda a reprovação explicitada por Portugal ao longo das últimas décadas. Reiteramos que a escolha de uma forma (variante) em detrimento de outras tem sido um ato político desde os primórdios da tradição gramatical, em todas as línguas em que essa tradição esteve presente.

Assim, de acordo com a Teoria da Variação e Mudança Linguística, que observa as línguas no âmbito de sua heterogeneidade e diversidade, e considerando o Brasil um país de magnitude continental, com o histórico que tem, não poderia nem deveria ser o retrato da sua língua pouco diverso. Mesmo sendo óbvia, esta observação não poderia deixar de ser feita no presente trabalho, uma vez que discorreremos sobre a questão pronominal no português brasileiro (doravante PB) considerando sua heterogeneidade.

Analisaremos, pois, o que as gramáticas e os estudos científicos registram a respeito dos pronomes de forma geral e, mais adiante, proporemos uma síntese maximamente sincrônica sobre como está a variação dos pronomes no PB, com base principalmente nas bibliografias visitadas por Andrade (2010); Scherre et al. (2009, 2015) e Lopes & Cavalcante (2011) e, por fim, faremos uma reflexão focalizando a variação pronominal em Brasília.

¹⁷ Com algum incremento das variantes apresentadas, acerca do *ocê* e *o(a) senhor(a)*.

3.1 Dos pronomes

Os pronomes são, por excelência, palavras intrinsecamente esvaziadas de sentido. Segundo Mattoso Camara Jr. (1970, p. 78), o “pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto esse espaço em função do falante [...] e se distingue do nome”, ou seja, os pronomes ganham sentido quando aplicados em interações discursivas, em função das pessoas que participam (ou não) do discurso. A tradição gramatical se refere geralmente aos pronomes como palavras que substituem os nomes (cf. BECHARA, 2009; CUNHA e CINTRA, 2007), de forma que o pronome de segunda pessoa do singular é uma palavra utilizada para substituir o nome, se referir à pessoa com a qual se fala.

Jespersen (1924 *apud* Monteiro, 1994) discute a definição dos pronomes sobre serem meros substitutos dos nomes. Segundo Dalto (2002), apesar de ser limitada essa classificação dos pronomes, ela não é falsa. Do mesmo modo, Monteiro (1994) e Benveniste (1995) também discutem a classificação da terceira pessoa. Tais discussões, porém, não farão parte de nossa análise, uma vez que nosso foco é a segunda pessoa do singular.

Faraco (1996, p. 51-52) aborda a importância de estudar os pronomes das línguas sob os pontos de vista antropológico e linguístico, e pondera que, do ponto de vista linguístico, temos questões diacrônicas e sincrônicas associadas a estes usos e, como decorrência de mudanças linguísticas ao longo do tempo, há toda uma possibilidade de modificação de paradigmas gramaticais em torno dos pronomes. Do ponto de vista pragmático, Faraco chama atenção para o fato de que não apenas fatores linguísticos condicionam o comportamento dos pronomes, mas também os sociais, ou seja, as relações sociais também condicionam a língua em uso. Assim, para Faraco (1996, p. 64), “O *você* é o pronome de uso comum e íntimo no Brasil, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais”, ressaltando-se que “a razão para esse uso tão amplo de *você* no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história da formação do país”.

O modelo T/V de Brown e Gilman (1960), delineado no artigo “The Pronouns of Power and Solidarity”, observa que, em muitas línguas ocidentais, ocorrem pelo menos dois pronomes para se referir à segunda pessoa do singular, um de solidariedade,

associado ao T (do latim *tu*), e um de poder, associado ao V (do latim *vos*), análogo ao *tu/ vous* do francês ou *du/ Sie* do alemão, por exemplo. Assim, o falante que detém poder, pode se referir à segunda pessoa tanto por *vos* quanto por *tu*, mas será geralmente chamado/tratado por *vos*. A pessoa que não detém poder seria maciçamente tratada por *tu*, só seria tratada por *vos* em situações irônicas. Por esse modelo, um dos pronomes é de tratamento mais íntimo, mais familiar, mais solidário, mais informal, enquanto o outro seria o inverso, menos íntimo, menos familiar, menos solidário, mais formal, mais cerimonioso e assim por diante. Com base nos autores, interpreta-se que os dois pronomes marcavam simetria e assimetria entre as relações das sociedades ocidentais, desde o apogeu românico até poucos séculos atrás (atravessando o período medieval, inclusive), havendo um movimento recente (pelo menos do século XX para cá) de expansão de uso do pronome de solidariedade na maioria das línguas verificadas.

No PB, temos, pois, como registrou Faraco (1996), os pronomes *tu/ você*. Podemos associar esse par relativamente ao binômio solidariedade e poder, respectivamente, mas temos sempre de relativizar, tanto em perspectiva diacrônica, (se consideradas as formas menos gramaticalizadas do *você*, como *vossa mercê*) quanto em perspectiva sincrônica (se consideradas as formas mais gramaticalizadas do *você*, como *ocê* e *cê*, por um lado e a concordância com o *tu*, por outro). Vejamos alguns casos dessa relativização sempre em função geográfica.

A forma *você* pode transitar entre às semânticas de poder e solidariedade. Gonçalves (2008) registra que, em Minas Gerais onde o autor realizou seu estudo, o *você* será associado à semântica de poder enquanto as suas formas mais gramaticalizadas, portanto o *ocê* e o *cê*, serão geralmente associadas à semântica de solidariedade. Inclusive, para as formas mais gramaticalizadas do *você*, a semântica expressa tenderá a ser de solidariedade no Brasil inteiro, independente da região onde ocorra. Por outro lado, em alguns lugares do Brasil (por exemplo, nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, no Sul, e em Tefé, no Norte), onde o *tu* é mais recorrente, o pronome de poder, ao invés de ser associado à forma *você*, poderá ser associado à forma *tu* com concordância para expressar essa semântica. Em Tefé (cf. MARTINS, 2010), por exemplo, na interação íntima e assimétrica, como na interação entre filho e pai, não se usaria a forma V (*você*) para expressar a assimetria, e sim o *tu* com a sua respectiva concordância.

Sabe-se que o *tu* no PB, quase sempre, assume a função de ser mais simétrico e íntimo; mas o *você* muitas vezes pode ser tão simétrico e íntimo quanto esse *tu*, principalmente em regiões onde o *tu* não ocorre. Pode-se inferir, com base em diversos autores (cf. Gonçalves, 2008; Scherre et al, 2015) que, onde não há o *tu*, o *você* e suas variantes tenderão a carregar tanto aspectos de poder quanto de solidariedade. Do mesmo modo, como vimos, o *tu* é usado também em contextos formais, honoríficos, bastando para isso o incremento da concordância. Portanto, o modelo T/V pode ser associado às formas *tu/ você*, respectivamente, mas essas associações devem ser sempre relativizadas no PB, pois as semânticas de poder e solidariedade se apresentarão de formas diferentes, a depender da região.

Gostaríamos de propor uma generalização do modelo T/V para o caso brasileiro, deslocando, quando for o caso, seus referentes comuns *tu/ você* e, ainda, relacionando-os ao princípio da marcação (GIVÓN, 1995). Com base nas ponderações de Scherre et al. (2015, p. 39), que postulam que no Brasil há diversos *tus*, afirmamos anteriormente que os pronomes em análise dependem, pelo menos, de questões geográficas para se definirem como T ou como V do modelo de Brown e Gilman (1960), justamente porque a possibilidade de verificação da marcação dos pronomes tem ocorrido geograficamente. Assim, temos que, em algumas regiões próximas das bordas Sul e Norte do país, onde o *tu* é mais frequente e, portanto, não marcado, o par T/V seria relacionado ao *tu* sem concordância e ao *tu* com concordância, respectivamente. Nessas regiões, vale dizer, o *você* costuma ser um pronome marcado como algo de fora da comunidade linguística. Já em partes mais centrais do país, onde o *tu* não é frequente e, portanto, é marcado, o modelo T/V poderia ser relacionado às seguintes combinações de formas: i) *tu/ você (cê)*, em locais onde o *tu* ocorre; ii) *você (cê)/ senhor(a)* ou iii) *você/ocê (cê)*, em locais onde o *tu* não ocorre ou tende a não ocorrer.

Vale ainda ponderar explicitamente sobre as formas mais gramaticalizadas do *você*, uma vez que uma delas, o *cê*, é foco de nossa análise. Podemos inferir que a variante *cê* é mais difundida no PB que a variante *ocê*, sendo esta mais restrita às comunidades mais interioranas e/ou rurais, especialmente no estado de Minas Gerais. Ambas são frequentemente associadas à semântica de solidariedade, como já mencionado. Ainda, a forma *cê*, além de estar em todo o PB, mesmo que o grau de sua ocorrência varie (costuma ser mais frequente quando o *você* é mais recorrente e costuma

ser menos frequente quando o *tu* é mais recorrente), parece gozar de uma certa neutralidade, como o *você*, e sua atonicidade corrobora essa neutralidade.

Apesar das relações de poder e solidariedade ocorrerem frequentemente como mencionamos anteriormente, não estamos certos de que elas sejam inequívocas. É importante ratificar que o *você*, apesar de poder ocupar também o espaço do pronome de poder, como foi demonstrado anteriormente, não goza plenamente desse valor no PB, de forma generalizada; além disso, nas regiões centrais do Brasil, o *você* figura como um pronome não marcado.

Ainda, segundo nossas observações da ocorrência do *cê* em Brasília, este pronome parece ter licença para ocupar espaços de poder, não sendo exatamente uma forma de poder, mas de solidariedade, ocorrendo principalmente quando não se quer chamar atenção para tais propriedades dos usos dos pronomes, uma vez que ele é, por excelência, átono (cf. Andrade, 2010).

Por fim, além das questões de poder e solidariedade, Faraco (1996, p. 67 e 68) verifica que a entrada do *você* no paradigma pronominal manteve a concordância na 3ª pessoa (fato que tem, historicamente, propriedade honorífica), contudo, pelo fenômeno da homofonia em alguns tempos verbais, poder-se-ia observar o crescimento da obrigatoriedade do pronome sujeito no PB. Voltaremos mais adiante neste tema.

Tecemos, anteriormente, considerações sobre o comportamento dos pronomes nas línguas em geral e no PB. Analisemos, a seguir, a tradição gramatical que tende a retratar momentos da história de uma língua escrita. Veremos essa tradição em função dos pronomes de segunda pessoa, ao longo dos registros gramaticais do português nos últimos 500 anos e, por fim, focaremos nossas análises nos registros dos usos brasileiros.

3.2 Pronomes no português

No quadro pronominal do português, desde a gramática de Fernão Dias, no século XIV, já se considerava que o pronome *tu* era o pronome de segunda pessoa do singular na língua portuguesa. Assim, na tradição gramatical do português, os pronomes

do singular e do plural do caso reto são, respectivamente: 1ª *eu*, 2ª *tu*, 3ª *ele/ela*; 1ª *nós*, 2ª *vós*, 3ª *eles/elas*.

Com base em trabalhos como os de Antenor Nascentes (1956), e Faraco (1996), sabe-se que, para a segunda pessoa do singular, além do *tu* (e de suas formas oblíquas e desinências), havia uma **forma de tratamento** cerimonioso: o *Vossa Mercê*, que inicialmente era usado para se referir exclusivamente à realeza. Com o tempo, essa forma se estendeu para a referência também à nobreza e, depois, com o advento da burguesia, essa forma continuou se expandindo e alcançou esse novo estrato de classe social. É importante observar, porém, que, à medida que o *Vossa Mercê* se expandia para a referência às demais classes sociais, essa forma perdia, pouco a pouco, a ideia de “cerimônia”, já que era mais e mais vezes atribuída a mais e mais pessoas. Aí já estávamos diante do grande processo de gramaticalização pelo qual essa forma passou.

Segundo as referências bibliográficas da área, como a de Lopes (cf. 2003), a gramaticalização é um fenômeno gradual, que compreende alguns processos: i) perda de massa fônica; ii) perda ou diminuição de carga semântica; iii) excesso de uso se em comparação com um estado de uso anterior. Portanto, a gramaticalização é um processo análogo ao da erosão de terras: com o uso excessivo, perdem-se propriedades minerais/nutritivas (seria análogo à perda semântica), e há concomitantemente também a perda física. Assim, o *Vossa Mercê* (cf. Lopes, 2003; Gonçalves, 2008) passou pelas seguintes formas quando da perda de massa fônica e conteúdo semântico:

Vossa Mercê > *vossemecê* > *voss'micê* > *vossuncê* > *vassum'cê* > *vom'cê* > até chegar às formas de hoje: *você*, *ocê* (forma pertencente principalmente ao dialeto mineiro e/ou rural) e *cê*.

Hoje, como pode ser visto no fim do processo de gramaticalização observado anteriormente, o *você* e suas variações são usados como segunda pessoa e não mais como forma de tratamento cerimonioso, que requereria algum indício semântico de referência honorífica, restando no PB ainda a forma de tratamento *o(a) senhor(a)*, entre outras mais específicas, com finalidades honoríficas. Assim, temos que os pronomes de

segunda pessoa que figuram no PB são as formas anteriormente delineadas, *você/ cê* (e *ocê*, principalmente em Minas Gerais, MG, e em áreas rurais) e, claro, o *tu*.

As gramáticas atuais ainda trazem em seu conteúdo o quadro pronominal em que o *tu* figura como única forma de se referir à segunda pessoa do singular (cf. CUNHA e CINTRA, 2001; BECHARA, 2009) ao encontro do que já ocorria há 500 anos. Os compêndios gramaticais atuais trazem, porém, a forma *você* como pronome de tratamento, mas explicam que é assim classificado porque é uma forma que se refere à segunda pessoa, cuja flexão ocorre na terceira pessoa.

É difícil para a tradição gramatical, enquanto tradição, sistematizar as variações e mudanças que ainda estão em curso. E ainda, é verdade que a inserção do pronome *você* no quadro pronominal do PB trouxe muitas consequências morfossintáticas. Em Duarte (1996, p. 109-125), por exemplo, a autora registra que “há, no português do Brasil, uma crescente simplificação nos paradigmas flexionais” e isso, entre outras consequências, levaria a uma “tendência de maior preenchimento do sujeito”. Assim, os fenômenos de: i) variação pronominal, ii) simplificação de paradigma flexional e iii) mais preenchimento do sujeito se influenciam mutuamente.

Apesar de ainda estarmos observando as consequências anteriormente mencionadas, linguistas de todo o Brasil (por exemplo, FARACO, 1996; DUARTE, 1996, 2008; PAREDES, 2003, 2008; SCHERRE et al. 2009 e 2015; LOPES, 2011) que vêm estudando os pronomes, ou a variação pronominal no país, assumem o *você* (e suas variantes) como pronome, e não como forma de tratamento. Entre as razões pelas quais isso ocorre, interpretamos: i) sua elevada gramaticalização, ii) sua ocorrência generalizada e até maior que a ocorrência do seu correspondente, *tu*, uma vez que aquele desenvolveu *status* de pronome suprarregional no PB (cf. FARACO, 1996; SCHERRE et al., 2015; ILLARI, 2007) e iii) sua semântica (sem interpretação honorífica).

Lopes (2011) desenvolve um estudo sobre a variação dos pronomes, baseado em cartas de brasileiros, datadas desde o século XVIII, e os resultados a que chegou sugerem que a variação entre *tu* e *você* no Brasil já ocorria naquele período, sendo o *você* um pronome esvaziado de sentido honorífico e que poderia, naquela época, até

mesmo guardar um sentido assimétrico, como ficou estabelecido em Portugal¹⁸. O estudo de Lopes ainda atesta que, a partir do século XIX, a variação entre as formas *tu* e *você* já começa a se acentuar, com uma expansão do uso do *você*. Inferimos, assim, que o *você* é um pronome do PB já há pelo menos dois séculos.

Do fim do século XIX e ao longo do século XX, é notório o estabelecimento do *você*, tanto na fala como também em nossa cultura escrita. Alguns linguistas, não sem razão, relataram até mesmo uma supremacia substancial do *você* sobre o *tu* (ILLARI, 2007), mas apontaram equivocadamente o **desaparecimento** deste último. Além dos registros diacrônicos mencionados anteriormente, ainda vale mencionar as análises de Mattoso Camara Jr. (1970, p. 120), que explicou que no PB o *você* figura como pronome e que suas formas correspondentes seriam remodelizadas, pois o *você* liga-se às formas oblíquas *lhe/te*, e ainda afirma que “a série *tu, te, ti, contigo* persiste com finalidade puramente **estilística**, ao lado de *você*”, afirmação esta que traduziu a situação pronominal no Brasil (ou pelo menos no Rio de Janeiro) no início do século XX.

Ao encontro dessas considerações, sincronicamente, temos que, em alguns materiais didáticos do português brasileiro como segunda língua, há registro apenas do *você* figurando como pronome de segunda pessoa (cf. LIMA et al., 1990, p. 10, e HENRIQUES e GRANNIER, 2001, p. 4). Mas sabe-se que o pronome *tu* não está desaparecendo, nem é apenas de uso estilístico. As formas correspondentes de *tu* e de *você* são formas que variam regularmente para a referência à segunda pessoa do singular. Não nos aprofundaremos nesta análise, mas é fato que as formas “*te/ teu/ seu*”, por exemplo, se ligam tanto ao *tu* quanto ao *você*, e assim por diante.

Ao lado das formas *tu* e *você*, ainda temos no Brasil, como já tivemos a oportunidade de relatar, a forma *cê*. Esta forma pode ser classificada como uma forma alternativa e mais gramaticalizada do *você*, e também como um clítico (cf. ANDRADE, 2010). O *cê* não é explorado em compêndios gramaticais e tem sido menos estudado entre os linguistas, sendo, algumas vezes, até observado, mas frequentemente amalgamado à forma *você*. Voltaremos a ele mais adiante. Além do *cê*, temos também a

¹⁸ Em Portugal, pelo que se sabe, o *você* não é um pronome como no Brasil, mas uma forma de tratamento pejorativo, assimétrico, usado para se referir a alguém que esteja associada **abaixo** em alguma escala estratificatória (cf. LOPES, 2011).

forma *ocê*, que a exemplo do *cê*, também é estudado em menor frequência¹⁹. A forma *ocê*, como já mencionado, tende a ocorrer em regiões interioranas do Brasil, sendo frequentemente associada às culturas rurais. Ela não será analisada no presente estudo por não ser recorrente em Brasília.

Os estudos linguísticos realizados nas últimas décadas sobre a variação pronominal no PB apontam para um quadro bastante diverso considerando as realizações dos pronomes de segunda pessoa na fala brasileira. A seguir, apresentamos um quadro pronominal que julgamos como convergentes aos diversos estudos no Brasil sobre o tema, com base em Loregian-Penkal (2004, p. 48):

Quadro 1 – Proposta de quadro pronominal para o PB

Pronomes Pessoais Sujeito	
Pessoa Gramatical	Pronomes
1ª pessoa do singular	eu, a gente
2ª pessoa do singular	você, tu, <i>cê</i> , <i>ocê</i>
3ª pessoa do singular	ele, ela
1ª pessoa do plural	nós, a gente
2ª pessoa do plural	(vós*), vocês, <i>ocês</i> , <i>cês</i>
3ª pessoa do plural	eles, elas

Baseado e adaptado do quadro de Loregian-Penkal (2004, p. 48).

(* ocorre apenas em textos arcaicos ou religiosos)

Além das formas observadas anteriormente, vale menção ainda a forma de tratamento *o(a) senhor(a)*, que sempre guardou em si a propriedade honorífica típica das formas de tratamento, além da associação às formas/estruturas de terceira pessoa. Essa forma está presente nas gramáticas e pode ser usada para a referência à segunda pessoa de forma generalizada, bastando que se queira revelar, através da fala, uma semântica de assimetria. Muitas vezes, tal forma é citada ao lado de outras formas de tratamento mais específicas, como *vossa excelência*, por exemplo. Vale dizer que a forma *o(a) senhor(a)*, apesar de não ter sido sistematicamente estudada, não parece ter ocorrência elevada, pois há indícios que ela esteja desaparecendo no trato de filhos para

¹⁹ (cf. Andrade, 2004; Gonçalves, 2008; Coelho (1999, 2010); Nascimento (2011).

pai/mãe, avós, em cidades da região Sudeste e Centro-Oeste, (como, pelo menos, o Rio de Janeiro, Vitória e Brasília²⁰), mas ainda é recorrente em relações comerciais ou de atendimentos²¹. Talvez a baixa ocorrência decorra da própria característica honorífica de que a forma *senhor(a)* que possui.

3.3 A Variação dos pronomes no PB sob uma perspectiva diatópica

Scherre et al. (2015) fizeram um estudo bastante amplo, compilando diversos resultados de pesquisa de autores da Sociolinguística e Dialectologia sobre a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular e a concordância. Os diversos autores e trabalhos, criteriosamente relacionados em Scherre et al. (2015), nos ofereceram uma visão bastante acurada sobre o fenômeno no território brasileiro. Faremos, a seguir, uma demonstração de resultados, nos moldes de Andrade (2010), considerando apenas a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular, sem atenção à concordância com o pronome *tu*, que é bastante variável em todo território nacional, mas que caminha, em termos gerais, para uma supremacia da *não concordância*. Em anexo do presente trabalho, seguem referências bibliográficas especialmente preparadas para o trabalho de Scherre et al (2015). Essas referências não foram publicadas, à época, como idealizadas. Assim, foram cedidas pelas autoras para esta tese a fim de cumprir sua utilidade acadêmica. Tais referências são o resultado de uma capitalização criteriosa sobre a variação de pronomes de segunda pessoa do singular no Brasil e sua respectiva concordância.

Deste ponto do trabalho até a seção 3.5, o **VOCÊ** representará uma junção das formas *você/ocê/cê*, a fim de apresentar a variação geográfica dos diferentes subsistemas. Vale lembrar que o *você* e o *cê* aparecem, de forma variável, em todo o território nacional, enquanto o *ocê* é mais restrito, pois é associado às formas rurais, como já tantas vezes mencionado. Assim, o tratamento diferenciado das três formas gramaticalizadas do *você* será posto de lado apenas com finalidade de delinear o retrato da variação entre *VOCÊ/tu* no Brasil, uma vez que as pesquisas realizadas no

²⁰ Segundo observações de Scherre.

²¹ Como observado por Ana Maria Carvalho, por ocasião da defesa desta tese.

país, maciçamente²², juntaram *você/ocê/cê* ou *você/cê* como sendo a mesma ocorrência. Nos próximos capítulos, porém, voltaremos a analisar as forma separadamente. Vale dizer, por último, que a forma *o(a) senhor(a)* raramente é mencionada nos trabalhos aqui revisados, portanto, voltaremos a ela somente na análise de resultados e nas considerações finais.

3.3.1 Região Norte

A partir de Scherre et al. (2015, p. 144) temos que, no Estado de Tocantins, há áreas onde ocorre o pronome VOCÊ de forma generalizada. Isso se deve, em grande monta, às influências linguísticas que o estado recebeu e recebe ao sul e no centro, em que as influências de Goiás, Minas Gerais e Bahia foram e são mais recorrentes. Mas, ao norte do estado, onde recebe mais influências do Maranhão e do Piauí, o *tu* é mais recorrente. Scherre et al. (2015), parafraseando e citando o prof. Cícero Silva (da Secretaria Estadual de Tocantins e natural de Colina, TO), relatam:

Com base em trocas de mensagens em dezembro de 2012, podemos dizer que o Estado de Tocantins recebeu influências diversas. Segundo as palavras do prof. Silva, “o uso de *você* (e suas variantes *ocê*, *cê*) é mais recorrente. O *tu* também é usado, mas com menor frequência. [...] O uso do *tu* não deve mesmo passar de 10% ou 20% (e sem concordância)”. E ele continua: “posso afirmar que quando os falantes usam o pronome *tu* dificilmente é feita a concordância [...]. É comum ouvirmos: ‘Tu vai à festa?’; ‘Tu mora onde?’; ‘Onde tu trabalha?’. No Bico do Papagaio, área de influência maranhense e piauiense, o uso de *tu*, provavelmente, supera o de *você* e suas variantes”, pondera Cícero Silva.

A partir dessas considerações, Scherre et al (2015) projetam o Tocantins no subsistema *VOCÊ/ tu*, em que o VOCÊ ocorre em preferência²³, mas está em variação com o *tu*. É interessante destacarmos o que ocorre em Tocantins, pois este é um estado novo, já que há 25 anos atrás ainda pertencia ao Estado de Goiás.

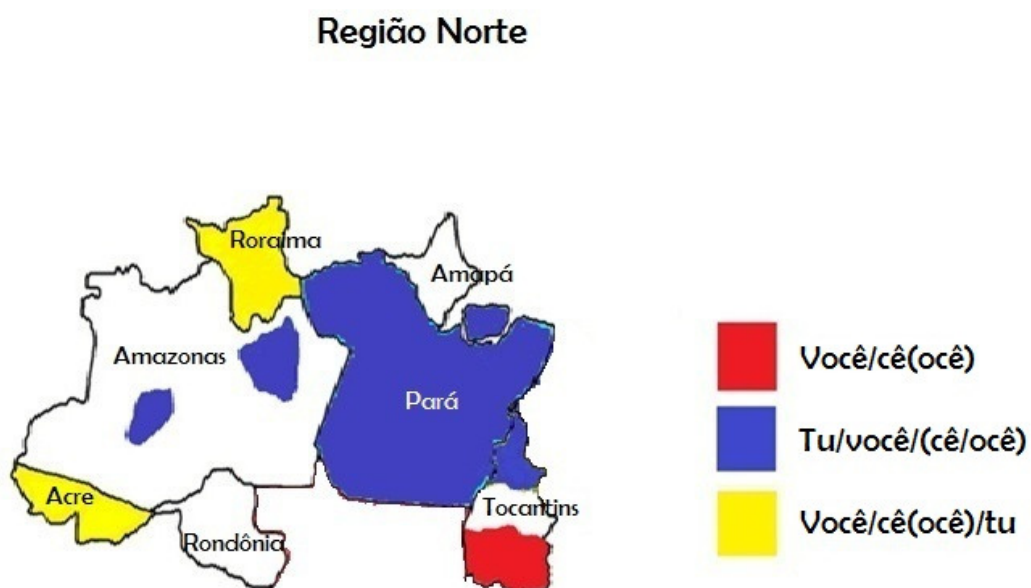
²² Excetuando-se quando as análises discorriam, justamente, das três formas em separado.

²³ O pronome que aparece em primeiro seguido da barra é o pronome que mais ocorre, depois da barra estará o pronome que ocorre em menor frequência.

O Pará e o Amazonas, segundo os trabalhos acadêmicos ali desenvolvidos e segundo os nativos a que tivemos acesso, são os estados da Região Norte onde o pronome *tu* ocorre com maior frequência (com concordância variável dentro desses estados e entre os estados). Sobre o Pará, Scherre et al. (2015) sugerem que “O estado do Pará, ao que tudo indica, é usuário do subsistema *tu/ VOCÊ* [...] em Belém, a capital”. Os autores afirmam, porém, que outras pesquisas estão em andamento pela região e que certamente poderão trazer resultados diversificados para esse estado. De toda forma, Scherre et al (2015) projetam para o estado do Pará que o uso de *tu* é mais frequente, mas ressaltamos que, provavelmente, o estado apresenta um comportamento pronominal mais complexo do que o que foi projetado até o momento. O Amazonas, como ressaltado anteriormente, conta também com um alto índice de uso do pronome *tu*, mas, segundo os estudos aos quais tivemos acesso, a possibilidade de concordância neste estado parece menor se comparada ao Pará (cf. MARTINS, 2010; SCHERRE et al., 2015). Assim, esses estados integram o subsistema *tu/ VOCÊ* (em que o *tu* está em preferência). Espera-se que pesquisas futuras e cada vez mais localizadas possam confirmar ou refutar esta hipótese.

Outrossim, Scherre et al (2015) projetam que os Estados do Acre e de Roraima usam o *VOCÊ* em preferência, mas também usam o pronome *tu* em menor escala, se enquadrando no subsistema *VOCÊ/ tu*. Os pesquisadores não tiveram informações sobre a variação de pronomes no Estado de Rondônia. Por fim, decorre da síntese organizada por Scherre et al (2015) a percepção de uma grande demanda que há nesses estados de estudos sociolinguísticos e dialetológicos. Para os maiores estados dessa região, Amazonas e Pará, registrou-se a ocorrência de *tu* entre 65% a 78%, respectivamente. A seguir, vejamos um mapa da Região Norte em função da variação dos pronomes.

Figura 1 – Mapa da Região Norte²⁴



3.3.2 Região Nordeste

Segundo Scherre et al. (2015), na Bahia, a capital, Salvador, apresenta apenas o *VOCÊ*. Mas somente em Salvador se registrou, até agora, apenas o *VOCÊ* em sua referência a segunda pessoa, pois, em Feira de Santana, vizinha a Salvador, e em localidades rurais mais distantes de Salvador, como Santo Antônio de Jesus, Sapé, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas, Santo Antônio e Poções, há a ocorrência também do pronome *tu*, apontando para o subsistema *VOCÊ/tu*.

A projeção que temos para o Maranhão é do subsistema *tu/ VOCÊ*, de acordo com estudos realizados nas cidades de Imperatriz, de Pinheiro, e na capital São Luiz (cf. Beliche, 2015). Há, porém, também no Estado do Maranhão, o subsistema *VOCÊ/ tu* nas cidades de Bacabal, Tuntum, Balsas e Alto Parnaíba.

²⁴ As partes em branco indicam exatamente que não há indícios para uma **projeção**.

Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco revelam, até onde se pode observar, a presença do subsistema *tu/ VOCÊ*. O percentual encontrado para a ocorrência de *tu* em toda a região varia em até 76%. Eis o mapa da Região Nordeste em função da variação dos pronomes.

Figura 2 – Mapa da Região Nordeste



3.3.3 Região Sul

A Região Sul apresenta, como as demais regiões já citadas, uma configuração bastante diversificada de subsistemas. Os resultados estão muito bem delineados em Loregian-Penkal (2004), com base no projeto VARSUL, e foram compilados em Andrade (2010) e em Scherre et al. (2015).

O Paraná aparece apenas como representante do subsistema *VOCÊ*, em que os registros de pesquisas apontam para o não uso do pronome *tu*.

Santa Catarina, por sua vez, apresenta bastante diversidade em relação à concordância, mas, quanto à variação dos pronomes, pode-se projetar todo o estado como usuário do subsistema *tu/ VOCÊ*, a partir de estudos realizados nas cidades de Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó, Concórdia, Blumenau e Lages, que registram ocorrência de *tu* em torno dos pesos relativos .32 até .82, com o menor desses pesos registrado para a sua capital, Florianópolis.

O Rio Grande do Sul também é o usuário do subsistema *tu/ VOCÊ*, apresentando igualmente um alto índice de uso de *tu* encontrado em pesquisas realizadas até o momento. As cidades com pesquisas disponíveis sobre a variação dos pronomes são Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Pelotas, com pesos que giram em torno de .30 a .76 (os percentuais para as cidades de RS giram em torno de 90%; cf. LOREGIAN-PENKAL; 2004, p. 133), sendo a capital usuária de *tu* em 93%, com o peso de .61. A seguir, o mapa da Região Sul segundo a variação de pronomes.

Figura 3 – Mapa da Região Sul



3.3.4 Região Sudeste

A Região Sudeste, a exemplo do que ocorre na Região Sul, também apresenta um conjunto maior de trabalhos a serem acessados a fim de projetar um retrato mais fiel do que seja a variação dos pronomes em seus territórios. Esta região exibe um comportamento que aponta para a predominância do subsistema *VOCÊ*, mas exibe ainda o subsistema *VOCÊ/ tu* (sem possibilidade de concordância) na cidade do Rio de Janeiro (cf. PAREDES, 2003; SANTOS, 2012).

Nas duas pesquisas realizadas no estado do Rio de Janeiro, fica evidenciado que o *tu* não é um pronome de fácil registro, por ser uma forma que se evidencia a depender do contexto e que pode sofrer estigma. Ambas as autoras apontam para uma ocorrência maior do *tu* em classes sociais mais baixas. Conforme Santos (2012, p. 111),

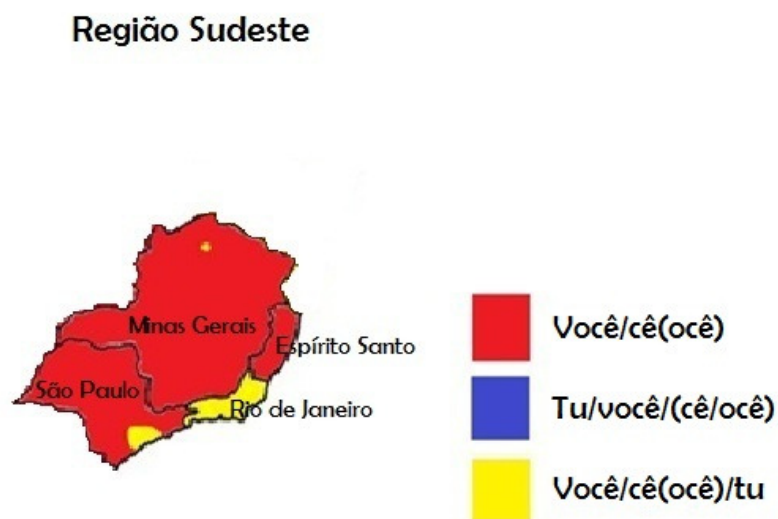
Os falantes de classes sociais mais altas e de maior letramento fazem um uso mais 'criterioso' da variante que ainda desperta certo estigma na variedade carioca (referindo-se ao *tu*). Esses falantes tendem a usá-la com aqueles com quem têm maior intimidade. Os falantes de classes sociais mais baixas, por outro lado, por terem menor sensibilidade e percepção do estigma que envolve o uso da variante, tendem a empregá-la de forma mais recorrente, usando-a em todos os contextos de fala.

Há, ainda que em menor escala e de forma (até) surpreendente, o registro de ocorrência do pronome *tu* na cidade de São João da Ponte, no norte de Minas Gerais. Mota (2008, p. 61 e 63) registrou a variação entre *VOCÊ/ tu* com uma ocorrência do *tu* em torno de 5%, que predomina na fala dos mais jovens (15-25 anos), com o peso de .72.

No Estado de São Paulo, também há o registro da variação *VOCÊ/ tu*, no litoral, em Santos. Modesto (2007, p.10) registra esta variação na fala e encontra uma ocorrência também expressiva do uso do *tu*, que fica em 32%. Embora tenha medido a variação em função de duas faixas etárias, este fator não se mostrou relevante, mas vale dizer que sua pesquisa girou em torno de adolescentes e jovens adultos, faixas etárias favorecedoras do uso de *tu* nos estados da Região Sudeste.

A partir de Calmon (2011) e Scherre et al. (2015), podemos projetar que não há, por ora, o *tu* no Estado do Espírito Santo. A seguir, o Mapa da Região Sudeste em função da variação dos pronomes.

Figura 4 – Mapa da Região Sudeste



3.3.5 Região Centro-Oeste

A partir de Scherre et al. (2015), projetamos esta região como propícia a apresentar uma predominância maciça do subsistema *VOCÊ*.

O Distrito Federal, porém, registra, a partir da década de 2000, a entrada do pronome *tu* no escopo linguístico dos brasilienses, realocando sincronicamente este estado no subsistema *VOCÊ/ tu* (de forma análoga à Região Sudeste no que tange à impossibilidade de concordância). Como esta área geográfica foi fundada em 1960, ela passou, em seus primórdios, por um processo de nivelamento, em que a possibilidade de projeção ficou restrita ao subsistema de *VOCÊ*. Mas, passado esse primeiro período, o DF já dá sinais de estar passando por processo um processo inverso, de focalização

dialetal (cf. HANNA, 1986; CORRÊA, 1998; ANDRADE, 2010; BORTONI-RICARDO et al., 2010), o que pode ter propiciado a entrada do pronome *tu* neste escopo linguístico. Como já mencionado, três dissertações registraram a variação *VOCÊ/ tu* no DF – discorreremos sobre elas mais adiante. A seguir, o mapa da Região Centro-Oeste em função da variação dos pronomes.

Figura 5 – Mapa da Região Centro-Oeste

Região Centro-Oeste



No próximo capítulo estudaremos o DF, o retângulo amarelo dentro do mapa anterior, com riqueza de detalhes (históricos e geográficos). Vejamos, a seguir, o mapa do Brasil, baseado nos mapas apresentados por Scherre et al. (2015, p. 142), em função da variação dos pronomes no Brasil.

Figura 6 – Mapa do Brasil em função da variação pronominal



Gostaríamos de aumentar um pouco mais o grau de nossas lentes sobre os trabalhos já realizados em Brasília a respeito da variação dos pronomes. Pedimos licença ao leitor para apresentar essa parte da revisão bibliográfica num formato alternativo, “contando história”.

3.4 Breve história dos estudos sobre a variação tu/VOCÊ em Brasília

No período entre 1990 e 2008, morava em Brasília a professora e pesquisadora Marta Scherre. Durante esse período, ela trabalhou e se aposentou na Universidade de Brasília, cedida pela UFRJ. Mesmo com a aposentadoria, como muitos pesquisadores dedicados de todas as áreas, Scherre não se distanciou da vida acadêmica, muito pelo contrário. Como pesquisadora, ela também sempre esteve atenta ao uso que seus filhos faziam da língua. Uma de suas pesquisas nasceu justamente de sua atenção às dúvidas escolares de sua primogênita, Paula. Dessa atenção surgiu sua pesquisa sobre a variação do imperativo no PB, associado às formas indicativa e subjuntiva.

Em meados dos anos 2000, seu segundo filho, Rafael, jovem adulto de 20 anos que havia nascido no Rio de Janeiro, mas que havia se mudado para Brasília ainda criança, aos 10 anos, começou a usar o pronome *tu* quando falava com os amigos ao telefone. Scherre logo notou o fato. Ao encontro disto, uma nova orientanda do mestrado na UnB, Nívia Lucca, recém-chegada em Brasília, que fora recomendada para Scherre pela pesquisadora Jânia Ramos, da UFMG, havia realizado pesquisa anterior sobre variação pronominal *tu/ você* em cartas trocadas entre mineiros e portugueses. O resultado dos dois fatos congruentes foi o incentivo de Scherre à Lucca para esta realizar sua pesquisa de mestrado sobre a variação dos pronomes que ocorria em Brasília. Anteriormente a essa época, Scherre já desenvolvia orientação sobre a variação dos pronomes em Brasília entre as formas *você/ ocê/ cê*, mas, àquela altura, ainda não havia notado a entrada do *tu* na fala brasiliense (embora seus filhos tenham nascido no Rio de Janeiro, considera-se que a variedade de fala deles seja essencialmente brasiliense). Paula e Rafael foram para Brasília com 10 e 12 anos, respectivamente, em pleno período de reorganização do vernáculo que, em termos labovianos, se estende aos 17 anos, como já tivemos oportunidade de observar na parte teórica.

Como mencionado, na primeira pesquisa sobre os pronomes, entre as formas *você/ ocê/ cê*, Andrade utilizou dados coletados entre 1991-1992, na fala de crianças e adolescentes, na região administrativa de Sobradinho. Em toda a coleta de dados não havia, portanto, nenhuma menção à possibilidade de uso da forma *tu*. Projetamos daí (também) a não ocorrência do *tu* em Brasília durante suas primeiras décadas.

Lucca, então sob orientação de Scherre, defendeu, em 2005, sua dissertação de mestrado coletando dados de falantes em contextos prototípicos do uso do pronome *tu*: entre jovens meninos, de 15 a 19 anos, em contexto informal de uso da língua (entre pares e amigos), cujas coletas de dados, entre 2003 e 2004, decorreram de gravações ocultas e em três diferentes regiões administrativas de Brasília: Ceilândia, Taguatinga e Plano Piloto. Lucca chega a registrar, dentro dessa confluência de contextos de fala, 72% de ocorrência de pronome *tu*, fato surpreendente se compararmos com os resultados da primeira pesquisa, defendida em 2004, com dados coletados em 1991/1992.

Scherre seguiu fomentando a pesquisa e encontrando orientandos interessados. Houve, assim, a terceira pesquisa registrando a variação entre os pronomes em Brasília. Dias (2007) estendeu as análises feitas anteriormente para três faixas etárias diferentes e

entre homens e mulheres, mas coletou seus dados, entre 2005 e 2006, em apenas uma região administrativa, o Plano Piloto (local caracterizado por classe social média e média alta – socioeconomicamente diferente, de forma geral, das duas demais regiões administrativas do trabalho desenvolvido por Lucca). Dias chegou a considerações muito importantes também, destacando-se a questão da diferença entre os sexos, entre as idades e entre estilos. Ficou notório aqui que não havia uma total adesão ao pronome *tu*, chegando sua ocorrência a uma média de 12,8%, e que sua ocorrência dependia, mais uma vez, de uma confluência de fatores sociais e interacionais para realizar-se, com significativos 41,5% na fala masculina de jovens de 13-19 anos, e com mais significativos ainda 81,8% nas ironias e brincadeiras na fala de pessoas com mais de 30 anos.

A quarta pesquisa foi defendida como dissertação de mestrado em 2010, por mim, sob a orientação também de Scherre²⁵, com dados coletados em 2008 e 2009. Nessa pesquisa, destaca-se o papel fundamental das origens das populações formadoras de Brasília no escopo linguístico em desenvolvimento na cidade. Ficou claro que, em contextos linguísticos com alto índice de influência oriunda do Nordeste, a possibilidade de ocorrência de *tu* aumentava, e, na mesma direção, em contextos linguísticos com alto índice de influência oriunda de Minas Gerais e do Goiás, a possibilidade de ocorrência de *cê* aumentava. Andrade (2010) observou uma média de 48% de ocorrência de *tu*, na fala da Vila Planalto, um assentamento de migrantes, de que falaremos mais adiante, com dados obtidos em situação de conhecimento da gravação laboviana, nada propícia ao aparecimento de uma variante de segunda pessoa, de forte marca solidária, como é também o *tu* brasileiro.

Vejamos resultados gerais das pesquisas anteriormente delineadas. Apresentamos um quadro com os valores totais da variação dos pronomes nas quatro pesquisas realizadas.

²⁵ Destaca-se a imensa generosidade transvestida em preocupação que Scherre demonstrou ao aceitar continuar orientado a distância, pois mudou-se de Brasília em 2008. Temia ela que a distância física pudesse interferir em sua excelente orientação. O que não foi o caso. A única consequência foi financeira: para Scherre, ficou mais caro orientar.

Quadro 2 – A variação *tu/ você/ cê* em Brasília, Distrito Federal, Região Centro-Oeste

Pesquisa	Período das coletas	Você	Cê	Tu
Andrade (2004) ²⁶	1991-1992	108/ 189 = 57%	48/ 189 = 25%	0%
Lucca (2005)	2003-2004	125/ 453 = 28%		327/453 = 72%
Dias (2007)	2005-2006	785/ 900 = 87,2%		115/ 900 = 12,8%
Andrade (2010)	2008-2009	149/ 574 = 26%	152/ 574 = 26%	273/ 574 = 48%

Fonte: Scherre, Dias, Andrade e Lucca (2011) (excetuando-se as ocorrências de *ocê* na pesquisa de Andrade (2004))

Apresentaremos mais alguns detalhes das pesquisas de Andrade (2004), Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010) no capítulo de análise, em que compararemos novos resultados com alguns dos resultados apresentados nas quatro dissertações aqui relatadas. Registramos aqui a imensa liderança e contribuição da professora Scherre na análise dos pronomes de segunda pessoa em Brasília e no Brasil.

3.5 Os falares no PB e os status dos pronomes

3.5.1 Algumas considerações sobre a fala no PB

Desejamos comparar a distribuição dos pronomes no mapa do Brasil exposto anteriormente com o que Antenor Nascentes (1922) dimensionou ser a diversidade de falares no Brasil ao propor o seguinte mapa dialetológico, com base na realização variável das vogais pretônicas.

²⁶ É importante lembrar que a pesquisa foi realizada em 2004, mas os dados são de 1991.

Figura 7 – Mapa dialetológico



Se levarmos em consideração apenas a localização do DF, sob o ponto de vista de Antenor Nascentes, o dialeto brasiliense seria então localizado, diacronicamente, muito próximo a uma convergência (intersecção) dos falares: baiano, território incaracterístico (Mato Grosso), e sulista; ou, ainda, para ser mais exato, apenas o falar baiano. Assim, poderíamos pensar que, antes de a capital ser transferida do Estado do Rio de Janeiro para a região onde hoje se localiza Brasília, a fala neste local se assemelharia à fala do interior goiano/baiano/mineiro. Mas, com a movimentação geográfica de populações para esta região, evidentemente que os falares ali seriam alterados. Vale apenas pensar que, antes mesmo da grande movimentação migratória para a construção e o estabelecimento de Brasília, já havia tendências diatópicas para esta região e, embora tenha havido uma alteração para este local, imprevisível à época de Antenor Nascentes (em decorrência da natureza das migrações de 1960 para cá), mesmo assim, certas tendências apontadas pelo autor, de certa forma, também se mantiveram.

3.5.2 Status das variantes

Além das considerações técnicas sobre as variantes, foco de nossas análises (os pronomes de segunda pessoa do singular), é necessária uma melhor compreensão sobre os *status* que as formas variantes assumem, de forma geral e dentro de Brasília, considerando nossas observações e inserções dentro e fora da comunidade de fala sob análise. Vale ressaltar que, nesse momento, estamos tratando nossa variação como sendo ternária, entre as formas: *você/ cê/ tu*.

Já registramos que o *você* é a variante generalizada (*default*) para o PB, em termos gerais. Ele goza especificamente desse *status* nas duas cidades de maior vulto econômico no Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo²⁷. A exemplo dessas e de outras cidades do país, o *você* também pode ser considerado o pronome *default* para os falantes de Brasília. O *você* pode, ainda, ser considerado como neutro. Mas ganha, cada vez mais, uma característica formal, embora ainda não goze plenamente, inequivocamente, dessa característica, uma vez que ainda vigora uma noção de que *você* é de tratamento para os pares, sendo usado o *senhor(a)* para formalizar o discurso. Não sabemos, porém, se a semântica do *você*, dicotômica entre formal e informal (entre pares), está em competição ou se são variações semânticas estáveis. Porém, ao que tudo indica, o *senhor(a)* tende a ser cada vez mais restrito.

Em Andrade (2010), a forma *cê* foi analisada de forma separada. Apesar de o *cê* ser uma variante alternativa para o *você* (por configurar como um estágio posterior de sua gramaticalização), possui algumas características que o diferem sutilmente da sua variante original: além de ter como característica o parcial funcionamento como clítico, pois sua localização sintática tende a ser fixa e sempre com apoio prosódico, é também um pronome que pode assumir característica de esquiva em Brasília, em que o falante o usa, muitas vezes sem notar, em discursos em que consideraria o *você* como sendo muito informal e o *senhor(a)* como sendo muito formal. O *cê* parece ter mais licença de ocorrer em falas hierarquizadas que as alternativas *você* e *senhor(a)*.

A forma *senhor(a)*, por sua vez, frequentemente é estigmatizada em Brasília, onde as pessoas a associam ao tratamento dirigido aos muito idosos, mais que às

²⁷ Em São Paulo o *você* gira em torno de 51,6%; o *cê* em torno de 48,2% e o *ocê* em torno de 0,2%, segundo Nascimento (2011; p. 107; 121-123 e 133)

pessoas hierarquicamente diferentes em um dado contexto social. Há, inclusive, uma frase feita muito comum em combate ao uso dessa forma, qual seja: “*o(a) senhor(a)* está no céu, me chame por *você*”. Por isso, também, reafirmamos uma tendência à restrição, porque raramente há licença para utilizá-lo. Frequentemente, as pessoas se sentem até aborrecidas/ofendidas se tratadas por *senhor(a)*. Se esse estigma se mantiver, a tendência à uma diminuição, restrição de sua ocorrência, ficará cada vez mais evidenciada.

A forma *tu*, que é a inovadora em Brasília, sem possibilidade de concordância, parece assumir um caráter contemporâneo, usado frequentemente em contextos como: brincadeiras; brigas; conversas em que as emoções se exaltam; conversas em que se deseja transmitir valores identitários alternativos (cf. DIAS, 2007) que vão de encontro ao padrão estabelecido anteriormente. Mais adiante, veremos mais características do uso deste e dos demais pronomes na fala de Brasília, mas o fato é que, nesta cidade, o *tu* hoje simboliza a novidade, a juventude, o desapego das normas ou do que era frequente em gerações passadas. Além disso, também assume um uso para dar asas às emoções.

Ainda sobre os status do *tu* e do *cê*, por um lado, e do *você* e *senhor(a)*, por outro, se associados os conceitos de simetria à menor carga fônica e assimetria à maior carga fônica, poderíamos pensar também numa interpretação associada ao princípio da iconicidade do funcionalismo (cf. HERNANDES, 2007), dentro da perspectiva da quantidade, em que uma menor carga semântica tenderia a ser expressa em menor complexidade fônica, ou em formas/estruturas menores e; o inverso, uma maior complexidade semântica seria representada por maior complexidade fônica, ou formas/estruturas maiores. Nesse sentido, proporíamos uma adaptação do princípio da iconicidade porque, neste caso, não há alteração de complexidade, mas sim dos eixos semânticos localizados no *continuum* formalidade/informalidade, intrínsecos aos pronomes em estudo.

Por fim, é oportuno reafirmar que, apesar de todas as variantes envolvidas se referirem à segunda pessoa do singular, tendo o mesmo valor de verdade (o mesmo valor referencial), cada uma delas realiza este papel de uma forma sutilmente diferenciada.

3.6 Considerações sobre o suporte bibliográfico dos pronomes analisados

Como foi verificado, as formas em variação analisadas nesta tese sofreram, pelo menos ao longo dos últimos séculos, consideráveis mudanças no PB. A forma de tratamento *Vossa Mercê* se gramaticalizou até formar duas de nossas variantes em análise: *você e cê*. A forma *tu*, por seu turno, apesar de ter exatamente esta forma ainda hoje, se mantendo a mesma através de séculos, alterou sua contextualização morfossintática, sendo sincronicamente maximamente associada à conjugação de terceira pessoa. Sua semântica, quando em contexto formal, não ocorre associada ao tratamento de terceira pessoa, mas, sim, associada à concordância com a segunda pessoa, ou seja, o *tu* só pode ser relativamente formalizado, no PB, quando associado aos moldes gramaticais tradicionais, fato que, por sua vez, não é frequente e é especializado em determinados contextos.

Ainda verificou-se ao longo deste capítulo como os pronomes são considerados na tradição gramatical e propôs-se uma maneira de observar seus *status*. Além disso, registrou-se que o Brasil é bastante diverso no sentido de expressar a segunda pessoa do singular. Verificou-se que seus extremos (bordas Norte e Sul do mapa) tendem a usar o *tu* em preferência, chegando, por vezes, o *você* a ser considerado um pronome “estranho” à comunidade. Já no interior do Brasil, no Centro-Oeste, por exemplo, a tendência verificada foi justamente a inversa, de não utilização do *tu*, ou apenas a utilização do *você* e suas formas variantes, podendo ser o *tu* também considerado estranho. Por fim, nas demais bordas litorâneas à leste, o Brasil tende a usar desde um nível intermediário de ocorrência de *tu* (menos altas que nos extremos Norte e Sul) até mesmo uma não ocorrência (como nos Estados do Espírito Santo e do Paraná).

Sobre as conseqüências morfossintáticas observadas acerca das variações e mudanças dos pronomes, temos em Duarte (2008, p. 265-268) que, apesar de não ter perdido completamente a característica *pro-drop*, a simplificação do paradigma flexional levou o PB a uma tendência de maior preenchimento do sujeito, como Faraco (1996) havia sugerido.

Sobre a semântica de poder e solidariedade, e visto que, em diversas línguas, as formas associadas ao T, nos termos de Brown e Gilman (1960), tendem a se expandir em relação à sua ocorrência, como foi mencionado anteriormente no presente trabalho,

esse fato então corroboraria o recente movimento de expansão da forma *tu* no Brasil. E, de forma até mesmo circular, esse mesmo fato teria como consequência a diminuição de ocorrência de formas associadas ao V em diversas línguas (como registram BROWN e GILMAN, 1960, p. 156-165), e respaldaria até mesmo o “desaparecimento” de algumas dessas formas em algumas línguas (como o *thou* no inglês ou o *vós* no português).

Faraco, ao sugerir que a explicação para as mudanças registradas nos últimos séculos sobre o *você* poderia ser verificada na história da formação do PB, instiga-nos a pensar que, talvez, as populações mais adeptas às mudanças sociais ou menos associadas às tradições (de poder/ europeias) pudessem se comportar diante das línguas de forma cada vez menos formal, ou, falando de outro modo, de modo mais aberto ao que seja considerado contemporâneo, ao que seja considerado solidário. Essa interpretação, em última análise, também poderia corroborar a anterior gramaticalização do *você*, seu estabelecimento como pronome suprarregional, e a atual expansão de ocorrência de *tu* (sem concordância)²⁸ no Brasil.

A expectativa é de que se tenha desenvolvido até aqui uma noção do funcionamento dos pronomes nas línguas, uma noção do funcionamento dos pronomes no PB, do ponto de vista diacrônico, sincrônico, e também diatópico. Além disso, desejamos ter atingido nosso objetivo de ter dado início a um entendimento sobre o comportamento das formas variantes em Brasília, cidade foco de nossa tese. Por fim, desejamos ter conseguido observar, com base nas diversas fontes relacionadas neste estudo, as tendências de comportamento e de interpretação dos comportamentos para as variantes em análise.

No próximo capítulo, falaremos de Brasília, *locus* da nossa pesquisa.

²⁸ Uma agenda para futuros estudos seria verificar se há uma tendência **americana** a ser cada vez mais solidário na expressão de pronomes, em que suas variedades linguísticas teriam a tendência de abrir mão da semântica de poder.

4. A HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Já há diversos trabalhos acadêmicos que versam sobre o surgimento da cidade de Brasília. Inclusive, nos estudos realizados anteriormente sobre a variação de pronomes na fala brasiliense, constam relatos históricos sobre como surgiu a ideia de interiorizar a capital do Brasil para o lugar onde hoje se localiza Brasília (ANDRADE²⁹, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010). No presente estudo, faremos uma compilação de alguns desses estudos, agregando informações de forma a delinear o percurso de formação cultural da cidade.

A necessidade de interiorização da capital do Brasil é debatida entre atores históricos desde o início da colonização. O objetivo dessa interiorização decorria da necessidade de proteção geográfica (afastamento do litoral, onde as cidades eram mais facilmente “conquistadas” por outras nações invasoras) e também da necessidade de desenvolver as demais regiões do país (num movimento de desbravar e estabelecer o território nacional). Assim, essa ideia foi atribuída a vários personagens históricos, inicialmente, ao Marquês de Pombal. O primeiro fato histórico a indicar o futuro nascimento da capital ocorreu em 1823, quando José Bonifácio encaminhou à Assembléia Constituinte do Império do Brasil a "Memória sobre a necessidade de edificar no Brasil uma nova capital". Em 1852, foi apresentado um projeto de lei ao Senado que previa a interiorização da Capital. Segue:

Art. 3º - "Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km² que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura Capital Federal." Em seu parágrafo único, o citado artigo dizia: "Efetuada a mudança da Capital, o atual Distrito Federal passará a constituir Estado".

O presidente Floriano Peixoto, em 1892, tomou algumas providências para cumprir o que já estava disposto na Constituição Federal de 1891 e instituiu uma comissão para exploração do Planalto Central: a missão Cruls, que gerou um relatório com os primeiros estudos sobre a região onde mais tarde se estabeleceria Brasília. Os

²⁹ Vale mencionar que Andrade 2004 e Andrade 2010 são pesquisadoras diferentes.

presidentes Epitácio Pessoa (em 1920) e Getúlio Vargas (em 1953) também tomaram providências que auxiliavam a criação de Brasília, e as constituições subsequentes sempre recepcionaram as concepções acerca da futura capital do país.

Mas apenas no governo do presidente Juscelino Kubitschek a determinação constitucional foi realmente cumprida e leis foram criadas para viabilizar sua execução, entre elas a Lei nº 3.273, art. 1º, *in verbis*: "[...] será transferida, no dia 21 de abril de 1960, a Capital da União para o novo Distrito Federal já delimitado no Planalto Central do País" (cf. IBGE)³⁰. A transferência da capital do Brasil fazia parte de um plano de medidas mais abrangente, de governos anteriores, de dominação e desenvolvimento do restante do país, uma vez que a maioria da população que vivia em cidades, no início do século XX, se concentrava em cidades dos litorais do Brasil.

O projeto arquitetônico da construção efetiva de Brasília começou a ser desenvolvido em 1956, com os traçados do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa. Sobre esse momento histórico de Brasília, a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN, 2013, p.11) também registra:

O Distrito Federal foi criado pela Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956. No dia 2 de outubro, às 11h40 min, o presidente Juscelino Kubitschek desembarcou no Planalto Central para o seu “primeiro contato físico com a terra que havia sido escolhida para abrigar a futura capital”.

Antes, porém, da construção de Brasília, já havia por aqui algumas cidades. Essas cidades se integraram ao corpo urbano de Brasília desde o princípio de sua construção, mas, antes deste período, elas eram integradas a essa região que se caracterizava por ser eminentemente rural, com 96 fazendas ao todo. Tais cidades eram: Planaltina, Brazlândia, Sobradinho. Isso quer dizer que a região onde nasceu Brasília já era povoada, por pouco menos de 6.000 pessoas (cf. CODEPLAN, 2013, p. 11), massivamente por goianos (o que era esperado, por se tratar de terreno goiano), mas também por famílias migrantes de Minas Gerais.

³⁰ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/brasil/brasil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

No período de construção de Brasília, esse povoamento se modificou, pois a construção, naturalmente, dava início a movimentos migratórios com a vinda de brasileiros de todas as regiões do Brasil em direção à nova capital. Dessa forma, a origem das populações migrantes é fundamental para entendermos o desenvolvimento linguístico que aqui se estabeleceria.

As primeiras migrações, em 1956, foram especialmente de pessoas (operárias) de regiões interioranas do Goiás, de Minas Gerais e, também, da Região nordestina. A pergunta que se faz aqui é: por que migrantes dessas origens específicas se o Brasil é tão grande e diverso? Relacionaremos as possíveis causas a seguir:

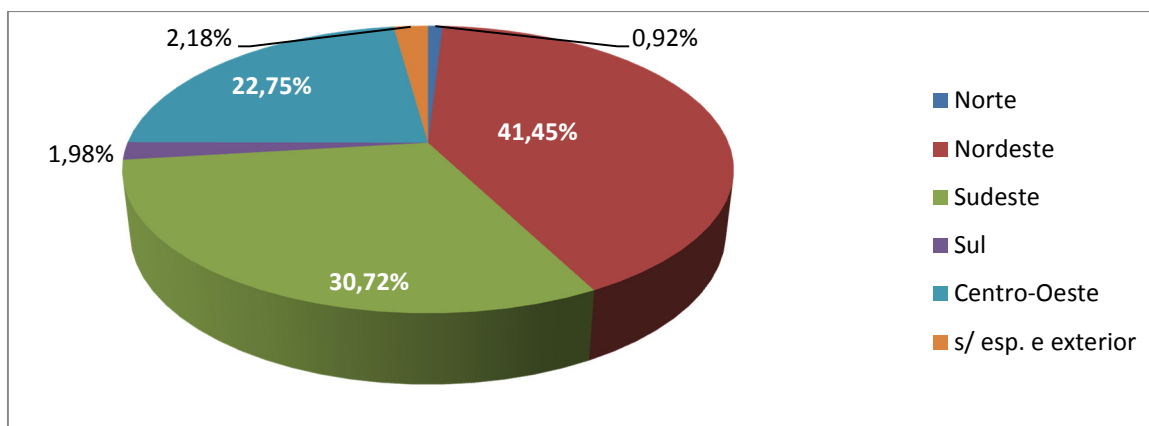
- 1) Goiás: anteriormente à construção de Brasília, as populações originárias eram naturalmente goianas, pois o Distrito Federal é um ente que se localiza no interior do Estado de Goiás, de forma que, geograficamente, era natural que os goianos vissem na nova capital uma oportunidade de migrar para uma região de fácil acesso e onde o emprego era abundante.
- 2) Minas Gerais: esse estado está localizado em uma região próxima à capital federal, assim, geograficamente os mineiros estavam em uma situação favorável à migração. Outrossim, Minas Gerais sofria uma estagnação econômica na década de 1960, o que causou a maior taxa de emigração da história mineira (BRITO; HORTA, 2002, p. 5). Além de Brasília ser, para os migrantes mineiros, um destino natural pelos motivos apresentados anteriormente, como a necessidade de mão de obra na nova capital, ainda havia, por parte da população mineira, um enorme apoio político ao ilustre conterrâneo presidente Juscelino Kubitschek, fato que também auxiliou a decisão de muitos mineiros de virem para o Distrito Federal.
- 3) Interior do Nordeste: não é novidade para os brasileiros na história recente que a população nordestina, principalmente das zonas interioranas, sofre com a seca e as precárias condições de subsistência e desenvolvimento há, pelo menos, dois séculos. Assim, é comum encontrar, nas grandes metrópoles brasileiras, imigrantes nordestinos, atuando, principalmente, em classes operárias, de forma que, apesar da distância, uma grande população nordestina migrou (e tem contínua e

regularmente migrado) para Brasília, como pode ser visto nos registros da Codeplan (2013, p.12):

Segundo relatos históricos, a imigração nordestina para Brasília atingiu o seu apogeu em 19 de março de 1958, em decorrência da desesperança pela chegada das chuvas na região, o que resultou na catastrófica seca que lá se instalou, sendo o dia de São José declarado o dia D da migração nordestina. Assim anunciou a manchete do jornal Folha da Manhã, de São Paulo, em 20 de março: “Perdida a esperança de ‘inverno’, deverá iniciar-se agora a retirada em massa de populações nordestinas”.

Preponderantemente desses lugares vieram os pioneiros, candangos que efetivamente tiraram a nova capital do campo das ideias e ergueram esta cidade. Mas Brasília conta com imigrantes de todos os cantos brasileiros, que, de alguma forma, ajudam a construir a história e a cultura local. A seguir, o Gráfico 1 e a Tabela 1³¹ nos permitem apreciar as origens da população de Brasília em 1960, ano da inauguração da cidade.

Gráfico 1 – Pesquisa populacional em Brasília em 1960



³¹ Dados gentilmente cedidos por Edilene Patrícia Dias, coletados na Codeplan.

Tabela 1 – População de Brasília em 1960

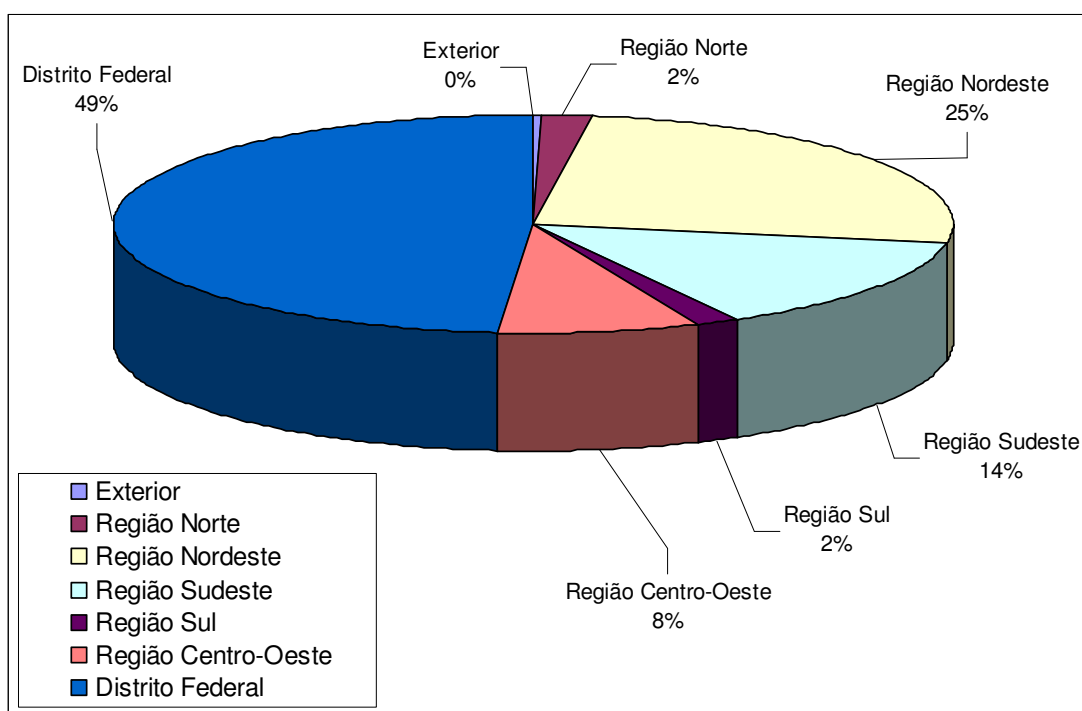
Estado	Número	%
Amapá	8	0,01%
Maranhão	2.366	1,69%
Piauí	6.191	4,43%
Ceará	12.518	8,95%
Rio Grande do Norte	3.826	2,74%
Paraíba	9.106	6,51%
Pernambuco	7.781	5,57%
Alagoas	1.450	1,04%
Fernando de Noronha	-	0,00%
Sergipe	1.188	0,85%
Bahia	13.519	9,67%
Minas Gerais	24.419	17,47%
Serra dos Aimorés*	48	0,03%
Espírito Santo	1.514	1,08%
Rio de Janeiro	2.777	1,99%
Guanabara	7.293	5,22%
São Paulo	6.898	4,93%
Paraná	983	0,70%
Santa Catarina	788	0,56%
Rio Grande do Sul	998	0,71%
Mato Grosso	1.213	0,87%
Goiás	24.677	17,65%
Distrito Federal	5.918	4,23%
Brasil, sem especificação de lugar e exterior	331	0,24%
Totais	140.164	100%

Os dados anteriormente explicitados nos dão uma perspectiva da origem do povo brasiliense e uma síntese sobre a diversidade da origem cultural e linguística da nova capital. Vale ressaltar que, segundo o estudo sobre a evolução dos movimentos migratórios para Brasília, realizado pela Codeplan (2013), que estudou esses movimentos de forma detalhada do período que compreende antes da inauguração de Brasília até os dias atuais, esta cidade mantém a mesma tendência de origens migratórias. A única diferença substancial que houve de lá para cá é que, no primeiro censo, o Estado de Goiás era o primeiro em números de migrantes para Brasília, mas, já no segundo censo, 4 anos depois, Minas Gerais tomou a frente de Goiás e se mantém

até hoje como estado que mais migra para Brasília. Há que se considerar, no entanto, que os estados nordestinos, quando somados, sempre representaram um contingente realmente considerável, chegando a cerca de 40% na época da inauguração da cidade e hoje girando em torno de 20% da população que reside em Brasília.

Vejamos, no gráfico a seguir, as origens da população brasiliense no ano de 2009.

Gráfico 2 – Origens da população brasiliense em 2009



O gráfico de 2009 revela uma população em Brasília composta de 49% de brasilienses. Os dados da Codeplan de 2011³² revelam que Brasília conta com um contingente migratório ainda alto, pois cerca de 23,33% dos imigrantes chegaram na cidade há menos de 6 anos. De qualquer maneira, se compararmos os resultados da década de 1960 e da época atual sobre as origens dos imigrantes, perceberemos que, embora ainda significativo, o contingente migratório tem diminuído ao longo das décadas (guardadas as proporções dos diferentes períodos) e se estabilizado a partir da década de 1990³³ e, além disso, como explicitado anteriormente, a tendência da origem migratória se mantém, sendo os nossos migrantes oriundos primordialmente do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do país. Ao analisar pesquisas socioeconômicas por

³² Não há, nos dados da Codeplan de 2007, 2009 e 2011, resultados de contingente imigratório em Brasília dividido por estados, somente por região.

região administrativa, confirmaremos a conclusão de que, geralmente, o estado que mais migra para Brasília é o de Minas Gerais. Percebemos também que houve, naturalmente, grande crescimento de brasilienses natos, que já perfazem cerca de metade da população local.

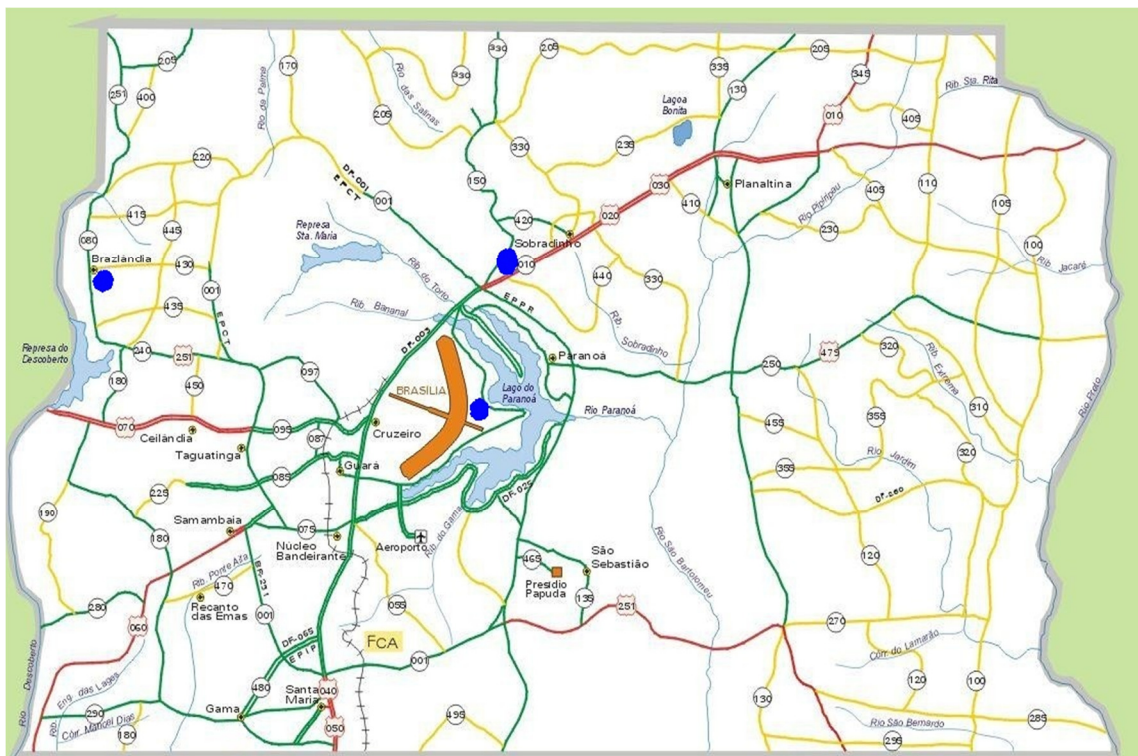
Assim, como cidade forjada, Brasília conta com uma cultura singular que, claro, demonstra uma forte influência dos lugares que originaram suas populações, mas, além disso, hoje já demonstra ter algumas características típicas, mesmo ainda estando em pleno período de formação cultural e dialetal.

Figura 8 – Mapa do Brasil representando a origem da população em Brasília



4.1 Sobre a decisão de coletar dados nas localidades: Plano Piloto, Vila Planalto, Sobradinho e Brazlândia

Figura 9 – Mapa de Brasília com as RAs marcadas



As imediações das localidades estudadas estão marcadas com um ponto azul, sendo que o Plano Piloto é a área em formato de avião, em laranja.

Os estudos sobre os pronomes de segunda pessoa em Brasília têm apontado uma relativa relação entre o comportamento linguístico dos falantes quanto ao uso dos pronomes e a localidade em que eles se inserem dentro da cidade, ou seja, em função da comunidade de fala em que os pronomes são realizados. Scherre (2006, p. 716) sintetiza o conceito de comunidade de fala em diversas óticas e observa:

[...] como uma condição necessária para comunidade de fala, a existência de sistemas linguísticos compartilhados ou padrões estruturais abstratos é universalmente assumida. Como condições complementares, temos de considerar a existência das normas sociais de uso e interpretação, por um lado, e, por outro lado, um conjunto de atitudes linguísticas [...] ³³.

³³ Versão do original “[...] as a necessary condition for a speech community, the existence of shared linguistics systems or abstract structural patters is universally assumed. The existence of social norms

Acreditamos, dessa forma, que, ao estudarmos as localidades escolhidas, entenderemos e poderemos projetar como acontece a formação da variedade brasiliense e como esta se comporta. Poderemos inferir, assim, para qual direção “caminha” o dialeto em estudo.

Decidimos, portanto, estudar o fenômeno da variação de pronomes nas regiões administrativas Plano Piloto, Sobradinho, Vila Planalto e Brazlândia, para dar continuidade e incrementar os estudos desenvolvidos anteriormente, inserindo uma nova localidade (Brazlândia) a fim de constatar a expansão do uso do pronome *tu* no DF e, por fim, comparar os resultados obtidos em função dos fatores elencados.

Decidimos coletar novos dados em Sobradinho pela característica histórica da cidade. Além disso, essa RA, localizada ao norte de Brasília, será também estudada pela possibilidade de fornecer as possíveis comparações, baseadas em um intervalo de tempo superior (cerca de 23 anos). A fala desta RA, como já mencionado anteriormente, já foi estudada em função da variação dos pronomes *cê/ ocê/ você*, na dissertação realizada por Andrade (2004). Os dados analisados, porém, foram coletados entre 1991 e 1992. Acreditamos, portanto, que poderemos encontrar alteração da variação de pronomes em Sobradinho dentro deste recorte temporal.

A decisão por estudar a fala de Brazlândia surgiu pelo caráter histórico desta cidade, uma vez que, segundo os dados da Codeplan, seu registro conhecido mais antigo data de 1932, época em que ali já havia um povoado pecuarista e agrícola. O estabelecimento como subprefeitura, porém, data de 5 de junho de 1933. Uma curiosidade sobre a cidade é que seu nome foi uma homenagem à família mais populosa que havia ali na época de seu estabelecimento, a família Braz. As famílias que povoavam Brazlândia, na década de 1930, eram preponderantemente originárias do Goiás (afinal, como já foi explicado, essa região toda pertencia àquele estado) e de Minas Gerais, onde o uso de *tu* é quase inexistente e o uso de *ocê*, especialmente em Minas Gerais, é frequente.

of use and interpretation, on the one hand, and of a set of social attitudes towards language, on the other hand, are both complementary conditions, each of which can be emphasized in different ways [...]”.

Brazlândia, como cidade antiga, tradicional, que até hoje mantém uma base econômica fortemente agrícola e que inicialmente foi povoada por mineiros e goianos, se configura como uma localidade que pode trazer uma boa base de análise quanto ao espraiamento ou não do pronome *tu* por toda a região do DF, pois esta cidade, apesar de interagir bastante com o Plano Piloto e o restante do DF, também mantém características típicas de cidades pequenas, como pode ser apreendido do relato da moradora que reside na cidade há cerca de 30 anos, Sila Glauca de Moura, a seguir:

Brazlândia, com seus 82 anos de existência, 27 a mais que Brasília, conserva características próprias de cidade interiorana. Parte da cidade preserva paisagens bucólicas, ruas pouco movimentadas, carroças transitando, casas simples, moradores sentados a portas nos finais da tarde... A grande distância do Centro Metropolitano talvez contribua para a manutenção desse clima interiorano. A maioria dos moradores, principalmente a população mais jovem, desloca-se diariamente para trabalhar no Plano Piloto e Taguatinga. Contudo, uma parcela considerável, principalmente da população rural e mais humilde, raramente visita os centros metropolitanos mais desenvolvidos. Apesar de ser uma das cidades mais antigas do DF, Brazlândia possui algumas peculiaridades quanto ao seu desenvolvimento: não possui *shopping center*, faculdades e hospitais particulares. Em contrapartida, é a maior produtora e fornecedora de hortifrutos do DF.

Pode-se constatar desse relato que Brazlândia, do ponto de vista interno, se configura dentro da interpretação externa sobre esta região administrativa.

Realizando coleta de dados em Brazlândia, poderemos verificar se há ou não espraiamento do fenômeno em regiões administrativas tidas como tradicionais no DF. Se sim, este fato corroborará a hipótese de expansão do *tu*, inclusive como sinal de focalização da fala em uma variedade linguística brasiliense. A seguir, apresentaremos mais informações acerca de cada uma das regiões administrativas a serem analisadas.

4.2 Plano Piloto

Lucca (2005) e Dias (2007) fazem um belo relato sobre esta localidade. Para este trabalho, faremos um relato compilando o que julgamos ser significativo para o presente estudo.

O Plano Piloto é a região administrativa Brasília, a RA de número 1, o traçado compreendido entre os eixos sul e norte e vias paralelas que compõem o famoso avião. Brasília foi uma cidade totalmente planejada para receber os cidadãos que trabalhariam na capital do país, ou seja, ela foi projetada para abrigar o principal polo político do país. Inaugurada em 21 de abril de 1960, Brasília recebeu, como no restante do quadrilátero, migrantes de todas as regiões do país. No Plano Piloto, porém, a maioria da população era composta de servidores públicos dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário e, ainda, servidores de bancos, correios e demais órgãos públicos que foram se estabelecendo na cidade.

Esta região administrativa é, hoje, socialmente híbrida, pois abrange, em sua maior parte, áreas consideradas nobres, mas também abrange algumas áreas consideradas mais humildes. Esta RA é composta pela Asa Norte, Asa Sul, estação rodoviária, setores de oficinas, armazenagem e abastecimento, indústrias gráficas, embaixadas norte e sul, Setor Militar Urbano, clubes, Parque Sarah Kubitschek (parque da cidade); área de *camping*; Eixo Monumental; Esplanada dos Ministérios e as Vilas: Planalto, Telebrasília e Weslian Roriz.

Tabela 2 – Origem da população de Brasília em função das principais influências migratórias

Origem	Grande Brasília (DF)	RA Brasília
DF	49%	35,4%
Nordeste	25%	19,1%
Sudeste	14%	28,5% (sendo MG = 13,2%)

4.3 Vila Planalto

Andrade (2010) faz um belo relato desta localidade. Para o presente trabalho, faremos um relato compilando o que julgamos ser significativo.

A Vila Planalto é uma região administrativa localizada no coração de Brasília, que surgiu em 1958 (anterior à inauguração de Brasília) para acomodar temporariamente os construtores desta cidade. Ocorreu, porém, que este bairro se tornou tradicional em Brasília. Segundo dados da Codeplan (2009), cerca de 60% da população da Vila Planalto vive ali há mais de 15 anos (segundo um índice de medição que vai de: 1 a 5, 5 a 9, 9 a 14, até mais de 15 anos). Outro dado que sustenta a tese de que a localidade é tradicional, com características mais constantes, é que, durante todos esses anos em que suas terras ainda não estão definitivamente legalizadas, teoricamente, não havia como vender ou comprar as casas ali existentes.

Além disso, esta RA se consolidou nos anos 1990 como uma localidade a ser mantida como tal, uma vez que foi tombada como patrimônio histórico cultural junto à Brasília, como “parte” do Plano Piloto. Houve, até o final dos anos 1980, tentativas de desfazer a Vila Planalto, pois esta cidade não fazia parte do projeto original da capital federal. A Vila está localizada em área considerada nobre, vizinha ao Palácio da Alvorada, próxima de clubes, embaixadas e de todo espaço de concentração do poder político em Brasília. Apesar de a área ser nobre, originalmente, a Vila Planalto foi constituída apenas para abrigar, temporariamente, os construtores da cidade, sendo um abrigo dos trabalhadores braçais das construtoras.

Os dados da Codeplan (2009) apontam que a distribuição populacional da Vila Planalto em função da origem da população reflete, de maneira geral, a distribuição populacional de todo o Distrito Federal, como apontam os dados a seguir:

Tabela 3 – Origem da população da Vila Planalto em função das principais origens migratórias

Origem	Grande Brasília (DF)	Vila Planalto
DF	49%	56,1%
Nordeste	25%	24,9%
Sudeste	14%	10,9% (sendo MG = 8,1%)

4.4 Sobradinho

Andrade (2004) novamente faz um ótimo relato sobre esta localidade, de modo que abordaremos o que julgamos ser significativo para este estudo.

Antes de se tornar a região administrativa de Sobradinho, as terras que ali se encontravam foram idealizadas para acomodar uma cidade tipicamente rural, pois esta região já cumpria um papel pecuário antes mesmo da decisão da construção de Brasília. Em 1960, época de sua fundação, esta RA começa a receber moradores dos arredores da Vila Planalto, com os mesmos propósitos da Vila: acolher os construtores de Brasília. Além destes moradores, Sobradinho recebeu também funcionários da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e do Banco do Brasil, que vieram (migraram) para a implementação da nova capital.

Os dados da Codeplan (2011) apontam que a distribuição populacional de Sobradinho, em função da origem da população, também reflete, em maior ou menor grau, uma distribuição semelhante ao restante do Distrito Federal. Vejamos os dados a seguir:

Tabela 4 – Origem da população de Sobradinho em função das principais origens migratórias

Origem	Grande Brasília (DF) (dados de 2009)	Sobradinho (dados de 2011)
DF	49%	51,2%
Nordeste	25%	20,8%
Sudeste	14%	16,2% (sendo MG = 11,1%)

4.5 Brazlândia

Brazlândia, como já explanado, é uma cidade inicialmente localizada no estado de Goiás, com características interioranas, que já possuía delimitação geográfica e história anteriores ao surgimento de Brasília. Porém, esta cidade teve sua história amplamente modificada com a mudança da capital para o quadrilátero, no meio do Estado de Goiás. Brazlândia deixou de pertencer ao escopo geográfico de Goiás para pertencer ao DF, recebendo um grande contingente de imigrantes provenientes de todo o país, como no restante do Distrito Federal. Ainda assim, nesse período de 55 anos, desde a inauguração da nova capital, Brazlândia foi relativamente “pouco” modificada se a compararmos com o restante do DF. Economicamente, ainda mantém sua economia baseada em produção agrícola e pecuária, sendo a terceira região do país em produção de morangos, por exemplo. Esta cidade ainda conserva aspectos de cidade interiorana. Dados da Codeplan, de 2009, demonstram que, a partir de 2000, os imigrantes na cidade

giram em torno de 3,6% da população local, números que revelam uma tendência de “preservação populacional” se compararmos com a imigração hodierna no restante do DF.

Assim, decidimos estudar a fala na cidade de Brazlândia em função de sua história como cidade antiga e também pelo seu tipo de contingente migratório. Pelas características observadas da cidade, se, nesta região administrativa for verificado o uso do *tu*, então podemos projetar que a expansão terá sido estabelecida em todo o DF.

Tabela 5 – Origem da população de Brazlândia em função das principais origens migratórias

Origem	Grande Brasília (DF) (dados de 2009)	Brazlândia (dados de 2011)
DF	49%	56,02%
Nordeste	25%	18%
Sudeste	14%	10,4% (sendo MG = 8,7%)

4.6 Considerações gerais sobre as origens da população do DF em função das regiões administrativas estudadas

Vejamos a seguir uma tabela comparativa para a apreciação de todas as regiões administrativas a serem analisadas no corpo deste trabalho. (O Nordeste está destacado em azul e os demais estados mais significativos estão destacados em negrito e vermelho).

Tabela 6 – Origens da população brasileira em função das regiões administrativas estudadas

Estados	Plano Piloto	Vila Planalto	Sobradinho	Brazlândia
Distrito Federal	75853 = 35,4%	4284 = 56,1%	43742 = 51,2%	30285 = 56,1%
Mato Grosso do Sul	1430 = 0,7%	24 = 0,3%	221 = 0,3%	46 = 0,1%
Mato Grosso	1348 = 0,6%	10 = 0,1%	480 = 0,6%	92 = 0,2%
Goiás	14378 = 6,7%	331 = 4,3%	5537 = 6,5%	6951 = 12,9%
Tocantins	1307 = 0,6%	54 = 0,7%	664 = 0,8%	322 = 0,6%
Bahia	7679 = 3,6%	258 = 3,4%	4430 = 5,2%	2301 = 4,3%
Ceará	5351 = 2,5%	395 = 5,2%	2547 = 3,0%	1312 = 2,4%
Alagoas	939 = 0,4%	5 = 0,1%	295 = 0,3%	46 = 0,1%
Paraíba	2778 = 1,3%	263 = 3,4%	1523 = 1,8%	1473 = 2,7%
Maranhão	7271 = 3,4%	214 = 2,8%	2215 = 2,6%	1657 = 3,1%
Pernambuco	3758 = 1,8%	297 = 3,9%	1107 = 1,3%	1128 = 2,1%
Piauí	5474 = 2,6%	336 = 4,4%	4245 = 5,0%	1703 = 3,2%
Rio Grande do Norte	3921 = 1,8%	102 = 1,3%	1329 = 1,6%	414 = 0,8%
Sergipe	980 = 0,5%	29 = 0,4%	221 = 0,3%	69 = 0,1%
Minas Gerais	26632 = 13,2%	618 = 8,1%	9450 = 11,1%	4695 = 8,7%
São Paulo	10825 = 5,0%	54 = 0,7%	1218 = 1,4%	506 = 0,9%
Espírito Santo	1185 = 0,6%	29 = 0,4%	295 = 0,3%	184 = 0,3%
Rio de Janeiro	25121 = 11,7%	131 = 1,7%	2916 = 3,4%	253 = 0,5%
Acre	490 = 0,2%	-	-	-
Amapá	82 = 0%	-	37 = 0%	-
Amazonas	1511 = 0,7%	5 = 0,1%	74 = 0,1%	-
Rondônia	123 = 0,1%	10 = 0,1%	148 = 0,2%	46 = 0,1%
Roraima	408 = 0,2%	5 = 0,1%	-	-
Pará	2410 = 1,1%	29 = 0,4%	775 = 0,9%	92 = 0,2%
Paraná	2778 = 1,3%	44 = 0,6%	591 = 0,7%	161 = 0,3%
Santa Catarina	1430 = 0,7%	24 = 0,3%	111 = 0,1%	23 = 0%
Rio Grande do Sul	6944 = 3,2%	73 = 1,0%	1218 = 1,4%	-
Exterior	2002 = 0,9%	10 = 0,1%	111 = 0,1%	-

Apesar de os percentuais apresentados serem significativos quanto às semelhanças, gostaríamos de destacar as diferenças quanto às tendências observadas.

A origem nordestina para a Vila Planalto, por um lado, e para o Plano Piloto, Sobradinho e Brazlândia, por outro, opera na ordem de 24% *versus* 19, 2%; 21,1% e 18%. A origem mineira nas mesmas cidades opera na ordem inversa (no sentido de influências) de 8,1%, por um lado, *versus* 13,2%; 11,1% e 9%, por outro. Apesar de ser uma sutil diferença, esses números sugerem que, na Vila Planalto, as influências nordestinas tenderiam a ser sensivelmente maiores que no Plano Piloto, em Sobradinho e em Brazlândia e, nessas áreas, haveria sensivelmente mais possibilidade de influência mineira/goiana.

Se as origens operam de acordo com as análises realizadas por Andrade (2010), em que a influência sobre a escolha do falante por uma determinada variante decorrerá também do fator origem dos pais, que opera no seguinte eixo: i) maior ocorrência de *tu* indica mais influência nordestina, enquanto ii) maior ocorrência de *cê* indica mais

influência mineira/goiana, então, a expectativa é de que o *tu* ocorrerá mais na Vila Planalto e que o *cê* ocorrerá mais no Plano Piloto, em Sobradinho e em Brazlândia.

Em suma, temos que as localidades escolhidas para a realização da presente pesquisa propiciam a verticalização dos estudos anteriormente realizados, além de serem RAs representativas (e comparáveis) do que ocorre no restante de Brasília em virtude: 1) do resultado do contato dos diferentes dialetos regionais de todo o país, 2) do processo do nivelamento e da focalização dialetal por que passou e passa Brasília, propiciando, assim, a projeção de como o dialeto brasiliense tem se formado na capital federal.

Neste capítulo, tivemos uma ideia de como surgiu Brasília no mapa do Brasil. Além disso, vimos como a população brasiliense se formou. Mais precisamente, também delineamos o quadro geossocial das RAs em foco. A expectativa aqui é que tenhamos uma ideia tanto do quadro cultural quanto do quadro linguístico que a cidade revela, para que observemos o resultado de um modelo de criação dialetal nesta cidade. No próximo capítulo faremos um apanhado de análises feitas sobre o dialeto que se desenvolve em Brasília e procederemos à análise dos resultados.

5. ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Estado da arte do dialeto brasiliense – quais as tendências observáveis?

Antes de procedermos às análises que esta tese tem por objeto, é necessário sistematizarmos os resultados que temos até agora sobre o que seja o dialeto de Brasília, para que possamos avançar ao analisar os novos dados levantados.

Conforme mencionado anteriormente, algumas pesquisas já foram realizadas sobre o dialeto em formação na cidade de Brasília. Entre elas, destacamos dois trabalhos que se voltaram para questões **fonéticas** na fala brasiliense. Hanna (1986) e Corrêa (1998) observaram o desenvolvimento de tendências como: i) não abaixamento das vogais pretônicas [e] e [o] (indo de encontro ao que ocorre, em termos gerais, no Nordeste); e ii) não palatalização do /S/ pós-vocálico, ou seja, a sua realização marcadamente alveolar (indo ao encontro do que ocorre em Goiás e Minas Gerais de forma generalizada). Vejamos alguns exemplos ilustrativos de realizações pseudo-fonéticas³⁴ das palavras *perigoso* e *três*, respectivamente:

- Exemplo de abaixamento: [*périgoso*]
- Exemplo das médias e alteadas, respectivamente: [*pêrigoso/pirigoso*]
- Exemplo de ditongação + alveolar de /S/ pós-vocálico, ou não palatalização (alveolar): [*trêis*]
- Exemplo de ditongação + palatalização (fenômeno conhecido de forma popular por chiado): [*trêix*]

Os resultados alcançados por Hanna (1986, p. 127) para o abaixamento das vogais pretônicas [e] e [o] são da ordem de 3%, enquanto o não abaixamento (alteamento + realizações médias) alcançou 97%; por fim, a não palatalização de /S/ ocorre em 90% dos dados. Os resultados alcançados por Corrêa para a realização das pretônicas (1998, p 70), apesar de não serem diretamente comparáveis, pois a autora separou o alçamento para [i] (como em *pirigoso*), são bastante semelhantes, em que as médias se deram em 73%, o alçamento do [i] em 24% e o abaixamento em 3%. Se somados o alteamento e alçamento, como ocorreu no estudo de Hanna, o resultado dá

³⁴ Utilizamos uma transcrição não fonética de fato, mas ilustrativa, apenas com finalidade didática a fim de desenvolver o tema em foco.

exatos 97%, ou seja, o mesmo percentual. Quanto ao /S/ alveolar ou não palatal, Corrêa (1998, p. 65) chegou a 97% das ocorrências em sua análise.

A partir desses resultados, ficam evidenciadas as tendências de não abaixamento das vogais pretônicas, por um lado, e da realização do /S/ pós-vocálico de forma alveolar na formação do dialeto brasiliense somado à realização de uma anterior ditongação.

Sobre esses resultados, gostaríamos de tecer algumas considerações. É curioso como o falar brasiliense nos anos 1980 ainda não era reconhecido (cf. HANNA, 1986; p. 131), e, uma década depois, já podia ser reconhecido fora de Brasília (cf. ANDRADE, 2010, p. 8). É uma das frequentes formas de associação do dialeto brasiliense flutua em termos de referência geográfica do observador: se o ouvinte pertence ao que Antenor Nascentes (1922) indica ser o dialeto sulista, então esse ouvinte tenderá a associar o dialeto brasiliense ao dialeto nordestino, mas, se o ouvinte pertencer ao que Nascentes indica ser o dialeto nordestino, então o ouvinte tenderá a associar o dialeto brasiliense ao dialeto sulista.

É curioso que as características apontadas geralmente pelos ouvintes oriundos dos dialetos nordestinos ou sulistas estão intimamente relacionadas a como o brasiliense expressa as vogais pretônicas (realizando-as de forma média e/ou alteada, por um lado; ou realizando de forma abaixada, por outro). Futuras pesquisas fonéticas experimentais devem confirmar se as tendências apresentadas pelas pesquisadoras Hanna e Corrêa, acerca da realização fonética com ausência de abaixamento das pretônicas em Brasília, realmente se estabeleceram e se sedimentaram ou se houve mudança no sentido de ser possível que o brasiliense tenha tendência de realizar a vogal pretônica num ponto intermediário desse *continuum* médio + alteamento/ abaixamento. Mas o fato é que, neste dialeto, essa realização é diferenciada tanto do nordeste quanto do sudeste (fechando mais que nordeste, mas abrindo mais que o sudeste). Vale registrar, dessa forma, ainda que de forma incipiente, que o não abaixamento demonstrado pelas autoras não parece ser uma característica que tenha, hoje, no dialeto brasiliense, o mesmo vigor apresentado nos dois trabalhos acadêmicos anteriores. Quanto à realização do /S/ pós-vocálico, ainda impressionisticamente, consideramos que as tendências apontadas pelas pesquisadoras se confirmaram na atualidade. De fato, pode-se afirmar que o brasiliense

tende a sibilar de forma análoga à que o carioca chia, pronunciando de forma contundente o /S/ alveolar ou não palatalizado.

Ambas as pesquisadoras também afirmaram que Brasília já caminhava, no período de desenvolvimento de seus trabalhos (década de 1980 e 1990), para uma focalização dialetal, ainda que as características que se sobressaíam no dialeto brasiliense fossem, justamente, uma ausência de características (neutralização de formas), ou um não sotaque, comuns desse tipo de formação dialetal.

Na seara lexical, a pesquisa de Pires (2009) apresenta um vocabulário típico da cidade. Muitos dos termos apresentados versam sobre localização, em que fica evidenciado um tipo diferenciado de endereçamento e de nomear áreas urbanas, através do uso de siglas. Um dos termos típicos de Brasília, “tesourinha³⁵”, nada tem a ver com o objeto cortante que usamos como instrumento, nem mesmo com uma versão menor desse objeto. Vale ressaltar que esse termo não encontra eco em outras variedades do PB, só existindo, até onde sabemos, em Brasília. Apesar de o léxico ser a parte mais aberta das línguas e dialetos, no sentido de ser o ambiente mais propício a mudança ou inovações, consideramos que o fato de já existir trabalhos científicos que registrem termos típicos da cidade seja um reconhecimento da consolidação de uma focalização dialetal, independentemente das características que esse dialeto apresente.

Na seara morfossintática, temos o registro de variação de uso de pronomes de segunda pessoa do singular entre as formas *você/ cê* com a recente entrada da variante *tu*. Como tivemos a oportunidade de apresentar anteriormente, Andrade (2004) registrou a variação pronominal em Brasília entre as formas variantes *você/ ocê/ cê*, com dados dos anos 1990, sem a possibilidade de ocorrência de *tu*, e com baixa ocorrência de *ocê*, mesmo na fala rural. Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010) registraram a variação de pronomes entre as formas *você/ cê/ tu*, com dados gravados mais de uma década depois da primeira pesquisa, configurando uma mudança no eixo sintagmático para a realização desses pronomes. As autoras já postulavam a possibilidade de focalização.

³⁵ Um tipo específico de retorno, em que se tem pelo menos dois retornos marginais, conjugados (um de frente para o outro), para dar acesso a pistas nas duas mãos, imitando, justamente, o formato de uma tesoura.

Em atenção às quatro dissertações mencionadas anteriormente, que dão conta de um fenômeno localizado no nível morfossintático do dialeto brasiliense, mais uma vez fica evidenciado que Brasília já possui um dialeto próprio, focalizado, com características que, se não apresentam elementos facilmente reconhecíveis, marcados e/ou destacáveis em sua composição, no mínimo o diferencia dos demais dialetos do PB.

5.2 Nossa análise

Uma curiosidade acerca da entrada do pronome *tu* em Brasília diz respeito à consciência dos falantes sobre a própria fala. Podemos inferir, pelos estudos e observações realizados anteriormente, que, em geral, esse uso se encontrava abaixo do nível de consciência dos falantes. Sobre a percepção consciente de fenômenos linguísticos, Labov (2008, p.152) teoriza:

As forças sociais exercidas sobre as formas linguísticas são de dois tipos distintos, que podemos designar como *pressões vindas de cima* e *pressões vindas de baixo*. Por baixo, entendemos “abaixo do nível da percepção consciente”. As pressões vindas de baixo operam sobre sistemas linguísticos inteiros, em resposta a motivações sociais [...]

Por ora, não discutiremos as pressões exercidas pelas forças sociais no fenômeno de variação em análise, mas fica evidenciado, do trecho extraído de Labov, que os fenômenos abaixo do nível de consciência operam de forma bastante livre nos sistemas linguísticos. Em consonância a esse fato, percebemos que, nas gravações de fala realizadas na Vila Planalto, em 2009, os falantes que utilizavam o pronome *tu* não tinham plena consciência de que o utilizavam, pois, quando se perguntava a eles sobre os pronomes que utilizavam no dia a dia, o *tu* não configurava como uma opção de resposta (nem a forma mais gramaticalizada do *você*: o *cê*; cf. ANDRADE, 2010). Entretanto, no ano de 2012, em nova coleta de dados para este estudo, aplicamos um questionário com lacunas a serem preenchidas pelos informantes, com dezenove dos informantes contactados em Sobradinho. Dos dezenove, seis informantes preencheram as lacunas também com o pronome *tu*³⁶, e isso é um indício de: i) que o espraiamento do

³⁶ Em anexo, há alguns desses “questionários” respondidos por alguns alunos de Sobradinho, com exemplos de preenchimento das três formas variantes e também da forma “se”, que acreditamos ser uma

uso do *tu* já está tão avançado que atinge a escrita informal; ii) que já há consciência do uso deste pronome na fala (e escrita informal).

As dissertações sobre a variação dos pronomes de segunda pessoa em Brasília demonstraram que os fatores mais robustos em termos de fornecimento de resultados, que trouxeram luz ao entendimento da variação até agora foram: idade, sexo, tipo de relação com o interlocutor e origem dos pais (esses dois últimos fatores contêm em si uma associação à questão da identidade). Apesar de pouco analisada, há a hipótese de que o fator classe social também intervenha na variação. Ressalta-se, novamente, que a pouca análise desse último fator se deve, principalmente, à característica híbrida que a cidade apresenta em termos de classes sociais, o que dificulta não somente uma observação empírica, mas também uma classificação que se mostre contundente e confiável. Há, no *continuum* de classe social, características que se interseccionam, dificultando uma separação segura dos seus níveis. De qualquer forma, por meio das variáveis tipo de escola e localidade, tentamos entender alguns indícios de classe social que podem influenciar a variação em análise. Cabe afirmar que não estudamos classe social com todos os seus fatores em jogo, como renda, ocupação social, entre outros. Estudamos os dois fatores mencionados, tipo de escola e localidade, que nos dão pistas razoáveis sobre como a classe social pode operar.

Veremos, a seguir, como estão as distribuições dos dados analisados nas regiões administrativas/localidades estudadas. Vale dizer que retiramos das análises quantitativas, para projeção dos pesos relativos, dados de contextos categóricos, ou seja, que não apresentaram variação e, para as análises, também retiramos os dados das funções sintáticas: objeto direto e indireto, uma vez que o *cê*, não ocorre como complemento, sendo, portanto, mais restrita (nas análises do fator função sintática essa questão será retomada com mais detalhes). Em outras palavras, é só na função sujeito e em orações sem verbos que há a ocorrência das três variantes sob análise, a saber, *tu/ você/ cê*.

escrita alternativa do *cê*. É oportuno dizer que esse questionário se configurou como mais uma tentativa de avaliação do fenômeno. Como a maioria dos informantes, em geral, não cooperavam com essa parte da observação, abandonamos este método de coleta a fim de realizar análises mais sistematizadas e/ou homogêneas.

Plano Piloto

Ao todo, foram feitas quatro transcrições, que decorreram de cerca de 3h30 de gravação. Os resultados contam com **382** dados. Relembramos que a amostra não está equilibrada nem quanto à distribuição de sexo e nem quanto à faixa etária. Seguem exemplos em uma interação entre dois meninos de 10 anos:

J: e como *tu* sabe si ela é...?

J: de novo, *cê* acabou de jogar eles...

J: da última vez foi *você* que fez a conta.

Vila Planalto

Ao todo, foram (re)utilizadas 10 transcrições, que decorreram de cerca de 10h de gravação. Os resultados contam com **574** dados. Há, na amostra estudada, um equilíbrio quanto à distribuição dos sexos e quanto à faixa etária escolhida (entre 7 a 15 anos). Seguem exemplos da variação nessa localidade, em uma interação entre duas meninas de 13 anos:

R: “[...] e o Matheus em, Daniela? *Tu* tá xonada no Matheus, né? Fala que não tá, Dani ?

D: “[...] *Cê* é doida? [...] Pra quem que *tu* falô?”

D: “mas *você* sabia que quando, é: ele entrou aqui na escola [...]”

Sobradinho

Ao todo, foram utilizadas nove transcrições, que decorreram de cerca de 9h de gravação. Os resultados, ao todo, contam com **257** dados (praticamente metade numérica de dados obtidos na Vila Planalto). Há, na amostra estudada, um equilíbrio quanto à distribuição de sexo e faixa etária (entre 6 a 15 anos). Seguem exemplos da variação nessa localidade, em uma interação entre um menino de 6 anos e demais colegas:

G: “Foi *Tu* que foi lá fora pegar?”

G: “Que dia que *cê* nasceu?”

G: “[...] e vai fazendo quantos números *você* quiser [...]”

Brazlândia

Ao todo, foram utilizadas 11 transcrições, que decorreram de cerca de 6 horas de gravação. Os resultados contam com **186** dados. Há, na amostra, um desequilíbrio quanto à distribuição de sexo e faixa etária, como verificado no caso do Plano Piloto. Seguem exemplos da variação nessa localidade, em uma interação entre meninos de 17-17 anos:

G: Raul *tu* é muito furão, véi, na moral.
M: Não, João, *você* quer uma eletrônica?
JV: Não, *cê* tá doido, é?

Além dessas localidades específicas elencadas anteriormente, há uma composição mista, decorrente de uma coleta realizada em uma escola pública do Plano Piloto. Nesta amostra, apenas um dos informantes residia no Plano Piloto (Asa Norte), as demais crianças e adolescentes residem tanto em localidades estudadas (Sobradinho, Vila Planalto) como em outras localidades, a saber, Santo Antônio do Descoberto, São Sebastião, Granja do Torto, Ceilândia. Seguem exemplos da variação nesta coleta, em uma interação entre uma menina de 15 anos, moradora de Planaltina, e seus amigos dentro de uma escola localizada na Asa Norte:

B: “nossa, Italo, *tu* é muito retardado”.
B: “Quería comer, o que que *cê* trouxe?”
B: “*Você* ainda dá ousadia, não, véi...”

Como relatado, há o desequilíbrio dos dados em diversos fatores. Esse desequilíbrio pode produzir resultados não ideais, que resultam em testes estatísticos que apresentam, às vezes, “não convergência nas interações³⁷”. Mesmo assim, segundo Guy e Zilles (2007, p. 200) e Tagliamonte (2007 p. 154), os resultados de não convergência tendem a se aproximar dos resultados com convergência, sendo válido utilizá-los para a análise de resultados. Nesse caso, obviamente, o pesquisador tem de estar bastante ciente dos problemas quando da interpretação dos resultados. Assim, depois de diversos testes com os dados, optamos por utilizar na apresentação dos

³⁷ Convergência é, grosso modo, quando o programa, mediante algoritmo matemático, chega ao peso mais preciso do valor daquela influência, através da iteração dos processos. A não convergência normalmente indica algum tipo de sobreposição entre fatores das variáveis em jogo. Geralmente, o peso na não convergência é muito próximo ao peso na convergência (o valor mais preciso). Para uma explicação mais detalhada, conferir Guy e Zilles (2007, p. 198-199) e Guy (2007, p.52-61).

resultados um grupo de rodadas que resultou em **não convergência** nos testes estatísticos com as três variantes (apesar de termos chegado a testes com convergência). Consideramos as rodadas escolhidas para a análise as de maior coerência em termos de junções e aproveitamento dos dados. Cientes dos problemas aqui detalhados, assumimos o desafio de analisar os resultados alcançados.

O grupo de rodadas que será foco de nossa análise decorre de dois tipos de rodadas distintas: (a) rodada ternária, que não apresenta seleção, (b) três rodadas binárias, analisando as variantes duas a duas, ou seja: *tu vs cê*; *tu vs você*; *cê vs você*. Vale dizer que ambos os tipos de rodadas fornecem os números de ocorrência e percentuais que também serão analisados. Vejamos, na tabela a seguir, os resultados gerais da distribuição das variantes em foco.

Tabela 7 – Resultados gerais

<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
411/1319 = 31,2%	591/1319 = 44,8%	317/1319 = 24%

Os fatores arrolados (pelo programa estatístico binário) como influenciadores da presente análise³⁸, foram: **paralelismo, função sintática, tipo de interação entre interlocutores** (cruzamento entre tipo de relação, ambiente da gravação e tema/assunto) e cruzamento entre **localidade e tipo de escola**, que, em nossa interpretação, apontam indícios de classe social, variável a ser explorada em trabalhos futuros. Analisamos outros fatores que se mostraram bastante relevantes, porém, em condições específicas, como: i) fatores selecionados apenas quando o *tu* estava em jogo: **tipo de referência** (se genérica ou específica) e **origem da mãe**; ii) fatores selecionados apenas quando o *você* estava em jogo: **faixa etária** e **sexo**; e, finalmente, iii) fator selecionado apenas quando o *cê* estava em jogo: **entonação** (ou tipo de asserção, se declarativa/exclamativa ou interrogativa).

Veremos, nas próximas seções, cada um dos fatores relevantes na presente análise, ou seja, os fatores selecionados. Apresentaremos esses fatores segundo a ordem de seleção feita pelo programa estatístico binário. A ordem de seleção, dentro dos

³⁸ Também analisamos fatores que não se mostraram relevantes para esse fenômeno, ou seja, fatores não selecionados pelo programa binário, são eles: polaridade da sentença, negativa/afirmativa; presença/ausência de vocativo; tipo de relato, real/reportado. Essas análises não entrarão para esta tese. Pretende-se, porém, explorar tais resultados em futuras publicações.

fatores selecionados, realmente relevantes para a análise, indica a relevância estatística, enquanto o range indica sua robustez. Assim, apresentamos, a seguir, as tabelas referentes às seleções de fatores nas rodadas binárias, duas a duas.

Tabela 8 – Seleção *tu versus cê*

Variáveis	Range	Ordem de seleção
Interação	43	1º
Paralelismo	78	2º
Localidade e tipo de escola	76	3º
Função sintática	34	4º
Entonação	12	5º
Tipo de referência	30	6º
Origem	26	7º

Tabela 9 – Seleção *tu versus você*

Variáveis	Range	Ordem de seleção
Interação	56	1º
Paralelismo	72	2º
Localidade e tipo de escola	81	3º
Tipo de referencia	43	4º
Sexo	25	5º
Faixa etária	27	6º
Origem	33	7º
Função sintática	12	8º

Tabela 10 – Seleção *cê versus você*

Variáveis	Range	ordem de seleção
Paralelismo	54	1º
Localidade e tipo de escola	56	2º
Entonação	22	3º
Sexo	25	4º
Função sintática	38	5º
Interação	58	6º
Faixa etária	21	7º

5.2.1 Paralelismo

O fator paralelismo mede a influência de uma ocorrência precedente para a próxima ocorrência dentro de um mesmo turno de fala. Assim, a hipótese para este fator é de que, se um determinado pronome é selecionado, dentro de um turno de fala, esse

pronome tenderá a ser selecionado nas demais ocorrências, dentro desse mesmo turno.

Vejamos alguns exemplos:

[...] aí *você* começou a dormir, né, Tayná? Aí *você* viu? Eu acordei.
 Luana, coloca só um, coloca só um, *cê* vai ver, *cê* vai se transformar em modelo.
 Moço , *tu* terminou com ela sabendo que *tu* vai voltar, por isso *tu* tá de boa ai.

Nos exemplos anteriores, vemos a tendência de manutenção do tipo de pronome selecionado para o turno de fala. Esse fator ocorreu dentro do esperado, apresentando a seguinte configuração:

Tabela 11 – Efeito do Paralelismo em percentuais ternários

	<i>Tu</i> Nº %	<i>Você</i> No %	<i>Cê</i> No %
Isolado	254/743 = 34,2%	317/743 = 42,7%	172/743 = 23,1%
1º da série	73/245 = 29,8%	113/245 = 46,1%	59/245 = 24,1%
Precedido de <i>tu</i>	74/88 = 84,1%	7/88 = 8,0%	7/88 = 8,0%
Precedido de <i>você</i>	6/165 = 3,6%	135/165 = 81,8%	24/165 = 14,5%
Precedido de <i>cê</i>	4/78 = 5,1%	19/78 = 24,4%	55/78 = 70,5%
Totais	411/1319 = 31,2%	591/1319 = 44,8%	317/1319 = 24,0%

Tabela 12 – Efeito do Paralelismo em pesos relativos (rodada ternária, referência .33)

Relação	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Isolado	.42	.31	.25
1º da série	.42	.31	.26
Precedido de <i>tu</i>	.79	.10	.09
Precedido de <i>você</i>	.10	.65	.24
Precedido de <i>cê</i>	.08	.17	.74

Tabela 13A – Efeito do Paralelismo em percentuais binários

	<i>Tu (versus Cê)</i>		<i>Tu (versus Você)</i>		<i>Cê (versus Você)</i>	
	N	%	N	%	N	%
Isolado	254/430 = 59,1%		254/575 = 44,2%		172/493 = 43,9%	
Primeiro da série	73/132 = 55,3%		73/186 = 39,2%		59/172 = 34,3%	
Precedido tu	74/81 = 91,4%		74/81 = 91,4%		7/14 = 50,0%	
Precedido cê	4/59 = 6,8%		4/23 = 17,4%		55/74 = 74,3%	
Precedido você	6/30 = 20,0%		6/141 = 4,3%		24/159 = 15,1%	
Totais	411/732 = 56,1%		411/1006 = 40,9%		317/912 = 34,8%	

Tabela 13B – Efeito do Paralelismo em pesos relativos (rodadas binárias, referência .50).

Relação	<i>Tu vs cê</i>	<i>Tu vs você</i>	<i>Cê vs você</i>
Isolado	.52	.56	.49
1º da série	.51	.55	.52
Precedido de <i>tu</i>	.85	.88	.53
Precedido de <i>você</i>	.20	.09	.31
Precedido de <i>cê</i>	.07	.17	.84

Na comparação entre os resultados, temos que, em todos os testes, nossa hipótese se confirma. Há, de fato, a obediência dos falantes ao paralelismo na escolha de um dado pronome. Em termos de percentuais, o menor percentual para a obediência ao paralelismo é de 70% (paralelismo de *cê*), e os pesos, nesse sentido, também são bastante robustos, .65 (rodada ternária: paralelismo de *você*) e .88 (rodada binária: *tu vs você*: paralelismo de *tu*). Ainda, observando e comparando os resultados das tabelas anteriores, infere-se que as variantes *você* e *cê* são mais intercambiáveis entre si dentro de um mesmo turno, confirmando, de maneira geral, a íntima relação entre elas, por serem elas estágios diferentes do processo de gramaticalização de uma forma ancestral. Vejamos um exemplo:

“melhor *cê* parar, *você* para de mexer!”

5.2.2 Função sintática

Como já mencionado, o *cê* ocorre na função de sujeito, sendo restringido nas funções de complemento (objeto direto e indireto). Assim sendo, foi necessário realizar um teste diferenciado para verificar as funções possíveis e quais as tendências delas entre as variantes *tu* e *você*. Antes de apresentarmos esses resultados, é interessante trazer outros resultados alcançados em momentos intermediários da confecção desta tese.

Ao elencarmos os componentes da variável dependente, iniciamos as análises levantando também dados de sujeito *nulo*, *senhor(a)*, e *te/ti/contigo/lhe/teu/seu*. Mas mesmo antes de toda a amostra ser levantada, confirmamos que as formas *te/ti/lhe/contigo/teu/seu*, no uso real da língua em Brasília, não são dependentes/correspondentes às formas *tu versus você/ cê*, respectivamente, podendo aquelas formas ocorrer com qualquer uma destas variantes em foco. Sendo assim, optamos por deixar a exploração dessas questões para futuras análises. Vale menção que as formas *si/consigo* não são naturais no PB e, portanto, não ocorreram em nossa amostra. Vejamos, assim, os resultados gerais, incluindo nulos.

Tabela 14 – Resultados gerais em percentuais com nulos

Variantes	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>	<i>Nulo</i>
Ocorrência	369/1627 = 33,6%	547/1627 = 33,6%	277/1627 = 17%	434/1627 = 26,7%

O resultado de 26,7% para os nulos de nossa amostra parece não corroborar (de forma relativa) os estudos de Duarte (1996), sobre um maior preenchimento do sujeito pleno em detrimento do nulo, em que a pesquisadora obtém 13% de nulos na segunda pessoa (cf. DUARTE, 1996 p.122). Porém, há que se considerar que as fontes de dados utilizadas por Duarte e na presente pesquisa não são diretamente comparáveis, um exemplo seria que as amostras de Duarte são oriundas de entrevistas típicas, enquanto as da presente pesquisa não são exatamente entrevistas, mas interações menos formais.

Fizemos poucas análises quanto ao uso dos nulos, apesar de sua ocorrência ser considerável. Constatou-se, contudo, que o nulo, além de ser uma possibilidade natural

da língua portuguesa, também pode funcionar como uma estratégia de esquiva na fala, em que o falante lança mão do nulo para não usar algum pronome dentro das possibilidades existentes, em determinados contextos, principalmente em contextos de fala entre interlocutores assimétricos. Estudos posteriores poderão comprovar ou refutar esta hipótese nos usos de Brasília. De toda forma, como estudar os nulos não era o foco de nossa análise, optamos, novamente, por não levantar mais dados dessa variante na variável dependente.

Ainda em um momento preliminar da pesquisa, constatamos que a variante *senhor(a)* teria uma ocorrência extremamente baixa em nossa amostra. Como as interações eram maximamente entre crianças e adolescentes, não haveria porque eles se tratassem mutuamente usando *senhor(a)*. Assim, somente quando o informante se reportava à pesquisadora, em pouquíssimas ocasiões, esta forma de tratamento foi utilizada. Apesar de não ser os nossos resultados os melhores medidores para uma análise sobre esta forma de tratamento, pois as relações analisadas o desfavoreciam, os resultados aos quais chegamos corroboram (relativamente) a hipótese de que essa forma é rara em Brasília, sendo utilizada apenas em momentos contextuais em que o informante presta atenção (acima do nível de consciência) e claramente formaliza sua fala. Acreditamos, como já pontuamos anteriormente, que há pelo menos dois caminhos possíveis para essa forma no dialeto brasiliense: (i) continuar rara, sendo conscientemente uma estratégia de extrema formalização na fala, como em contextos de atendimento entre *prestador de serviços e clientes*, sobretudo se estes atores não interagirão mais que poucos minutos; (ii) cair completamente em desuso.

Depois de consideradas algumas questões que permeiam o fator função sintática, vale ressaltar que este fator foi selecionado nas rodadas binárias em que o *cê* estava em jogo, mas apenas nas oposições sujeito *versus* frases sem verbo, pois, como já explicado, o *cê* é sintaticamente restrito. Lembramos, assim, que realizamos testes com as demais funções na oposição *você vs tu*. Vejamos, pois, os resultados desses testes.

Tabela 15 – Efeito da Função sintática em dados de *tu versus você*

Fatores	Resultados <i>tu vs você</i>	
	Peso	Ocorrências %
Sujeito sem verbo de ligação	.52	365/859 = 42,5%
Sujeito de verbo de ligação	.42	32/90 = 35,6%
Objeto direto	.26	7/18 = 38,9%
Objeto indireto	.40	21/63 = 33,3%
Sem verbo	.39	23/70 = 32,9%
Total		448/1100 = 40,7%

A função sintática foi selecionada nesta rodada especial, mas, novamente, não houve convergência nas interações. De toda forma, este resultado corrobora nossa expectativa de a função de sujeito sem verbo de ligação ser, relativamente, mais favorecedora da ocorrência de *tu*. Esperávamos que a posição de sujeito de verbo de ligação também colaborasse para uma maior ocorrência de *tu*, pois em campo, ao observar o fenômeno, pareceu-nos ser muito recorrente ocorrências do tipo: “é *tu!*”, “*tu tá doido?*”; mas os resultados não confirmaram esta hipótese, uma vez que as demais variantes também ocorrem nesse tipo de oração com frequências similares. A diminuição do *tu* nas demais funções sintáticas também era esperada, bem como a diferença entre a possibilidade de ocorrer mais como objeto indireto do que como direto. O resultado das orações sem verbo também não surpreende, apesar de inicialmente ter sido apenas uma variante de controle. De fato, faz sentido o *você* ocorrer mais que o *tu* ou o *cê* em orações sem outros elementos fortes, pois estes últimos são formas que têm apenas uma sílaba. Ao refletirmos sobre isto, faz mais sentido pensarmos que o *você* é a forma não clítica, enquanto o *cê* é forte candidato a clítico e o *tu* funcionaria como uma forma intermediária entre as duas, ousaríamos dizer, pois como um monossílabo, parece estranho quando usado em posição final de certos enunciados, como em “vou chamar *tu*”, pois parece precisar de mais apoio sintático à direita.

Nas rodadas comuns, com as três variantes, mas apenas com as oposições sujeito *versus* frase sem verbo, a função sintática também sempre foi selecionada. Vejamos os resultados.

Tabela 16 – Efeito da Função sintática em percentuais

	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Cê</i>	
	N	%	N	%	N	%
Sujeito	388/1241 = 31%		544/1241 = 44%		309/1241 = 25%	
Frase sem verbo	23/77 = 30%		47/77 = 61%		7/77 = 9%	
Totais	411/1318 = 31%		591//1318 = 45%		316//1318 = 24%	

Tabela 17 – Efeito da Função sintática em pesos (ternárias, referência .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Sujeito	.26	.19	.54
Frase sem verbo	.35	.46	.17

Tabela 18A – Efeito da Função sintática em percentuais (rodadas binárias)

	Tu (<i>versus</i> Cê)		Tu (<i>versus</i> Você)		Cê (<i>versus</i> Você)	
	N	%	N	%	N	%
Sujeito	388/698 = 55,6%		388/932 = 41,6%		310/854 = 36,3%	
Sem verbo	23/30 = 76,7%		23/70 = 32,9%		7/54 = 13,0%	
Totais	411/728 = 56,5%		411/1002 = 41%		317/908 = 34,8%	

Tabela 18B – Efeito da Função sintática em pesos (binárias, referência .50)

	<i>Tu (vs cê)</i>	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você)</i>
Sujeito	.48	.50	.52
Frase sem verbo	.82	.38	.14

A seleção do fator função sintática nas diferentes rodadas sugere robustamente que as frases sem verbo (que visam, em grande maioria, hesitação, retomada de turnos de fala) desfavorecem a ocorrência da variante *cê*, comprovando ainda mais seu status de clítico, em que necessita hospedar-se em mais massas fônicas. Por outro lado, neste tipo de frase, a variante *você* fica fortemente favorecida por não ter necessidade de

ancorar-se. Interpretamos, assim, que o tu comporta-se de forma mais neutra neste fator, sendo o cê tão desfavorável a ocorrer em orações sem verbo, que as oposições com as demais variantes fazem-nas favorecidas neste tipo de oração. Por fim, todas as formas são distribucionalmente mais recorrentes na função de sujeito, por ser esta a função default para os pronomes.

5.2.3 Tipo de interação entre os interlocutores

A variável independente que será analisada nesta parte é, em verdade, uma variável que tenta dar conta de um complexo sistema interacional, que versa sobre: i) dois tipos de relações (simétrica x assimétrica), ii) três ambientes de gravação diferentes, todos frequentados diariamente pelos informantes, iii) dois temas cotidianos que, apesar de decorrerem de interações de fala espontâneas, caracterizam-se por dois níveis distintos de espontaneidade. Este fator é resultado de uma junção de dois fatores supostamente “diferentes”, que medeiam essas influências da seguinte forma: relação entre os interlocutores; tema e ambiente da conversa (enquadre/estilo). Realizamos o cruzamento de variáveis para dirimir o risco de, numa amostra tão enviesada quanto a nossa, elevar a interação/sobreposição entre fatores (cf. Guy, 2007, 52-57). Os resultados a que chegamos são consistentes em confirmar o quanto o uso das formas em análise depende de questões interacionais também na fala brasiliense (a escolha entre pronomes de segunda pessoa, de forma geral, é sempre balizada/influenciada por questões da interação, no PB e em outras línguas).

Vejamos, pois, os resultados em números de ocorrência e percentuais. Vale explicar que a interação (relação/tema/ambiente) foi descrita nas tabelas de forma concisa. Mais adiante, tentaremos interpretar maximamente os efeitos desses fatores.

Tabela 19 – Efeito do Tipo de interação em percentuais (rodada ternária)

Relação/tema/ambiente	Tu		Você		Cê	
	N	%	N	%	N	%
Pares/ brincadeira/ em casa	24/147	= 16%	82/147	= 56%	41/147	= 28%
Pares/ cotidiano/ em casa	1/112	= 1%	79/112	= 71%	32/112	= 29%
Pares/ brincadeira/ na rua	278/418	= 67%	73/418	= 17%	67/418	= 16%
Pares/ cotidiano/ na rua	16/52	= 31%	25/52	= 48%	11/52	= 21%
Pares/ brincadeira/ na escola	16/74	= 22%	27/74	= 36%	31/74	= 42%
Pares/ cotidiano/ na escola	44/335	= 13%	223/335	= 67%	68/335	= 20%
Não-pares/ambos os temas/na escola	32/180	= 18%	82/180	= 46%	66/180	= 37%
Total	411/1318	= 31%	591/1318	= 45%	316/1318	= 24%

Tabela 20 – Efeito do Tipo de interação em pesos (rodada ternária, referência 0.33)

Relação/tema/ambiente	Tu	Você	Cê
Pares/ brincadeira/ em casa	.74	.11	.14
Pares/ cotidiano/ em casa	.17	.25	.56
Pares/ brincadeira/ na rua	.43	.36	.19
Pares/ cotidiano/ na rua	.21	.63	.15
Pares/ brincadeira/ na escola	.26	.23	.50
Pares/ cotidiano/ na escola	.27	.36	.36
Não-pares/ambos os temas/na escola	.22	.35	.42

A nossa hipótese geral sobre a influência dos ambientes em que a fala ocorre pode ser interpretada nos seguintes termos: i) quando em casa, a fala, de forma geral, deve ser favorecedora da variante *tu*; ii) quando na escola, a fala deve desfavorecer o *tu*; iii) quando na rua, a fala ocorre no *locus* mais favorecedor da variante inovadora. **Nossa expectativa seria de que na rua e em locais de maior liberdade, poderia existir uma maior propensão à marcação das identidades** (inclusive linguísticas).

O tema da conversa, indubitavelmente, também atua. Quando em contexto em que envolva a cognição emocional, como em brincadeiras, brigas, discussões, o *tu* deve ser favorecido (na tabela, registramos apenas como brincadeira) por serem esses os contextos de maior espontaneidade. Por outro lado, quando o assunto é cotidiano, em que as conversas não envolvem tanta emoção (na maioria dos casos), mas razão, lógica, como assuntos relacionados a trabalho, escola, atividades do dia a dia, o *tu* ficaria,

então, desfavorecido (na tabela, registramos apenas como cotidiano). Ambos os temas são considerados como espontâneos, mas em níveis distintos de espontaneidade.

Além das influências anteriormente relacionadas, a fala também deve ser alterada em relação à simetria ou não simetria dos interlocutores envolvidos. Quando a fala não é simétrica (entre não-pares), provocada por diferenças em algum aspecto social dos interlocutores, como nas interações entre adolescentes/adultos, ou quando há hierarquias sociais diferenciando os interlocutores, o *tu* é desfavorecido, pois a relação que este pronome explicita em Brasília (e, quando sem concordância, no PB de forma geral) é uma relação de solidariedade, que ocorre entre pares nos termos de Brown e Gilman (1960) e Dias (2007). Vejamos os resultados dos testes dois a dois.

Tabela 21A – Efeito do Tipo de interação em percentagens (rodadas binárias).

Relação/tema/ambiente	Tu (<i>versus Cê</i>)		Tu (<i>versus Você</i>)		Cê (<i>versus Você</i>)	
	N	%	N	%	N	%
Pares/ brincadeira/ em casa	24/65	36,9%	24/106	22,6%	41/123	33,3%
Pares/ cotidiano/ em casa	1/33	3,0%	1/80	1,2%	32/111	28,8%
Pares/ brincadeira/ na rua	278/349	79,7%	278/355	78,3%	67/144	46,5%
Pares/ cotidiano/ na rua	16/27	59,3%	16/41	39,0%	11/36	30,6%
Pares/ brincadeira/ na escola	16/48	33,3%	16/43	37,2%	32/59	54,2%
Pares/ cotidiano/ na escola	44/112	39,3%	44/267	16,5%	68/291	23,4%
Não-pares/ambos /na escola	32/98	32,7%	32/114	28,1%	66/148	44,6%
Totais	411/732	56,1%	411/1006	40,9%	317/912	34,8%

Tabela 21B – Efeito do Tipo de interação em pesos (rodadas binárias, referência .50)

Relação/tema/ambiente	Tu (<i>vs cê</i>)	Tu (<i>vs você</i>)	Cê (<i>vs você</i>)
Pares/ brincadeira/ em casa	.69	.79	.55
Pares/ cotidiano/ em casa	.24	.23	.62
Pares/ brincadeira/ na rua	.63	.57	.31
Pares/ cotidiano/ na rua	.49	.28	.17
Pares/ brincadeira/ na escola	.28	.54	.75
Pares/ cotidiano/ na escola	.36	.42	.52
Não-pares/ambos/na escola	.26	.42	.48

Os resultados dos pesos relativos, tanto em testes binários como em testes ternários, nos trazem uma visão acurada da variável interação. A partir dos resultados e das nossas análises, podemos dizer que o tema mais propício à ocorrência de *tu* é, sem dúvida, a brincadeira em oposição ao tema cotidiano (.74 vs .17 na rodada ternária; e .69 vs .24; .79 vs .23, em duas rodadas binárias). Mas é interessante registrar que o *tu* ocorre, ainda que de maneira menos frequente, também em temas cotidianos.

Os ambientes mais propícios para ocorrência da variante *tu* foram em casa e na rua, com pesos muito semelhantes. Assim, segundo nossos resultados, podemos afirmar que os ambientes onde tendemos a marcar mais identidade e temos mais liberdade para isso é em casa e na rua, sendo a escola, dos três ambientes estudados, a menos propiciadora ao uso de *tu*, embora ali também possa ocorrer. Assim, podemos interpretar que esses resultados corroboram nossa hipótese de que o *tu* entraria na fala brasileiro trazido em princípio pelos pais (casa) e se espraia por entre os pares (rua). Sendo, portanto, a casa e a rua ambientes propícios de desenvolvimento de identidade. Os resultados também apontam que as falas assimétricas tendem a favorecer o *cê*, na relação *tu/cê*; a desfavorecer o *tu*, na relação de *tu/você*; e parece não ter efeito, ou tende ao equilíbrio ou nulidade na relação *cê/você*.

Observamos, ainda, segundo nossos resultados, que o *você* tende a ser desfavorecido em casa, pois as variantes mais escolhidas para atuar neste ambiente são: *tu* relacionado à brincadeira (.69 e .79, nas rodadas binárias; .74 na rodada ternária) e *cê* relacionado ao cotidiano (.62 na rodada binária *cê/você*; .56 na rodada ternária). Além disso, o *cê* fica favorecido em um tema propício ao *tu*, a brincadeira (na rodada binária *cê/você*, com peso de .75; na rodada ternária com peso de .50), sugerindo que, nesses fatores de cunho interacionais, as variantes *tu* e *cê* são mais intercambiáveis entre si que a variante *você*.

5.2.4 Localidade e tipo de escola: indícios de classe social

Apesar de termos mencionado anteriormente nesta tese que o comportamento da variante *tu* em Brasília se alinha ao comportamento desta variante no Rio de Janeiro (cf. PAREDES, 2003; SANTOS, 2012), ao contrário do que já foi interpretado para aquela

cidade, em Brasília não há, aparentemente, um estigma³⁹ quanto ao uso do *tu* por este vir sem a concordância da segunda pessoa. Esse pronome pode ocorrer mais em camadas menos favorecidas da população brasiliense por serem suas origens, por vezes, nordestinas, menos favorecidas economicamente, até mesmo de um ponto de vista histórico no Brasil. Mas a alta ocorrência nesta classe social não tem contribuído para um estigma sobre a variante inovadora⁴⁰. Nossa hipótese aqui é de que, embora não haja estigma, a variante *tu* ocorrerá, numa frequência maior, em camadas da população cujos os indícios sociais apontam para classes menos favorecidas, enquanto ocorrerá em menor frequência nas camadas da população cujos indícios sociais sugerem classes mais abastadas, a exemplo do que ocorre no Rio de Janeiro.

O fator que estudaremos nesta seção, a exemplo do fator interação, também é o resultado de um cruzamento entre duas variáveis independentes: localidade e tipo de escola, que juntas resultam em indícios de classe social. Como também já mencionado, somente um desses dois fatores não seria condição suficiente para trazer tais indícios nesta cidade. Para visualizarmos os dois fatores bases, localidade e tipo de escola, apresentaremos duas tabelas, somente em pesos relativos, apenas para ilustrarmos o comportamento de cada um desses fatores em separado.

Tabela 22A – Efeito do tipo de escola em pesos (ternária, referência .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Particular	.08	.44	.47
Pública	.72	.14	.13

Tabela 22B – Efeito da localidade em pesos (ternário, .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Plano Piloto	.25	.43	.31
Vila Planalto	.47	.12	.40
Sobradinho	.27	.40	.31
Brazlândia	.40	.38	.20

³⁹ Presume-se que não há estigma do *tu* em Brasília por algumas razões: i) observações da pesquisadora dos usos dessa variante dentro das diferentes comunidades; ii) ocorrer, ainda com frequência, abaixo do nível de consciência da população brasiliense em geral;

⁴⁰ Poderíamos perguntar: o *tu*, nessa classe social, seria um caso de continuidade ou de inovação? Se considerarmos que o *tu* ocorre no nordeste antes da criação de Brasília, e que o *tu* veio do nordeste com seus migrantes, a rigor poderíamos falar então de “continuidade” do uso dessa forma ao invés da inovação. Mas como não temos registro do *tu* antes da década de 00 e, ainda, como estranhávamos a forma *tu* em Brasília em suas quatro primeiras décadas de existência, assumimos que é um caso de inovação linguística.

Misto	.23	.37	.38
-------	-----	-----	-----

Pelos resultados apresentados, podemos afirmar que a escola pública favorece a ocorrência da variante inovadora, enquanto a particular a desfavorece. Além disso, podemos inferir, pela tabela 22B, que as localidades Plano Piloto, Sobradinho e Mista desfavorecem a ocorrência da variante inovadora, enquanto Vila Planalto e Brazlândia a favorecem. Apesar dessa configuração de mais ou menos favorecimento, é notável o espraiamento da variante inovadora, o *tu*, por todas as localidades e em ambos os tipos de escola (ainda que com frequência variável).

A fim de obtermos resultados mais acurados das questões sociais em análise, apresentaremos, a seguir, resultados em percentuais e pesos relativos do cruzamento entre os fatores localidade e tipo de escola, formando indícios de classe social.

Tabela 23 – Efeito da localidade + tipo de escola: indícios de classe social (percentuais, ternário)

Localidade/ tipo de escola	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Cê</i>	
	N	%	N	%	N	%
Plano/particular	4/227	= 2%	157/227	= 69%	66/227	= 29%
Plano/pública	14/18	= 78%	1/18	= 6%	3/18	= 17%
Vila Planalto/ pública	301/590	= 51%	145/590	= 25%	145/590	= 24%
Sobradinho/ pública	23/268	= 9%	195/268	= 73%	50/268	= 19%
Brazlândia/pública	55/150	= 37%	71/150	= 47%	24/150	= 16%
Misto/pública	14/65	= 22%	22/65	= 34%	29/65	= 45%
Totais	411/1318	= 31%	591/1318	= 45%	316/1318	= 24%

Tabela 24 – Efeito da localidade + tipo de escola: indícios de classe social (em pesos ternários, referência .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Plano/particular	.02	.42	.55
Plano/pública	.63	.15	.21
Vila Planalto/pública	.60	.10	.29
Sobradinho/pública	.32	.45	.22
Brazlândia/pública	.48	.37	.13
Misto/pública	.28	.34	.36

Tabela 25 – Efeito da localidade + tipo de escola: indícios de classe social (percentuais, binários)

Bairro/ tipo de escola	Tu (<i>versus Cê</i>)		Tu (<i>versus Você</i>)		Cê (<i>versus Você</i>)	
	N	%	N	%	N	%
Plano/particular	4/70 = 5,7%		4/161 = 2,5%		66/223 = 29,6%	
Plano/pública	14/17 = 82,4%		14/15 = 93,3%		3/4 = 75%	
Vila Planalto/ pública	301/450 = 66,9%		301/450 = 66,9%		145/294 = 49,3%	
Sobradinho/ pública	23/73 = 31,5%		23/218 = 10,6%		50/245 = 20,4%	
Brazlândia/pública	55/79 = 69,6%		55/126 = 43,7%		24/95 = 25,3%	
Misto/pública	14/43 = 32,6%		14/36 = 38,9%		29/51 = 56,9%	
Totais	411/732 = 56,1%		411/1006 = 40,9%		317/912 = 34,8%	

Tabela 26 – Efeito da localidade + tipo de escola: indícios de classe social (em pesos binários, referência .50)

Bairro/ tipo de escola	<i>Tu (vs cê)</i>	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você)</i>
Plano/particular	.03	.06	.51
Plano/pública	.79	.87	.78
Vila Planalto/pública	.57	.78	.76
Sobradinho/pública	.56	.34	.27
Brazlândia/pública	.71	.45	.22
Misto/pública	.34	.45	.45

Há que se ter em mente que os resultados especificamente para a escola particular, embora nos auxilie na composição das análises para o efeito de indícios de classe social, esses resultados não necessariamente refletem o verdadeiro efeito da escola particular, pois a amostra para esse grupo está limitada em diversos sentidos, como é visível nas tabelas, e como já tivemos oportunidade de demonstrar/discutir em seções anteriores.

Mesmo assim, pelas nossas análises feitas a partir dos resultados encontrados anteriormente, pode-se apontar que o falante tem mais ou menos tendência ao uso da variante *tu* em função das localidades onde residem e também do tipo de rede escolar que frequenta, pública ou privada, refletindo, trazendo indícios para a questão da classe social, no sentido de o *tu* ocorrer em frequência maior em classes sociais menos abastadas, como já apontado. Cabe ressaltar, porém, que o hibridismo social que mencionamos anteriormente, nesta tese, certamente pode gerar efeitos no comportamento linguístico nos indivíduos. Pode-se pensar que haverá exceções aos efeitos vinculados ao tipo de escola, pois há, na rede privada, estudantes que não pertencem às classes sociais mais elevadas (não foi o caso neste conjunto de dados, em que todos os informantes de escolas particulares pertenciam, indubitavelmente, às classes sociais mais abastadas). Restará saber se o uso do *tu* entre os falantes pertencentes às classes sociais menos abastadas, que estudem em escolas particulares, serão mais influenciados pela sua classe social (somando uma complexa rede de variáveis) e, por conseguinte, tenderão a usar o *tu* em maior frequência, ou se serão mais influenciados pelos pares no convívio da escola e, por conseguinte, tenderão a utilizar o *tu* em uma frequência menor, por exemplo. Pesquisas futuras dirão.

É importantíssimo ressaltar que o *tu* em Brasília também se espalha por classes sociais mais abastadas. Sua origem aconteceu nas classes mais humildes e é nelas que o *tu* ainda é mais recorrente. Nossa análise nos permite (re)afirmar isto. Mas, também essa diferenciação caminha para uma diminuição, apesar de nossos registros apontarem para uma diferença ainda significativa entre as classes (se tomarmos os indícios desse cruzamento como válidos). Vale lembrar que o morador do Plano que estuda em escola pública não é exatamente menos abastado (com, também, exceções). Este pode não pertencer a um grupo realmente abastado, mas está num *continuum* social em que tem acesso a capitais culturais que, de certa forma, permeiam o que se considera como capital econômico.

Além da questão da classe social, nossos resultados acerca das localidades nas tabelas anteriores sugerem que o *tu* não somente ocorre em todas as localidades estudadas, mas ocorre de forma robusta em Brazlândia, confirmando a hipótese abordada nas seções anteriores sobre a questão do espalhamento.

Lembremos que o tipo de coleta de dados também influi nos resultados alcançados. Assim, é possível que os resultados nas localidades Sobradinho e Plano Piloto, apesar de registrarem ocorrência de *tu*, apresentem números diferentes das localidades Vila Planalto e Brazlândia porque os estilos (contexto de coleta) usados foram relativamente diferentes⁴¹. De toda forma, o resultado das localidades, de forma geral, evidenciam o espriamento, como já tivemos oportunidade de afirmar.

5.2.5 Origem

Nossa hipótese para este fator seguiu, relativamente, a proposta de Andrade (2010), em que as origens⁴² nordestinas favorecerão a ocorrência de *tu* enquanto origens mineiras/goianas/mato-grossenses favorecerão a ocorrência do *cê*. Apesar dessa configuração, esperamos que, cada vez menos, a ocorrência desses pronomes seja intimamente ligada às origens das mães, em razão do espriamento da variante *tu* e em razão da focalização do dialeto brasileiro, em que o uso amplo dos pronomes em variação indicará também uma identidade linguística local. Analisemos, pois, os resultados.

Tabela 27 – Efeito das origens das mães em percentuais

	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Cê</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Brasília	134/518	=26%	266/518	= 51%	118/518	= 23%
Rio de Janeiro	4/140	= 3%	101/140	= 72%	35/140	= 25%
Minas/Goias/MT	43/152	= 28%	55/152	= 36%	54/152	= 36%
Nordeste	177/377	= 47%	121/377	= 32%	79/377	= 21%
Espírito Santo	2/59	= 3%	42/59	= 71%	15/59	= 25%
Totais	360/1246	= 29%	585/1246	= 47%	301/1246	= 24%

⁴¹ Não comentaremos, por agora, o estilo da amostra mista por ser esta bastante restrita.

⁴² Em 2010 e na presente pesquisa houve o controle também da origem do pai. Mas como as origens dos pais e das mães são, na maioria dos casos, diversas, optamos por analisar mais acuradamente as origens das mães por considerarmos essas influências mais intensas nas falas de crianças, em suas primeiras fases de aquisição linguística.

Tabela 28 – Efeito das origens das mães em pesos relativos (ternários, referência .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Brasília	.35	.31	.33
Rio de Janeiro	.51	.28	.20
Minas/Goiás/MT	.20	.29	.50
Nordeste	.41	.26	.31
Espírito Santo	.21	.47	.30

Tabela 29A – Efeito das origens das mães percentagens binárias

	Tu (<i>versus</i> Cê)		Tu (<i>versus</i> Você)		Cê (<i>versus</i> Você)	
	N	%	N	%	N	%
Brasília	134/253 = 53,0%		134/401 = 33,4%		118/385 = 30,6%	
Rio de Janeiro	4/39 = 10,3%		4/105 = 3,8%		35/136 = 25,7%	
Minas/Goiás/MT	43/97 = 44,3%		43/98 = 43,9%		54/109 = 49,5%	
Nordeste	177/260 = 68,1%		177/301 = 58,8%		80/204 = 39,2%	
Espírito Santo	2/17 = 11,8%		2/44 = 4,5%		15/57 = 26,3%	
Totais	360/666 = 54,1%		360/949 = 37,9%		302/891 = 33,9%	

Tabela 29B – Efeito das origens das mães em pesos relativos (binários, referência .50)

	<i>Tu (vs cê)</i>	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você) (não selecionado)</i>
			Run 61
Brasília	.57	.52	[.50]
Rio de Janeiro	.54	.55	[.41]
Minas/Goiás/MT	.31	.32	[.63]
Nordeste	.57	.55	[.51]
Espírito Santo	.34	.22	[.38]

A partir dos resultados delineados anteriormente, temos que as origens só importam quando o *tu* está em jogo, corroborando a hipótese geral de que sua ocorrência está relacionada a esse fator, origens das mães. As origens nordestinas, carioca e brasiliense favorecem o uso da variante *tu* enquanto as origens de outras regiões mais centrais do Brasil (mineira+goiana+mato-grossense) favorecem o uso de *cê*, e, ainda, a origem capixaba favorece o uso de *você*. O que chama a atenção, porém, é o peso da origem nordestina para o uso de *tu* ser semelhante ao peso da mesma variante quando a origem é brasiliense. No teste enéario, isso não fica tão evidenciado

quanto no teste binário. Esse fato é, em grande monta, um indício do espraio desta variante em Brasília e do descolamento da origem nordestina ser premissa para a ocorrência de *tu* nesta cidade. Ainda podemos ver as tendências das origens em nossos resultados, mas o que queremos demonstrar é que o *tu* tende a se manifestar em Brasília em todas as falas, em falas de pessoas cujas origens são diversas das nordestinas, bastando, para isso, que o falante desenvolva/tenha identidade⁴³ com Brasília.

Outrossim, chama-nos atenção a origem carioca favorecer o uso de *tu* da forma como ficou evidenciado em nossos resultados, pois esse efeito aparece apenas nos pesos relativos⁴⁴. Apesar de sabermos por outras pesquisas que o *tu* está, realmente, na fala carioca, nas condições de uso aqui levantadas não esperávamos conseguir demonstrar este efeito na presente pesquisa. Apesar disso, os resultados evidenciados são interessantes e extremamente oportunos. Novamente, futuras pesquisas nos darão respostas mais seguras.

5.2.6 Tipo de referência

Nossa expectativa para este fator era de que a referência genérica, menos comum no vernáculo que a específica, ficaria favorecida pela variante *default*, o *você*. Vejamos, pois, os resultados.

Tabela 30 – Efeito do tipo de referência em percentuais

	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Cê</i>	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Específica	404/1152	= 35%	471/1152	= 41%	277/1152	= 24%
Genérica	7/166	= 4%	120/166	= 72%	39/166	= 23%
Totais	411/1318	= 31%	591/1318	= 45%	316/1318	= 24%

Tabela 31 – Efeito do tipo de referência em pesos relativos (ternária, referência .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Específica	.54	.20	.25
Genérica	.17	.45	.36

⁴³ O *tu* como fator de focalização pode ganhar também a interpretação de fator identitário em observância às teorias estudadas nesta tese (cf. Labov; Pagotto; Le Page;).

⁴⁴ Que, a rigor, são bem mais confiáveis que percentuais. Sabemos, no entanto, que os pesos estão enviesados por conta da distribuição desequilibrada das amostras (quanto às origens, seria esperado que não houvesse um equilíbrio, até pelas características do levantamento de dados). Mas, paradoxalmente, coadunamos com os resultados para as origens cariocas justamente pela observância de outros resultados de pesquisas realizadas no RJ.

Tabela 32A – Efeito do tipo de referência em percentuais binários

	Tu (<i>versus</i> Cê)		Tu (<i>versus</i> Você)		Cê (<i>versus</i> Você)	
	N	%	N	%	N	%
Genérica	7/46 = 15,2%		7/127 = 5,5%		39/159 = 24,5%	
Específica	404/686 = 58,9%		404/879 = 46,0%		278/753 = 36,9%	
Totais	411/732 = 56,1%		411/1006 = 40,9%		317/912 = 34,8%	

Tabela 32B – Efeito do tipo de referência em pesos relativos (binárias, .50)

	<i>Tu (vs cê)</i>	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você)</i>
			Run 60
Específica	.52	.56	[.51]
Genérica	.22	.13	[.43]

Evidencia-se, a partir dos resultados apresentados nas tabelas anteriores, que a referência genérica é favorecedora do *você* e *cê*. Isso fica evidenciado quando as variantes em oposição *cê/ você* não são selecionadas (não apresentam significância) na rodada binária, pois ambas demonstram relativamente o mesmo efeito. Na comparação entre as três variantes, como as formas *você/cê* favorecem a referência genérica, inversamente o efeito é o *tu* ser favorecido em referências específicas. Em verdade, todas as variantes são corriqueiras da referência específica, sendo essa referência a *default*, pois ocorre em 87% dos casos.

5.2.7 Entonação

A expectativa para esse fator era de que entonações mais emotivas e/ou diferenciadas (exclamação, interrogação – dependendo do contexto) levariam a uma maior ocorrência de *tu* em oposição às orações declarativas. Ocorre que, ao codificar os dados, não se chegou a critérios seguros para diferenciar inequivocamente as declarativas das exclamativas, de forma que só foi possível, para esta pesquisa, medir a

diferença entre a soma declarativas e exclamativas em oposição às interrogativas (estas, sim, passíveis de definição inequívocas quando da codificação). Vejamos, pois, os resultados.

Tabela 33 – Tipo de entonação em percentuais (declarativas, exclamativas versus interrogativas)

	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Cê</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Declarativas	261/882 = 30%		434/882 = 49%		187/882 = 21%	
Interrogativas	150/436 = 34%		177/436 = 36%		129/436 = 30%	
Totais	411/1318 = 31%		591/1318 = 45%		316/1318 = 24%	

Tabela 34 – Tipo de entonação em pesos relativos (ternárias, referência .33)

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Declarativas	.34 .34	.37 .38	.28 .27
Interrogativas	.31 .31	.29 .28	.39 .40

Tabela 35A – Entonação percentagens binários

	<i>Tu (versus Cê)</i>		<i>Tu (versus Você)</i>		<i>Cê (versus Você)</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Declarativa	261/453 = 57,6%		261/699 = 37,3%		188/626 = 30%	
Interrogativa	150/279 = 53,8%		150/307 = 48,9%		129/286 = 45,1%	
Totais	411/732 = 56,1%		411/1006 = 40,9%		317/912 = 34,8%	

Tabela 35B – Tipo de entonação em pesos relativos (binárias, referência .50)

	<i>Tu (vs cê)</i>	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você)</i>
		Run 64	
Declarativas	.54	[.48]	.43
Interrogativas	.42	[.54]	.65

A partir das análises das tabelas anteriores percebe-se que justamente o *cê* é o pronome favorecido quando das orações interrogativas. As orações interrogativas suscitam cortesia, pois representam, semanticamente e pragmaticamente,

pedidos/solicitações, de forma que, se pensarmos o *cê* como uma esquiva de muita formalidade (identificadas no *senhor*) ou de muita intimidade (identificadas também no *você/ tu*), então esse seria um pronome propício a esse papel mais neutro que a cortesia demanda. Vale dizer, é claro, que o *cê* também é um pronome da intimidade, mas realiza isso de uma forma muito mais neutra, por ser um pronome átono, quase imperceptível se comparados às duas demais formas variantes. Vale dizer, ainda, que as interrogativas favorecem mais a forma *tu* que a forma *você*, corroborando, pelo menos em parte, com a hipótese aqui levantada.

Ressalta-se que esse fator merece ser revisitado em futuras pesquisas que consigam separar as declarativas das exclamativas e, ainda, as injuntivas. Nossa observação não quantitativa dessas ocorrências nos leva a inferir que as injuntivas e declarativas serão mais favorecedoras da variante *você*, enquanto as exclamativas, de *tu*.

5.2.8 Faixa etária

Baseados nos trabalhos anteriormente revisitados e apresentados (ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010), já sabíamos que, para este fator, os adolescentes seriam a faixa etária que mais favoreceria a ocorrência de *tu*, mas a expectativa aqui era de que a faixa etária das crianças se aproximasse, cada vez mais, do favorecimento observado na fala dos adolescentes. Vejamos os resultados de pesquisas anteriores, Dias (2007) e Andrade (2010).

Tabela 36 – Faixa etária em 2007 (percentuais e pesos)

Faixa etária	Frequência de <i>tu</i>	Peso relativo
13 a 19 anos	51/171 = 29,8%	.76
20 a 29 anos	53/424 = 12,5%	.56
Acima de 30 anos	11/305 = 3,6%	.28
Totais	115/900 = 12,8%	

Fonte: DIAS, 2007, p. 70.

Tabela 37 – Faixa etária em 2010 (percentuais)

Faixa etária	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Crianças de 7 a 11 anos	52/ 191 = 27%	62/ 77 = 32%	77/ 191 = 40%
Adolescentes de 12 a 15 anos	221/ 383 = 58%	87/ 383 = 23%	75/ 383 = 20%
Totais	273/ 574 = 48%	149/ 574 = 26%	152/ 574 = 26%

Fonte: ANDRADE, 2010, p. 76. (Não há peso relativo. Não houve seleção do fator faixa etária e houve uma interação entre os fatores faixa etária e tipo de interação).

Se compararmos os resultados das duas dissertações, é possível inferir que, em 2010, houve um relativo aumento de ocorrência do *tu* na faixa etária mais comparável de 2007. A análise dos totais também corrobora este efeito.

Para a presente pesquisa, realizamos separações a mais entre idades a fim de verificar o aumento gradativo de uso do *tu* à medida que a criança vai chegando à adolescência, vejamos.

Tabela 38 – Efeito de Três faixas etárias em percentuais

Faixa etária	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Crianças de 5 a 9	52/404 = 13%	278/404 = 69%	74/404 = 18%
Pré-adolescentes de 10 a 12 anos	85/421 = 20%	199/421 = 47%	137/421 = 33%
Adolescentes de 13 a 18 anos	274/526 = 52%	141/526 = 27%	111/526 = 21%
Totais	411/1351 = 30%	618/1351 = 46%	322/1351 = 24%

Tabela 39 – Efeito de Três faixas etárias em pesos relativos (ternária, referência .33)

Faixa etária	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Crianças de 5 a 9 anos	.34	.41	.24
Pré-adolescentes de 10 a 12 anos	.31	.32	.35
Adolescentes de 13 a 18 anos	.31	.26	.35

Os resultados em percentuais, quando comparados, demonstram o aumento gradativo de ocorrência de *tu* na menor faixa etária do ano de 2010 para a presente pesquisa, o que nos chama atenção. A diferença entre o percentual da menor faixa em 2010 (27%) para a sua média (48%) é de 21 pontos percentuais; enquanto a diferença entre o percentual da menor faixa em 2015 (13%) para a sua média (30%) é de 17 pontos percentuais.

Se observarmos os pesos relativos, veremos que os efeitos refletem que as faixas etárias estão em equilíbrio. Na faixa etária mais nova da tríade: criança/pré-adolescente/adolescente, as crianças apresentam o peso de .34 enquanto os pré-adolescentes e adolescente apresentam o peso de .31. Vejamos, pois, mais um teste, agora com o fator refletindo apenas a oposição criança/adolescente em um conjunto de rodadas ternárias e binárias.

Tabela 40A – Efeito de Duas faixas etárias em percentuais ternários

Faixa etária	Tu		Você		Cê	
	N	%	N	%	N	%
Crianças de 5 a 11 anos	74/659 = 11%		403/659 = 61%		182/659 = 28%	
Adolescentes de 12 a 18 anos	337/659 = 51%		188/659 = 29%		134/659 = 20%	
Totais	411/1318 = 31%		591/1318 = 45%		316/1318 = 24%	

Tabela 40B– Efeito de Duas faixas etárias em pesos relativos ternários (referência .33)

Faixa etária	Tu	Você	Cê
Crianças de 5 a 11 anos	.25	.46	.28
Adolescentes de 12 a 18 anos	.40	.22	.36

Tabela 40C – Efeito de Duas faixas etárias em percentuais binários

Faixa etária	Tu (<i>versus</i> Cê)		Tu (<i>versus</i> Você)		Cê (<i>versus</i> Você)	
	N	%	N	%	N	%
Crianças de 5 a 11 anos	74/256 = 28,9%		74/477 = 15,5%		182/585 = 31,1%	
Adolescentes de 12 a 18 anos	337/476 = 70,8%		337/529 = 63,7%		135/327 = 41,3%	
Totais	411/732 = 56,1%		411/1006 = 40,9%		317/912 = 34,8%	

Tabela 40D – Efeito de Duas faixas etárias em pesos relativos (binárias, referência .50)

Faixa etária	<i>Tu (vs cê)</i> Run 58	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você)</i>
Crianças de 5 a 11 anos	[.44]	.35	.42
Adolescentes de 12 a 18 anos	[.53]	.62	.63

A partir da análise do conjunto dos resultados anteriormente revelados, o que primeiro nos chama atenção é o fato de que, nas análises agrupadas em apenas duas faixas etárias, esta só é selecionada quando a forma *você* está em jogo, o que nos leva a crer que a maior alteração que a faixa etária promove ocorre não no *tu* nem no *cê*, mas no *você*. Fica evidente que o *você* é a forma preferida da faixa etária de crianças, mas, na faixa seguinte, ela é posta em segundo plano, e as formas *cê* e *tu* ganham a liderança com o *tu* estrelando como favorito. Ainda, quando a forma *você* não está em jogo, deixa, relativamente, seu espaço para a forma *cê*.

De forma geral, observa-se, na comparação dos resultados, que a variante *tu* avança gradativamente para as faixas etárias de crianças, corroborando a hipótese de que as crianças já estão adquirindo, ainda na infância, a variante *tu* (ou por transmissão linguística dos pais, ou dos pares).

Ainda, percebe-se que as análises com os informantes divididos em três faixas (idades mais diluídas), os pesos para a variante *tu* ficam mais próximos ao número de referência, fazendo com que esse fator perca o vigor da distinção de ocorrência da variante inovadora entre as faixas. Quando os informantes são agrupados em apenas duas faixas, daí os resultados ficam mais polarizados, demonstrando a diferença, ainda existente, entre as faixas de crianças *versus* adolescentes para a frequência de *tu*.

De acordo com nossos conhecimentos de projeção em tempo aparente, pode-se interpretar que a ocorrência da variante inovadora se intensifica na adolescência, mas ocorre desde a infância, corroborando a hipótese de espraiamento. Ao encontro dessa análise, mas interpretando de outro modo, a inovação parte da adolescência se espraiando para as demais faixas etárias. Essas análises também confirmam nossas considerações sobre ser a infância um período em que as principais influências linguísticas são provenientes dos pais (configurado por um uso ainda menos recorrente

da variante inovadora); enquanto na adolescência há uma evidência mais palpável das inovações linguísticas (caracterizado por uma período de maior influência mútua pelos pares). Por fim, segundo nossos resultados, a diferença entre a frequência de *tu* na infância e adolescência ainda ocorre, mas tende a seguir diminuindo.

5.2.9 Sexo

Baseado nos trabalhos anteriormente apresentados (LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010), já sabíamos que, para este fator, o sexo masculino favoreceria a ocorrência de *tu*, enquanto o feminino o desfavoreceria. Nossa expectativa, a exemplo da análise do fator anterior, faixa etária, é de que as diferenças entre os sexos quanto ao uso de *tu* diminuam gradativamente, em razão, também, do seu espraiamento. Vejamos, a seguir, os resultados apresentados nas dissertações anteriores.

Tabela 41 – Resultados gerais quanto ao sexo, com referência .50 (estudo de 2005)

Sexo	<i>Tu (versus você e cê)</i>
Feminino	4/ 17 = 23% Peso = 0,09
Masculino	300/ 380 = 78% Peso = 0,55

Fonte: LUCCA, 2005, p. 83 – com adaptações.

Tabela 42 – Resultados gerais, com as três faixas etárias em função do sexo, com referência .50 (estudo de 2007)

Sexo	<i>Tu (versus você e cê)</i>
Feminino	50/ 464 = 10,8% Peso = 0,41
Masculino	65/ 436 = 14,9% Peso = 0,60
Total	115/ 900 = 12,8%

Fonte: DIAS, 2007, p. 75 – com adaptações.

Tabela 43 – Resultados quanto ao sexo, com referência .50 (estudo de 2007)

Sexo/ faixa etária	<i>Tu (versus você e cê)</i>		
	13 -19 anos	20 - 29 anos	Mais de 30 anos
Feminino	24/ 106 = 22,6%	26/269 = 9,7%	0/89 = 0%
Masculino	27/ 65 = 41,5%	27/155 = 17,4%	11/216 = 5,1%
Totais	51/171 = 29,8%	53/424 = 12,5%	11/305 = 3,6%

Fonte: DIAS, 2007, p. 76 – com adaptações.

Tabela 44 – Efeito do fator sexo em rodadas binárias dos dados da Vila Planalto, referência .50, sem seleção (estudo de 2010)

Sexo	<i>Tu</i> (versus <i>cê</i>)	<i>Tu</i> (versus <i>você</i>)	<i>Cê</i> (versus <i>você</i>)
Feminino	145/ 217 = 66,8% (0,46)*	145/ 258 = 56,2% Peso = 0,38	72/ 185= 38,9% Peso = 0,41
Masculino	128/ 208 = 61,5% (0,54)*	128/ 164 = 78% Peso = 0,68	80/ 116 = 69% Peso = 0,64
Total	273/ 422 = 64,7%	273/ 425 = 64,2%	152/ 301 = 50,5%

Fonte: ANDRADE, 2010, p. 94.

Infere-se dos resultados das dissertações anteriores que o *tu* avança, gradualmente, para o sexo feminino, diminuindo as diferenças entre os sexos encontradas na fala para o uso da variante inovadora, ao longo do pouco tempo de análise dos dados (intervalo de cinco anos). Vejamos, pois, os resultados da presente análise.

Tabela 45 – Efeito do Sexo em percentuais

Sexo	<i>Tu</i>		<i>Você</i>		<i>Cê</i>	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Masculino	235	36%	238	36%	181	28%
Feminino	176	27%	353	53%	135	20%
Totais	411	31%	591	45%	316	24%

Tabela 46 – Efeito do Sexo em pesos relativos (ternária, referência .33)

Sexo	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>
Masculino	.41	.22	.36
Feminino	.25	.46	.28

Tabela 47A – Efeito do Sexo em percentuais binários

Sexo	Tu (<i>versus</i> Cê)		Tu (<i>versus</i> Você)		Cê (<i>versus</i> Você)	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	235/418 = 56,2%		235/474 = 49,6%		182/421 = 43,2%	
Feminino	176/314 = 56,1%		176/532 = 33,1%		135/491 = 27,5%	
Totais	411/732 = 56,1%		411/1006 = 40,9%		317/912 = 34,8%	

Tabela 47B – Efeito do Sexo em pesos relativos (binárias, referência .50)

Sexo	<i>Tu (vs cê)</i>	<i>Tu (vs você)</i>	<i>Cê (vs você)</i>
	Run 60		
Masculino	[.51]	.63	.63
Feminino	[.48]	.38	.38

A análise dos novos resultados e a comparação destes com aqueles (de 2005 a 2010) nos leva a crer, primeiro, que a diferença entre os sexos continua sim, gradualmente, diminuindo. Chama-nos a atenção o fato, de novo (como no fator faixa etária), de o sexo ser selecionado apenas no jogo com a variante *você*, nos levando a conclusões análogas: que o sexo feminino não desfavorece o *tu*, por excelência, mas tende a favorecer o *você*. Ressaltamos que essa conclusão era possível desde os resultados de 2010. Observamos, além disso, nas comparações das rodadas dois a dois, de referência .50, do ano de 2010 e de 2015 apesar de percebermos as mesmas tendências, percebemos uma diminuição das diferenças entre os sexos para o uso da variante *tu* no jogo *tu/ cê*. Antes (em 2010) o peso era de 0.46, pendendo, relativamente, para a variante *cê*, agora, esse valor é de .50, alcançando, assim, o ponto mais neutro possível, sendo, pois, o sexo feminino favorável/desfavorável igualmente para a ocorrência de *tu* e *cê*. Além disso, se em 2010 a diferença entre os sexos na comparação do *tu vs você* era de .30 pontos de pesos, em 2015 observa-se que essa diferença caiu para .25 pontos de pesos.

Assim, confirma-se a hipótese de que gradativamente o *tu* alcança também as falas femininas. Em decorrência disso, confirma-se mais uma vez a hipótese de

espraiamento. E, ainda, confirma-se mais uma vez a hipótese de que o *cê* não é mera forma alternativa da forma *você*.

5.3 Considerações gerais sobre a análise de resultados

Ao que tudo indica, a partir dos fatores analisados anteriormente, consegue-se observar tanto a origem quanto a expansão do pronome *tu* na cidade de Brasília, Distrito Federal. Apesar de termos analisado dados complexos, enviesados no sentido da distribuição de dados pelas variáveis, ou sobreposição nos diversos fatores, obtivemos resultados bastante contundentes em indicar que o *tu*, de raro passa a ficar cada vez mais comum na diversidade de falas em Brasília, com um avanço relativamente rápido, em uma década de observação.

Ao observarmos os dados analisados, realizamos cruzamentos de alguns fatores que indicavam estar sobrepostos para que nossa análise se tornasse ainda mais acurada. Os fatores causadores do enviesamento eram, em princípio: classe social (na junção de fatores: tipo de escola + localidade); tipo de interação entre interlocutores (na junção de fatores: simetria/tema/local) e paralelismo. Esses três conjuntos de fatores demonstraram interação nas rodadas, no interior dos cálculos estatísticos. Ao analisarmos com lupas essas interações, percebemos que o fator paralelismo não causava, de fato, o enviesamento dos resultados, restando os outros dois conjuntos de fatores como causadores dessas sobreposições. Observamos ausência de dados em grande parte das variáveis no fator tipo de escola, que quando cruzado com demais fatores, como localidade; tema, simetria e ambiente de coleta, e até mesmo origens, obteve-se muitos resultados de não convergência, e nas tabulações cruzadas havia, claro, zeros em casas de ocorrências, sinalizando, novamente, má distribuição.

Realizamos testes retirando da rodada o fator tipo de escola e obtivemos como resultados rodadas com e sem convergência, pois outros fatores como localidade, por exemplo, também causam, eventualmente, a não convergência. Realizamos rodadas então retirando o fator localidade, e obtivemos rodadas com convergência. Mesmo atingindo a convergência, não podíamos abdicar de tais fatores.

Ficou evidente nas diversas análises de testes que realizamos, que os fatores elencados com algum desequilíbrio de distribuição e, ainda, que tendem a pesar mais em determinados grupos de fatores que nos demais, causando sobreposição (exemplo: mais tema brincadeira em determinadas localidades que em outras), que mesmo sendo de difícil análise, esses fatores trazem resultados interessantes, apesar de demandarem bastante controle sobre os possíveis enviesamentos e sobreposições.

Cientes de todos os problemas, decidimos manter as análises com todos os fatores, como ficou evidenciado nas análises de resultados, mesmo sem a desejável convergência nas rodadas analisadas, por considerarmos os fatores elencados de suma importância para a observação das variantes em foco. O que fizemos, como já mencionamos anteriormente, foi controlar os enviesamentos e sobreposições, a fim de apresentar análises maximamente ricas. Esperamos ter atingido esse objetivo.

Assim, as análises ficaram, sim, bastante complexas como a complexidade da nossa distribuição de dados exigiu, embora a direcionalidade da variação seja, eminentemente, bastante simples: há o espraiamento da variante *tu*, nos diversos fatores analisados, cujo comportamento demonstra a tendência de convivência em complexa harmonia com as demais variantes, *você* e *cê*, na cidade de Brasília, como tivemos a oportunidade de apresentar. Não nos parece, por ora, que o *tu* vá substituir alguma das variantes em estudo nesta tese. Mas é verdade que se o *tu* entra, ele entra “tomando” um espaço que antes era utilizado por outras variantes. Nossa impressão sobre isso considera o fato de haver uma grande reorganização do sistema pronominal ocorrendo no vernáculo em Brasília (mas não somente em Brasília), em que o lugar deixado pela diminuição de ocorrência da forma *senhor (a)*, resultará em uma maior frequência de outras formas que sejam formais, entre as quais o *você* pode, por vezes, figurar. Essa reorganização demandará um rearranjo de encaixamento de formas menos formais para se contraporem às formais, resultando em alteração de todo o sistema. Tais impressões também merecem ser investigadas futuramente, a fim de confirmar ou refutar tais considerações.

Neste capítulo, vimos e discutimos os resultados que norteiam nossa hipótese de que 1) existe um dialeto brasiliense; 2) a entrada do *tu* no dialeto brasiliense, além de ser uma prova da existência de um dialeto, teve como origem o contato com a fala nordestina, fenômeno natural decorrente do processo migratório; 3) há o espraiamento

da variante inovadora, inclusive em discursos não propiciadores do uso de *tu*, fator que comprova que esta variante não é localizada em um certo grupo ou contexto, ganhando espaços na comunidade de fala brasiliense. Além disso, consideramos que o *tu* é uma marca morfossintática da focalização dialetal na fala de Brasília.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de questões culturais em geral não terem sido foco desta tese, acreditamos, como expressamos na introdução, que Brasília desenvolve aspectos culturais próprios, inclusive linguísticos. No campo artístico, por exemplo, a música, o teatro e as artes visuais angariam, cada vez mais, representantes brasilienses que muitas vezes figuram no cenário nacional. Tais artistas, além de alcançar o público brasileiro através de aspectos culturais eminentemente nacionais, muitas vezes abordam aspectos típicos da cultura local, como, por exemplo: a atenção dada aos concursos públicos⁴⁵, uma identidade bucólica com a vida nos blocos e passeios em vias largas (eixão)⁴⁶; o medo e a atração que permeiam a região administrativa de Ceilândia⁴⁷. Ainda como exemplo de estarmos formando uma cultura local, artistas do restante do país, quando apresentam-se na capital federal, tendem a tecer comentários a respeito da criticidade do público brasiliense, denotando, assim, que esta população tem peculiaridades que a diferenciam das demais. Assim, reafirmamos o sentimento de interesse geral, apontado ao iniciar esta tese, por uma caracterização de uma cultura local, desenvolvida e em desenvolvimento⁴⁸.

Acreditamos ter evidenciado que, apesar de ser uma cidade nova, pode-se dizer que Brasília tem seu próprio dialeto. A fala brasiliense se desenvolveu pelos processos de *mixing*, *levelling* e *focusing*, estando, em 2015, em plena fase de focalização, em que já se pode considerar a existência de um dialeto próprio, diferenciado. Esse dialeto não tem evidentemente muitas marcas, seguindo as tendências estudadas anteriormente de ter passado por período de neutralização de traços, que corresponde ao processo de nivelamento ou difusão dialetal. Porém, como pudemos demonstrar, o dialeto que se desenvolve em Brasília já apresenta algumas características próprias, tais como: um possível nível intermediário e distinto de abertura/fechamento de vogais pretônicas⁴⁹;

⁴⁵ Há um espetáculo de sucesso em Brasília, que também conquistou os públicos do Rio de Janeiro e São Paulo, estando em cartaz há mais de 4 anos, intitulado “como passar em concurso publico”, da cia G7.

⁴⁶ Por exemplo a banda de rock Legião Urbana, que tem várias canções que revelam a cidade, como Faroeste Caboclo, Tédio, Eduardo e Mônica.

⁴⁷ Em Ceilândia há uma associação das culturas nordestinas e culturas de periferia. Um dos produtos disso é um considerável número de bandas de hip hop, ex: “Cêilândia Revanche do Gueto”. Outro exemplo de destaque desta cidade é uma música da cantora Ellen Oleria: Senzala.

⁴⁸ Como, aliás, é toda forma cultural reconhecida: desenvolvida, mas também em constante desenvolvimento.

⁴⁹ Apesar de esse fenômeno ter sido estudado nas décadas de 1980 e 1990 e seus resultados apontarem para direções diversas, a abertura/fechamento de vogais pretônicas parece ocorrer de forma distinta em Brasília. Baseamos essa afirmação na atenta observação do dialeto brasiliense atual e nos resultados da

uma realização alveolar do /s/ pós-vocálico, menos ditongada que na realização carioca, mas mais ditongada que na realização (não ditongada) de Belo Horizonte, e sibilante de forma saliente; um vocabulário distinto; e o uso crescente do pronome *tu* sem concordância. Ao que tudo indica, o uso do *tu* sem concordância não é estigmatizado em Brasília, apesar de ser um uso estratificado socialmente. As perspectivas são de que, num futuro (difícil de dimensionar), as demais pessoas brasileiras poderão, à medida que visitarem Brasília ou se relacionarem com brasilienses, reconhecer os traços que, somados de certa maneira, serão identificados como uma composição da fala brasiliense.

Além disso, consideramos eficientes nossas análises sobre o surgimento/origem e espraiamento da variante *tu* em Brasília. Inequivocamente, essa forma entra na fala brasiliense via Nordeste, em decorrência da expressiva migração dessas populações para as terras do Planalto Central (no passado e no presente), como foi demonstrado em capítulos anteriores. Apesar de o pronome *tu* ter ficado suspenso na fala, nas primeiras décadas de desenvolvimento da cidade, a variante inovadora surge no dialeto brasiliense algumas décadas depois de sua inauguração. Esse surgimento do *tu* na fala em Brasília não parece obedecer somente o efeito de uma onda, em que esta afetaria as pessoas mais diretamente ligadas aos falantes de *tu* (como no caso de um espraiamento via redes), mas parece se espalhar de modo gravitacional também, envolvendo toda a comunidade de forma gradual, agindo como que por magnetismo, atração, em que mesmo pessoas que não se relacionam cotidianamente com migrantes nordestinos usam, ainda que em menor frequência, a variante inovadora⁵⁰. Esse fato fica evidenciado nos resultados quantitativos do fator origem, em que, independentemente desta, o brasiliense, usa a variante inovadora, ainda que de forma estratificada socialmente. Ou seja, o brasiliense fala *tu*, em maior ou menor grau, apresentando diferentes níveis de ocorrências por sexo, faixa etária, classe social, como pudemos demonstrar. Também a questão do espraiamento se evidencia pela ocorrência de *tu* nas diferentes faixas etárias e entre meninas e meninos, com a gradual diminuição de diferenças, antes acentuadas. Esse

presente pesquisa, que somados sinalizam que as vogais pretônicas tendem a se comportar ora alinhadas ao dialeto nordestino, ora alinhadas ao dialeto sulista, provavelmente também em virtude das diversas forças norteadoras para uma formação dialetal nesta cidade. Pesquisas futuras são necessárias para sustentar ou refutar essa hipótese.

⁵⁰ Em 15 de agosto de 2013, a mãe da pesquisadora, mineira, com então 58 anos, mas há 31 anos vivendo em Brasília, cujas redes de contato diária não conta com representantes nordestinos, tratou sua filha por *tu* por duas vezes em uma conversa de 30 minutos. Vale ressaltar que a pesquisadora não fala com a família sobre o teor de sua pesquisa para poder continuar observando o fenômeno sem interferência (com a única exceção sendo seu marido).

espraiamento se evidencia também através da expressiva ocorrência de *tu* em todas as localidades estudadas, especialmente em Brazlândia, onde a ocorrência de *tu* não seria favorecida segundo características histórico-sociais desta cidade satélite, como pudemos demonstrar⁵¹.

Gosto de pensar a variante *tu* como um símbolo da resistência do retirante brasileiro nordestino, que, mesmo quando emudecido, vive na esperança de não perder para sempre a sua voz, na esperança “água” de voltar a falar. Esta variante é, acima de tudo, emblemática em Brasília, por não causar sentimento negativo ou pejorativo, por ser relativamente neutra em termos de prestígio *versus* estigma.

Observa-se também que a variante inovadora assume um *status* contemporâneo e, parece-nos tender a expressar “emoção/empolgação” na fala brasiliense. Sobre o *status* contemporâneo, corroboramos a hipótese de Dias (2007) de o *tu* ser uma variante favorecida pelo estilo alternativo. Esse *status* para a variante *tu* fica também evidenciado, nas demais pesquisas, quando do seu favorecimento pelas faixas etárias mais jovens. A expressividade emotiva/empolgante do *tu* também se observa na presente análise através do fator tema, em que a variante inovadora fica favorecida quando o assunto demanda emoção, empolgação, espontaneidade, diminuição do monitoramento, ou até mesmo o não monitoramento à fala em razão da prioridade da atenção ser dada ao conteúdo. Somado a essas evidências de *status*, em razão da contemporaneidade e da extrema espontaneidade, acreditamos que a sedimentação e espraiamento dessa forma também ficam favorecidos, causando um efeito de retroalimentação do pronome *tu* na fala brasiliense.

Além dos testes quantitativos corroborarem a hipótese de origem e espraiamento do pronome *tu* em Brasília, eis alguns depoimentos de pessoas que vivenciam no seu dia a dia o dialeto brasiliense, confirmando nossa tese.

⁵¹ Não é foco desta tese refletir sobre um revigoramento do *tu* no Brasil, mas como ele está presente na cidade do Rio de Janeiro (polo cultural brasileiro) há relativamente poucas décadas, também é recente em Brasília (polo político brasileiro) e, ainda, dá sinais de que começa a (re)surgir em São Paulo (polo econômico e industrial), pode ser que somando esses sinais haja insumos para uma reflexão maior sobre o *tu* no Brasil, sobre as questões de (re)surgimento e espraiamento de variantes por migração e/ou gravitação, e sobre comportamentos de fluxos e contra-fluxos (cf. Naro & Scherre, 2013; Martins, 2010; Alves, 2015; Paredes, 2003).

De fato eu só comecei a perceber um pouco a presença do pronome "tu" na minha fala e até mesmo na fala de outras pessoas ao meu redor (amigos/marido), depois que minha mãe comentou comigo que eu passei a usar o "tu". Mas não sei te dizer quando comecei. De acordo com ela, é um "tu" sem concordância. Percebo que eu uso quando há uma relação de proximidade pessoal com quem eu falo. É bem diferente do "tu" do Sul do Brasil, que é seguido de concordância. Digo isso somente por conta de um exemplo que tenho de uma amiga que nasceu em Porto Alegre. Mas não sei dar muitas informações sobre o meu uso, pois não estou atenta ao uso que faço do "tu" e nem ao uso que as outras pessoas fazem. Não é algo que me incomoda e nem que me "salta" aos ouvidos ou que me cause estranhamento. É muito natural. Não sei te dizer sobre a fala de Brasília. (Paula Scherre⁵²)

Tenho 30 anos, sou brasileira, filha de pai do Goiás e mãe de Pernambuco e criada por minha avó, também do Goiás. Passei a perceber na fase adulta que venho utilizando em grande escala o pronome de segunda pessoa "tu", especialmente em situações menos monitoradas, de maior proximidade e intimidade. Também faz parte do meu vernáculo os pronomes "você", "cê" e "senhor", e minha percepção é de que utilizo bastante o "cê" como pronome de esquivar do extremo formal, como "senhor", e informal, como "tu". Assim, parece que passa despercebido o uso de "cê", porque é quase imperceptível na fala. (Cíntia Pacheco⁵³)

Eu uso o pronome "tu" apenas informalmente. Talvez por não fazer a concordância de acordo com a gramática (uso com o verbo na 3ª pessoa do singular), não me sinto à vontade para utilizá-lo em contextos mais formais. Já reparei muita gente falando, também informalmente. Não é muito recorrente, mas acontece com uma certa frequência. Como sou da área de linguística, me chama a atenção alguém falando "tu". Não por ser algo estranho, eu acho natural. Mas como sei que existem estudos sobre isso, fiquei "condicionada" a prestar atenção. Acho que se eu não fosse da área, eu não repararia. Talvez passasse despercebido. Meu marido é de Brasília também, mas não costuma falar "tu". Pra ser sincera, eu não me lembro de ouvi-lo falando[...] (Aline Mesquita⁵⁴)

Em Brasília ninguém usa *tu* não, oh Carol, *tu* se usa mais lá pelo Rio Grande do Sul, essas coisas. *Tu* é trocado pelo *você* aqui em Brasília [...] Tu aqui? Na fala? Não, quase... Acho que é português diferente aqui em Brasília" (Gabriel Queiroz⁵⁵)

Acho que pro futuro não temos utilizado muito, mas quando fala de passado, sim [...] no sentido *tu* foi, *tu* vai (Gabriel, 8 horas depois da primeira resposta)

⁵² Relato da filha de Marta Scherre, Paula, carioca, 35 anos, que mora em Brasília desde que tinha 12 anos. Esse relato veio em resposta sobre o questionamento que a pesquisadora fez sobre sua impressão a respeito do pronome *tu* na fala de Brasília. A resposta ocorreu por *e-mail*, assim como a pergunta, no dia 8/8/2015. Paula não apresenta nenhum traço de outro sotaque em sua fala, realizando o vernáculo exatamente como os demais brasileiros.

⁵³ Relato de uma amiga da pesquisadora, brasileira, linguista. Essa resposta veio por *e-mail*, em resposta ao questionamento sobre a impressão a respeito do uso de *tu* na fala de Brasília. A pergunta foi feita e respondida no dia 8/9/2015.

⁵⁴ Relato de uma amiga da pesquisadora, brasileira, 32 anos. Essa resposta veio por *e-mail*, em resposta ao questionamento sobre a impressão a respeito do uso de *tu* na fala de Brasília. A pergunta foi feita no dia 8 e a resposta veio no dia 9/9/2015.

⁵⁵ Relato do primo da pesquisadora, brasileiro, 27 anos. Resposta da pergunta feita pelo WhatsApp, no dia 9/9/2015, sobre as impressões que ele poderia ter sobre o uso do pronome *tu* em Brasília. Depois da primeira resposta, a pesquisadora pediu para ele refletir sobre isso nas próximas horas do dia, afirmando que já ouvira ele usando tal pronome.

[...] eu vejo ultimamente que o *tu* tá substituindo de novo o *você* porque *você* tá errado e *tu* tá certo. Mas a gente vê muitas vezes, tipo eh, mais em gírias, mais em como pessoas tentando fugir da norma padrão e entrando na norma padrão, tipo: “que porra tu tá fazendo?” [...] não é usado com assiduidade, mas é usado com raridade, as vezes a pessoa troca o *você* só pra falar algo diferente, por exemplo, eh, se eu tô com um amigo meu, isso acontece muito, pelo menos no meu ciclo de amigos, tipo assim ‘caraca, véi, por que *você* fez isso?’ Mas quando a euforia bate, quando eles usam um pouco mais de gírias, ou palavrões, ou algumas hipérboles, eles sempre acrescentam o *tu*”. (Lincoln Szerwinski⁵⁶)

Além dos depoimentos anteriores, tomei a liberdade de exemplificar com as três últimas ocorrências de troca de mensagens⁵⁷ no meu aplicativo de telefone *WhatsApp*, que ocorreu de forma natural, antes de a pesquisadora imaginar que poderia usá-los como exemplos. Vejamos a seguir.

Mãe, tu tá doidona, meu irmão, tu tá falando comigo de mensagem, mãe, a gente tá em casa, velho! (Maria Eduarda Queiroz⁵⁸)

E aí, Carol, foram quantos quilômetros andados? Como é que foi lá, me conta? E aí, tu conseguiu rezar pelo menino? Tu mandou energia boa, igual eu falei, já que *cê* não sabe rezar? (Priscila Queiroz⁵⁹)

Uai, tu vai p miame amanhã, mlk? (pesquisadora⁶⁰)

Apesar de ter cogitado usar primeiro depoimentos e depois alguns exemplos de ocorrência de *tu* no *WhatsApp* apenas na finalização desta tese, consideramos que estes dados são exemplos válidos do uso e do espraiamento desta variante em Brasília. Vale dizer, por fim, que a expressão do *tu* sem concordância, aonde quer que este ocorra no Brasil, revela intimidade/proximidade ou solidariedade nos termos de Brown e Gilman (1960) e Dias (2007).

⁵⁶Filho de uma amiga da pesquisadora, brasileiro, 17 anos. Resposta do questionamento feito por *WhatsApp*, a exemplo do que foi dirigido ao Gabriel anteriormente.

⁵⁷ Entre família, na data da escrita desse parágrafo, dia 9/9/2015.

⁵⁸ Filha da pesquisadora, brasileiro, 16 anos, em mensagem trocada por *WhatsApp* sem pretensão, no dia 3/9/2015. É curioso que esta adolescente foi gravada e faz parte como informante na coleta de dados do Plano Piloto, em 2009, mas, àquela época (segundo observações de sua mãe, pesquisadora), usava o *tu*, mas de forma mais rara (não foi registrado nenhum *tu* desta informante da coleta realizada, por exemplo); mas hoje usa o *tu* em seu vernáculo, nitidamente em uma frequência maior. A informante não autorizou novas gravações de sua fala, em nova coleta.

⁵⁹ Irmã da pesquisadora, brasileiro, 27 anos. Em mensagem trocada pelo *WhatsApp*, também sem pretensão, no dia 6/9/2015.

⁶⁰ Na mesma conversa anteriormente relatada, na apresentação da fala de Priscila, Carolina fala com o irmão Luiz, no grupo dos irmãos do *WhatsApp*, no dia 6/9/2015. Há, portanto, o registro da pesquisadora (brasileiro de 37 anos) usando o pronome inovador, em mensagem trocada sem pretensão de ser usada na presente pesquisa.

Confiamos, igualmente, que sistematizamos não somente as semelhanças, mas também as diferenças existentes entre as formas *você* e *cê*, demonstrando que, apesar da íntima relação entre elas, por serem, inclusive, estágios diferenciados de gramaticalização de um ancestral comum (*vossa mercê*), como pudemos apresentar ao longo desta tese, ambas as formas assumem características discursivas com sutis diferenças, mas que fazem a diferença na hora do uso.

A forma *cê*, das formas estudadas, é a mais átona e, dependendo do contexto, se alinha mais intimamente ao *você*, mas também pode se alinhar mais intimamente ao *tu*, se distanciando do *você*. Além disso, pode funcionar, em contextos discursivos intermediários entre formal e informal, como uma estratégia de esquiva de uso das demais formas, que são tônicas, pois há contextos em que o *tu* é barrado, por seu caráter íntimo/próximo, e o *você* não chega a ser exatamente a melhor opção, por não ser um pronome que goze plenamente de características de formalidade. Esses efeitos ficam evidentes nos resultados quantitativos do fator tipo de interação, em que o *cê* fica fortemente favorecido: 1) em relações de assimetria entre os interlocutores; 2) em relações de simetria entre interlocutores, em interações ocorridas na escola, onde há uma menor liberdade comportamental (se em oposição aos demais ambientes da análise *rua e casa*). O *cê* também fica favorecido pela entonação (pergunta *versus* declaração + exclamação), fato interpretado por nós como uma estratégia de polidez (evidenciando o caráter mais neutro da variante *cê* em oposição às formas mais tônicas *tu* e *você*). Lembramos que, na introdução da presente pesquisa, temos nos primeiros dados exemplificadores justamente um dado em que o informante substitui o *senhora* pelo *cê*. Por fim, a forma *cê* também fica favorecida quando a origem da mãe remete a localizações mais centrais, interioranas no Brasil, associadas aos Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Sobre a forma *você*, observa-se que, muitas vezes, será barrada em interações como as que acabamos de lembrar, entre professor/aluno, por exemplo (se nesse binômio os interlocutores não forem próximos). Nessas ocasiões, o *senhor(a)* poderia figurar também como uma opção, mas, em Brasília, como mencionado anteriormente, essa forma, muito rara, tende a ser barrada pela comunidade linguística⁶¹.

⁶¹ Observa-se essa tendência de forma empírica. Nossos dados não são propícios para analisar tal fenômeno.

O *você* é, como pudemos verificar ao longo deste trabalho, a forma mais produtiva em termos bastante gerais no Brasil e em Brasília, inclusive por ser a mais generalizada, a *default*. Ganha relativamente *status* de mais formalidade, mas, em consideráveis lugares e/ou contextos a formalidade que esta variante expressa, não é suficiente para substituir a forma *senhor(a)*, como explicitado anteriormente. De forma que é uma variante que pode ser considerada, em grande monta, como uma variante neutra. Essa forma fica favorecida em nossas análises pelo sexo feminino e pela faixa etária das crianças, corroborando a hipótese de expressar o que seja menos marcado ou *default*, tanto decorrente das tendências femininas do uso da língua quanto decorrente de ser a forma mais utilizada por crianças, seres que estão ainda em estágio de aquisição da língua (fortemente influenciados pelos pais, pela mãe em especial). Ainda corrobora nossa hipótese de *status* de generalização e de neutralização o fato do *você* ser favorecido pela referência genérica e pela entonação mais neutra (declaração + exclamação em oposição à entonação considerada menos neutra à interrogação). Por fim, a origem materna a favorecer esta variante em nossas análises é a capixaba, onde o *você* também é a variante mais utilizada, segundo nossa revisão bibliográfica.

Consideramos as formas *você* e *cê* bastante produtivas em Brasília, a exemplo do restante do Brasil. Nossos resultados sugerem que elas conviverão muito bem com a forma *tu*, todas funcionando com o mesmo valor de verdade: pronome de segunda pessoa do singular, mas cada uma desempenhando sutilmente suas diferenças dentro da comunidade de fala, neste novo dialeto que se estabelece em Brasília.

O *senhor(a)*, por fim, é bastante formal. Este, sim, poderia ganhar o título de pronome de poder em oposição ao pronome de solidariedade, nos termos de Brown e Gilman (1960) e Dias (2007)⁶². Não sabemos, porém, se o fato de esta variante ser rara em Brasília significa uma expressão social de repúdio. Em cerca de 28 horas de gravação, ela apareceu apenas 6 vezes em toda nossa amostra. Se pudessemos dizer, indubitavelmente, que essa forma está sendo repudiada, seria um repúdio a quê exatamente? Às formas acentuadamente assimétricas em interações linguísticas? Ou se de repúdio mesmo à velhice? Ou, ainda, será possível que, contemporaneamente, pelo menos no lado americano do globo (ou o mais “novo” na história da civilização), as

⁶² Indubitavelmente, o pronome *tu* é associado à solidariedade no PB (aliás, em todas as variedades de português), mas há que se relativizar alguns pontos, como mencionamos anteriormente nesta tese. O *você*, por seu turno, também pode transitar entre poder e solidariedade. O *cê*, por seu turno, nos parece apenas associável à solidariedade, apesar de seu caráter neutro e átono.

comunidades estejam tendendo a abandonar, cada vez mais, os tratamentos mais formais da interação no uso de seus vernáculos? Sobretudo quando esses tratamentos marcam assimetrias? Um estudo que verifique tais questões interessaria à Sociolinguística.

A partir das análises da variação em evidência, percebeu-se que o dialeto brasiliense se desenvolve focalizando, já em suas primeiras gerações, formas marcadas do português brasileiro. Essa evidência configura uma sutil diferença entre as formações dialetais observadas em outras comunidades de fala, como a de Milton Keynes, na Inglaterra, ou a da implementação do Inglês na Nova Zelândia, como tivemos oportunidade de relatar no decorrer desta tese. Nesses lugares, as formas marcadas já eram notadas a partir da terceira ou quarta gerações (mais de 60 anos depois). Nas segundas gerações, as formas mais comuns eram ainda as neutralizadas. Assumimos nesta tese que estamos apenas na segunda geração em Brasília, posto que, dos nossos informantes, cujos pais eram de Brasília, os avós eram majoritariamente/maciçamente migrantes.

Acreditamos, assim, que o uso de formas linguísticas marcadas em dialetos em formação, como ocorre em Brasília, seja inconscientemente uma busca por identidade linguística (somados e para além de todas as análises dos porquês verificados neste estudo). E esta busca por identidade linguística está, de certa forma, acelerada (se comparada com a mesma busca em momentos anteriores da história das línguas). Atribuímos essa necessidade de celeridade em função do tempo à era da modernidade líquida (cf. BAUMAN, 2001), que tem como um dos efeitos a instantaneidade constante de várias facetas humanas, como também tivemos oportunidade de mencionar anteriormente. Estendemos suas aplicações para as questões linguísticas. Assim, podemos esperar que outras cidades em formação também possam ganhar celeridade no processo de formação dialetal com focalização de formas marcadas e que isso pode significar uma busca por identidade, que diferencie e identifique essas comunidades das demais.

Cabe, porém, ponderar o fato de estarmos realmente na segunda geração em Brasília. Apesar de assim assumirmos, este não é um ponto pacífico, visto que teorias a respeito do tema poderão dizer que uma geração tem de 20 a 30 anos, de forma que isso não está tão claro. O que nos leva a assumir, por ora, a teoria de que em Brasília há

apenas duas gerações é o fato de que a pesquisadora questionou toda sua rede de pessoas, no *Facebook*⁶³ e fora dele (400 pessoas de Brasília, mais ou menos), sobre a existência de avós em Brasília. Apesar de apenas 37 pessoas terem respondido no *Facebook*, e outras 11 terem respondido por outros meios, a pesquisadora encontrou, ao todo, apenas cinco casos de conhecimento de avós nascidos em Brasília. Embora esse não seja um resultado de uma pesquisa sistematizada, acreditamos realmente que em 2015 ainda não haja um número considerável de brasilienses que sejam avós. Vale mencionar ainda que não há pesquisa demográfica em Brasília que analise essas questões. Outrossim, caso a questão sobre gerações não seja exatamente como assumimos, a questão da celeridade perderia força e, então, a melhor interpretação seria de que a focalização dialetal em Brasília ocorre nos mesmos moldes que nos demais casos relatados, como no caso da implementação do inglês na Nova Zelândia, por exemplo, sem o incremento dos efeitos da era liquefeita.

Além de futuras reflexões sobre a forma *senhor(a)*, há espaço, na agenda de trabalhos decorrentes da confecção desta tese, a feitura de uma nova amostra na cidade de Brasília, cujos informantes sejam pessoas de faixas etárias mais elevadas para investigar se houve alteração do uso de *tu* desde o trabalho realizado em 2007, para a faixa etária de adultos, corroborando a hipótese de espraiamento também pelo modelo gravitacional e, igualmente, verificando esse espraiamento da variante inovadora em todo o DF e em mais contextos de fala não formais.

Esperamos, por fim, que as reflexões sobre o desenvolvimento do dialeto brasiliense focalizando a entrada e a sedimentação do pronome *tu* sejam frutíferas não apenas para a Sociolinguística que se desenvolve em Brasília, mas também para todos os interessados no funcionamento das línguas.

⁶³ Rede social virtual mundialmente conhecida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ANDRADE, Adriana Lília V. S. *A variação você, cê e ocê no português brasileiro falado*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- AUER, Peter; HINSKENS, Frans; KERSWILL, Paul. *Dialect Change. Convergence and Divergence in European Languages*. Edited Editora: Cambridge University Press, 2005.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 4a ed. Campinas, SP: Pontes, 1956/1995. □
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14^a reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BLOM, Jan-Peter; GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. Antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 31-56.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O falar candango: contato de dialetos no Distrito Federal, Brasil. In: GROßE S. e ZIMMERMAN K. (Eds.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 329-344.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas (Orgs.). *O falar candango – Análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetal*. Brasília: Editora da UnB, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade*. Brasília, Parábola, 2011.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert (1960). The pronouns of power and solidarity. In: BRAT PAULSTON, C.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford, 2003.

CALMON, Elba Nusa. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. 2009. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.

CORRÊA, Cíntia da Costa. *Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria, 1981.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português Contemporâneo*. 3. Ed. 5. ed reimpressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

DALTO, Cristiane Dias de Lima. *Estudo sociolinguístico de primeira e segunda pessoas dos pronomes-objeto nas três capitais do Sul do Brasil*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2002.

DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DUARTE, Maria Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 107-128.

DUARTE, Maria Eugênia L. Sujeito nulo/pleno e marcas de concordância. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, Editora da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, maio/ago., 2010.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. Antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 70-97.

GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2008.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa*. Instrumental e análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HANNA, Elizabeth Seixas. *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1986.

HAUSEN, Telma A. P. *Concordância verbal do pronome “tu” no interior do estado de Santa Catarina*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFPR, Curitiba, 2000.

HAZEN, Kirk. The Family. In: *The handbook of variation and Change*. Edited by Chambers, Trudgill and Schilling-Estes. Blackwell Publishing, 2005, p. 501-523.

HENRIQUES, E. R. & GRANNIER D. M. *Interagindo em português: textos e visões do Brasil*. Brasília: Thesaurus, 2001.

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. “Tu” e “Você” em uma perspectiva intralinguística. Dissertação (Mestrado). Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

HICKEY, Raymond. How do dialects get the features they have? On the process of new dialect formation. In: HICKEY, R. (Ed.). *Motives for language change*. Cambridge: University Press, p. 2-23.

ILARI, R. et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do português falado*. v. 4. Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 79-166.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*. A língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

KERSWILL, Paul; TRUGDILL, Peter. *The birth of new dialects*, 2005.

KERSWILL, Paul. Dialect levelling and geographical diffusion in British English. In: D. BRITAIN; J. CHESHIRE (Eds.). *Social dialectology. In honour of Peter Trudgill*. Amsterdam: Benjamins, 2003. p. 223-243.

LIMA E. E.O.F. & IUNES A. S. *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros*. 1ª Edição. São Paulo: EPU, 1990.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil*. Universidade de São Paulo, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Estágios de aquisição do inglês standard. In: *Sociolingüística*. Tradução de Luíza Leite Bruno Lobo. Maria Stella Vieira da Fonseca e Moema Facure Neves (Orgs.). Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In Fólio, 2003. p. 61-76.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos* (versão preliminar). Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Gramaticalizacao_ufrj.pdf>. Acesso em: 19 out. 2015.

LOPES, Célia Regina dos Santos; Cavalcante, Silvia Regina de Oliveira. A Cronologia do *voceamento* no português brasileiro: expansão de *você*-sujeito e retenção do clítico-*te*. *Linguística*. 2011.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – UFSC, Florianópolis-SC, 1996.

LORENGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. 2004. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – UFPR, Curitiba-PR, 2004.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2005.

MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé-Estado do Amazonas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing Sociolinguistics*. London/New York: Routledge, 2006.

MENON, Odete P. da Silva. A história de você. In: GUEDES, M. et al. (Orgs.). *Teoria e análise linguísticas, novas trilhas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 99-160.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu / você na cidade de Santos, SP*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Remodeling the age variable: Number concord in Brazilian Portuguese. *Language and Variation and Change*. 25 (2013), 1–15. © Cambridge University Press.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de "você" no Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, v. 5(6), p. 114-257, 1956.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variável Lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *Delta*, v. 3, n. 1, p. 19-34, 1987.

OLIVEIRA, Sandi Michele de. *Identidade pessoal e a relevância da análise de "frames" (molduras) para um modelo da negociação de tratamento*, 2006. Universidade de Copenhagen. Disponível em: <www.ruc.dk/isok/skriftserier/XIV-SRK-Pub/SMO/SMO03-Oliveira/>, 2006.

OLIVEIRA, Sandi Michele de. *Um modelo psico-sociolinguístico de formas de tratamento*. Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Universidade de Lisboa, 1993. p. 330-342.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e (') Identidade*. Maceió: Edufal, 2004.

PAREDES SILVA et al. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 115-123, 2. sem., 2000.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI; ABRAÇADO (Orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p.160-169.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Ainda sobre pronomes sujeitos e reflexão verbal: revisitando Naro. In Anthony Julius Naro e a sociolinguística no Brasil – uma homenagem acadêmica. Votre, S. & Roncarati, C. (orgs). Rio de Janeiro, 7letras, 2008.

PINTZUK, Susan. *VERBRUL programs*. 1988. Inédito. Trad. Ivone Isidoro Pinto, rev. Maria Thereza G. Fioretie, coord. Maria Marta Pereira Scherre (original inglês).

PIRES, Flávia de Oliveira Maia. *Brasília em termos: um estudo lexical do Plano Piloto*. 2009. 138 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. 1915-1991. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Prefácio de Serafim da Silva Neto. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANKOFF, David. Variable Rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Nova York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-997.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntatic variation. In: F. J. NEWMYER (ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press. 1988. p. 140-161.

SANKOFF, David. "Statistics in sociolinguistics". In: Mesthrie, R (ed.). *Concise Encyclopedia of Sociolinguistics*. Amsterdã, Elsevier. 2001, p. 828-834. Disponível em: <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/Papers/stats.pdf>>.

SANKOFF, Gillian. *Cross-Sectional and Longitudinal Studies in Sociolinguistics*. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~gillian/LongitStudies.html>>, 2002.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X - A Multivariate Analysis Application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em:

http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em março de 2013.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. Educação & Realidade. 2009.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal do português popular do Brasil. *Delta*, vol. 9, n.1, 1993.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do *Varbrul*. In: Mollica, M.C.e Braga, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147- 178. 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, UFMG, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez., 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle*. Variação Linguística, Mídia e preconceito. Brasília: Parábola, 2006.

SCHERRE, M.M.P; DIAS, E. P; ANDRADE, C. Q; LUCCA, N. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*. In: SIMPÓSIO O PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL, PORTUGAL E ÁFRICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS. Portugal: Évora, out. 2009.

SCHERRE, M.M.P; DIAS, E.P; ANDRADE, C. Q.; MARTINS, G. Variação dos pronomes tu e você. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. 2015.

SCHERRE, M.M.P.; Yacovenco, L.C. Rethinking the gender paradox: the notion of markedness. Paper presented at 41o New Ways of Analysing Variation, at Indiana University Bloomington, Indiana, USA, 2012.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing Sociolinguistic Variation*. Keys Topics in Sociolinguistics. Cambridge, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Martin. Empirical Foundations for a Theory Language Change. Directions for Historical linguistics: A Symposium. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Martin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução Marcos Bagno. Parábola, São Paulo, 2006.

Webgrafia

BRITO, F.; HORTA, C. J. Minas Gerais: crescimento demográfico, migrações e distribuição espacial da população. Disponível em: <<http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/diamantina2002/textos/D56.PDF>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

Dicionário *online* Houaiss. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/oxente/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

Dicionário *online* Caldas Aulete pt. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>> Acesso em: 20 dez. 2015.

<<http://www2.correiobraziliense.com.br/comonasce/>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

<<http://www.codeplan.df.gov.br/menu-de-teste/pesquisas-socioeconomicas/257-pdad-2011.html>>. Acesso em: 9 fev. 2013.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brazil%C3%A2ndia>>. Acesso em: 4 mar. 2013.

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/brasil/brasil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

<<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/3/Relatorio-da-Comissao-Exploradora-do-Planalto-Central-do-Brasil>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

Anexo 01 – Referências específicas⁶⁴

- 1) Subsistema só **VOCÊ** (uso exclusivo das variantes *ocê/cê/ocê*)
 1. ANDRADE, Adriana Lilia Vidigal Soares de. *A variação você, cê, ocê no português brasileiro falado*. Brasília, 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
 2. CALMON, Elba Nusa. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.
 3. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro: considerações a partir dos dados do projeto ALIB*. Comunicação apresentada no I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/08.pdf>>. Acesso em 23 de maio de 2013.
 4. COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. Belo Horizonte, 1999. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
 5. COELHO, Maria do Socorro Vieira. *OS GURUTUBANOS: língua, história e cultura*. Belo Horizonte, 2010. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
 6. GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
 7. NASCIMENTO, Ivanete Belém do. *O uso variável do pronome de segunda pessoa você(s)cê(s) na cidade de São Paulo*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
 8. PERES, Edenize Ponzo. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. Belo Horizonte, 2006. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
 9. RAMOS, Jânia Martins. O uso das formas *você, ocê e cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da. (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, pp. 43-60.
 10. SANTOS, Tânia Ferreira Resende. *Projeto Núcleo de Estudos da História Linguística de Goiás (NEHLGO)*. Goiânia, 2007. Projeto de Pesquisa (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás.
 11. SCHERRE, Maria Marta Pereira; BENFICA, Samine. *Sobre a variação de pronomes de segunda pessoa na fala de Pombal-GO*. Vitória, 2012. Resultados

⁶⁴ Cedidas, generosamente, por Scherre et al (2015).

de pesquisa em andamento (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.

2) Subsistema tu/VOCÊ – em que o tu está em preferência

1. ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Fortaleza, 2010a. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.
2. AMARAL, Luís I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre, 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3. BABILÔNIA, Leandro; MARTINS, Silvana Andrade. “A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes *tu/você* na fala manauara”. *Guavira Letras*. Três Lagoas. v. 13. n. 1, ago/dez. 2011, pp. 49-60.
4. BOLIVAR, Thiago. *A forma você em interações comerciais em Porto Alegre*. Campinas, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.
5. CAMPOS, Benedita Maria do Socorro P. Campos. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-Pará*. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.
6. FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia - SC*. Curitiba, 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
7. HAUSEN, Telma Acácia Pacheco. *Concordância verbal do pronome “tu” no interior do Estado de Santa Catarina*. Curitiba, 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
8. HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. “*Tu*” e “*você*” em uma perspectiva intra-lingüística. Uberlândia, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia.
9. LOREGIAN-PELKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
10. LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.
11. MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas*. Brasília, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
12. PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. *Concordância verbal: o pronome ‘Tu’ na fala pessoense*. João Pessoa, 1999. Relatório de pesquisa (Mestrado em Letras) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. Inédito.

13. SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Identidade linguística brasileira: o papel da pesquisa variacionista*. Palestra proferida na IV Jornada do curso de Letras – Campus de Cametá, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Linguagem do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Cametá, 14 set. 2011.
14. SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas – uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica.
15. SOARES, Izabel Cristina. R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira. “Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança”. *MOARA - Estudos da Língua em Uso: Revista do Curso de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém*, n. 1, mar/set 1993, pp. 27-64.

3) Subsistema VOCÊ/tu – em que o você está em preferência.

1. ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Fortaleza, 2010a. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.
2. ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos? - A segunda pessoa na fala brasiliense*. Brasília, 2010a. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
3. ASSUNÇÃO, Janivam da Silva; ALMEIDA, Norma da Silva F. de. *A realização de tu e você na variante linguística de falantes feirenses*. Feira de Santana, 2011. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana.
4. DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasiliense falado*. Brasília, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
5. DIVINO, Ludinalva Santos do Amor. *Como trato o meu receptor? (A propósito do uso de tu/você em Santo Antônio de Jesus - BA)*. Salvador, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
6. LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; SILVA, Aline dos Santos; SANTOS, Viviane Maia dos. “Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca”. *Neue Romania*. v. 39, 2009, pp. 49-66.
7. LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Brasília, 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
8. MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu / você na cidade de Santos–SP*. São Paulo, 2006.
9. MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)*. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
10. OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. *Tu e você no português afro-brasileiro*. Comunicação apresentada no VI Seminário de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

11. OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. *Tu e Você no português popular do Estado da Bahia*. Comunicação apresentada no VIII Seminário de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
12. PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, pp. 160-169.
13. SANTANA, Jan Carlos Dias de. *O uso dos pronomes tu e você no falar feirense culto*. Feira de Santana, 2008. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana.
14. SANTOS, Viviane Maia dos. “*Tu vai para onde?... Você vai para onde?*”: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Questionário

1) Qual seu nome, data de aniversário e naturalidade.

R: Luiziana Laitano Boneto, ~~25~~ 15 anos, brasileira,
25/08/1977. 8ª série D.

2) Seus pais são de que estado e cidade?

Mãe: Parnaíba, PI

Pai: Curumata, PI

3) Quando seus pais vieram para Brasília?

R: Meus pais vieram para Brasília nos anos 80.

4) Já morou em outro estado? Onde, por quanto tempo?

R: Não.

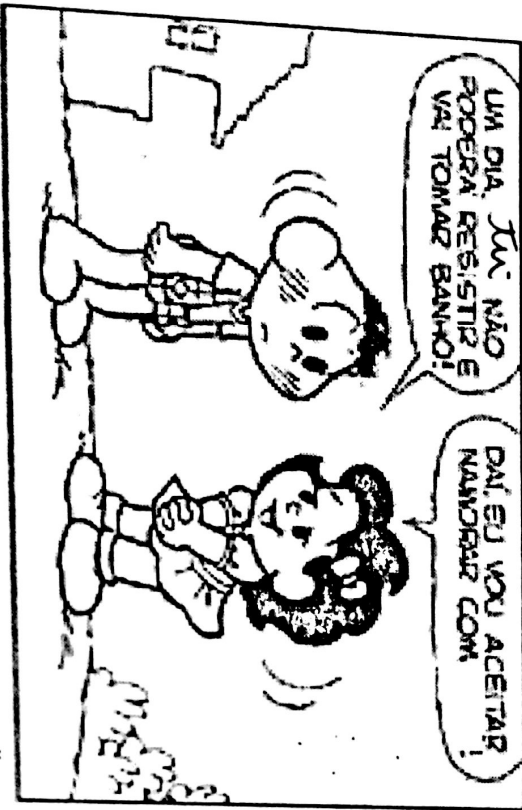
Preencha as lacunas abaixo:

Que que Ch. tá pensando?

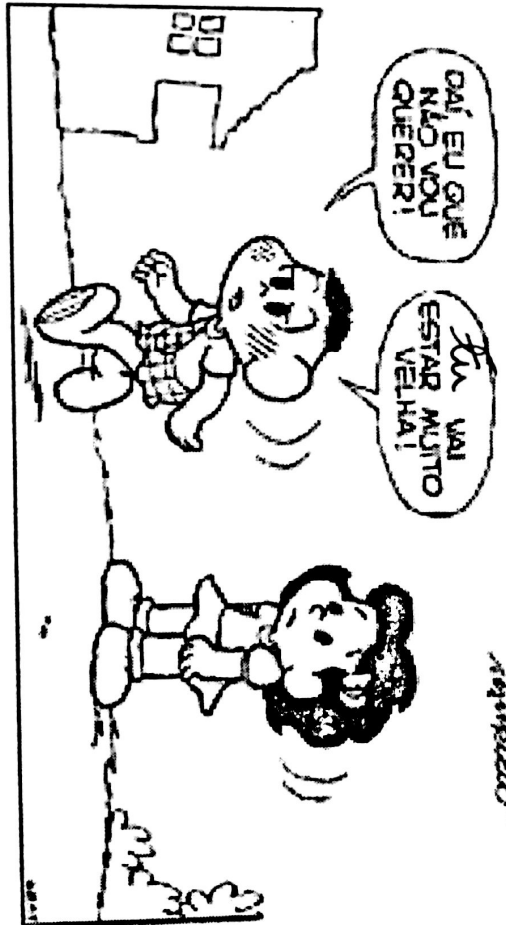
Ch. quer sair comigo?

Mã. vai falar comigo?

Mã. tem lápis?

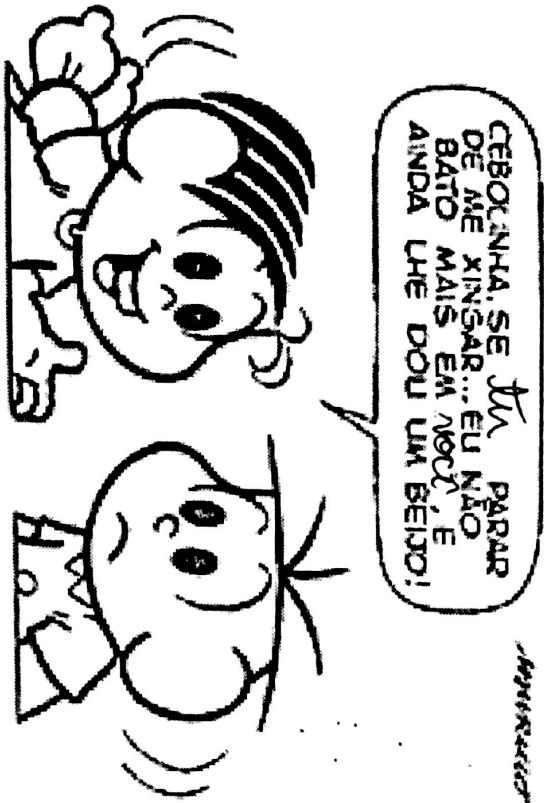


© 1991 Mauricio de Sousa Prod.

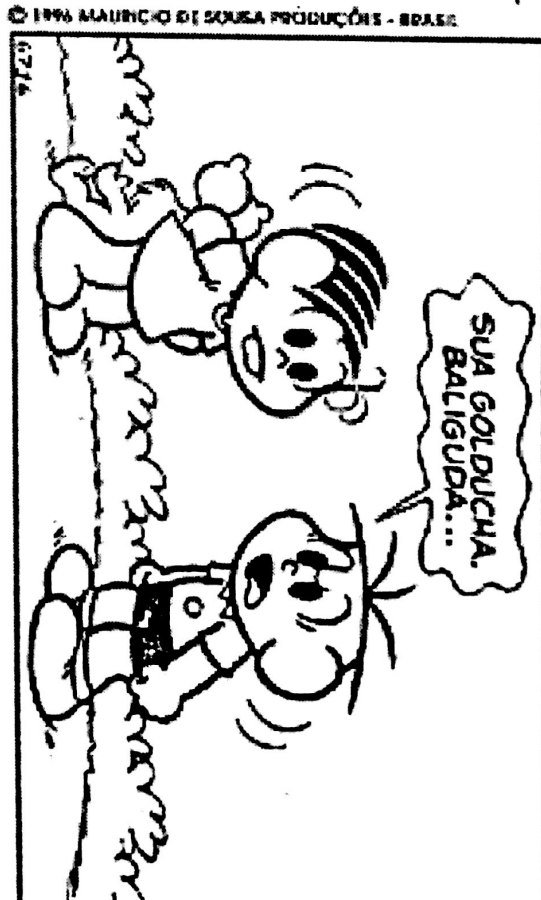


Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6849



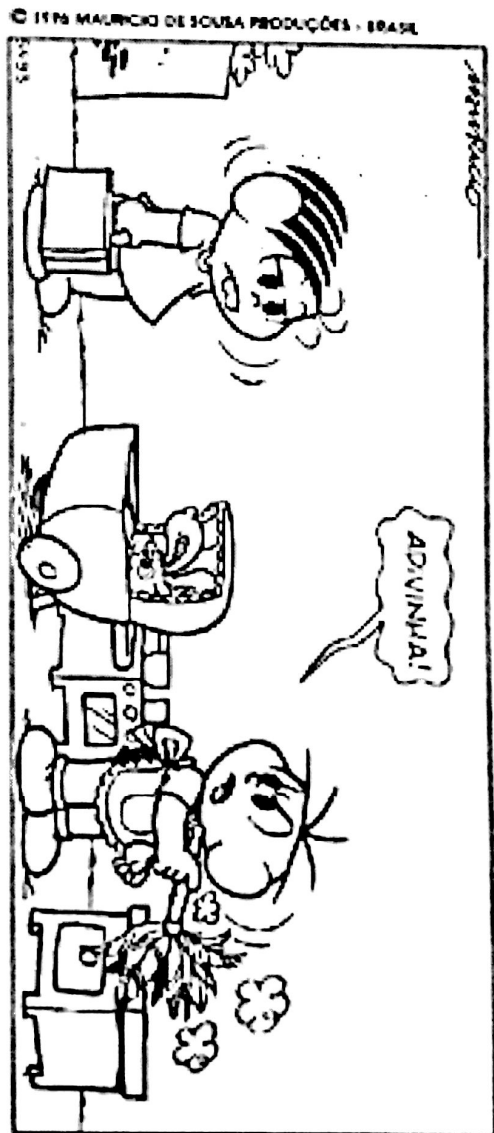
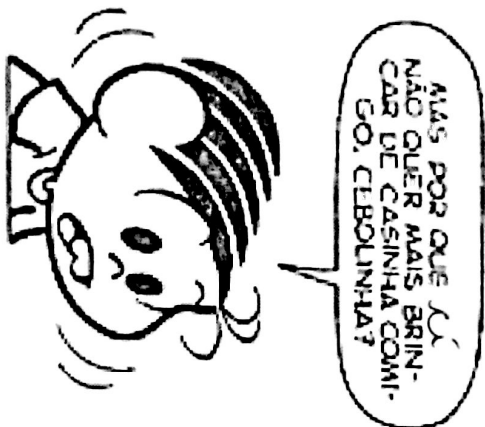
CEBOKINHA, SE TU PARAR DE ME XINGAR... EU NÃO BATO MAIS EM VOCÊ, E AINDA LHE DOU UM BEIJO!



SUA GOLDUCHA, BALIGUDA...

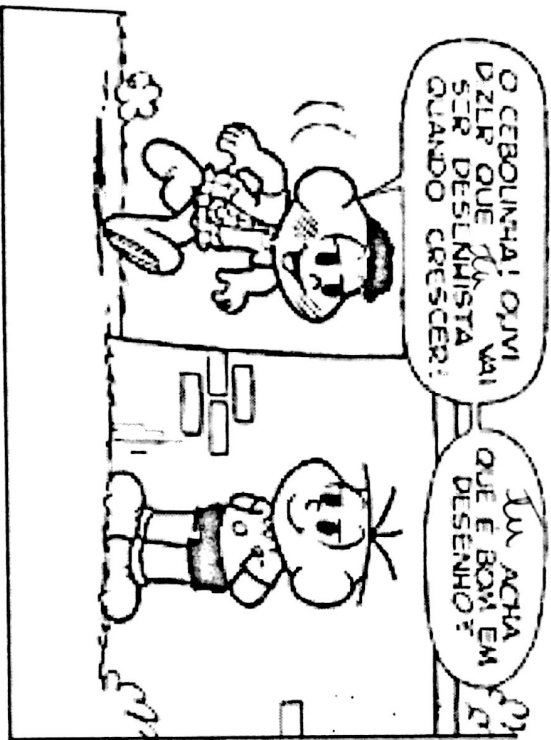
Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6716

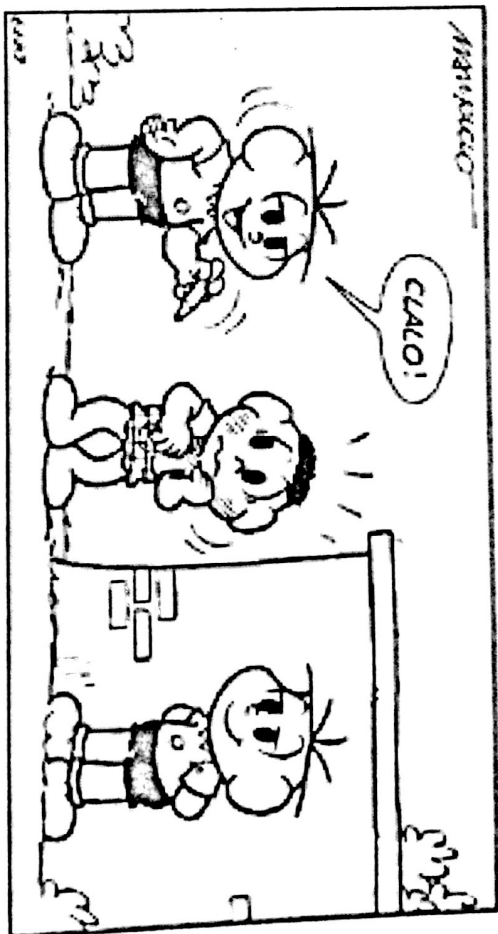


Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6493



© 1998 MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - MARIACCO



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6687



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

8905